

**MARINA GLÁUCIA VERZOLA**

**MULHERES NO PODER: A CONSTITUIÇÃO DO *ETHOS* RETÓRICO  
EM DISCURSOS DE PRESIDENTAS**

Dissertação apresentada à Universidade de Franca, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Flávia Figueiredo.

**FRANCA  
2012**

MARINA GLÁUCIA VERZOLA

MULHERES NO PODER: A CONSTITUIÇÃO DO *ETHOS* RETÓRICO  
EM DISCURSOS DE PRESIDENTAS

COMISSÃO JULGADORA DO PROGRAMA DE MESTRADO EM LINGUÍSTICA

Presidente: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Flávia Figueiredo  
Universidade de Franca

Titular 1: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marina Célia Mendonça  
Unesp

Titular 2: Prof. Dr. Juscelino Pernambuco  
Universidade de Franca

Franca, 10/03/2012

**DEDICO** este trabalho aos profissionais da área de Letras e Linguística, assim como a todos aqueles interessados nos estudos da Retórica e da Argumentação.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, primeiramente, por ter me concedido a oportunidade de trilhar este caminho e, principalmente, por manter sua luz sobre mim;

à minha orientadora, Profa. Dra. Maria Flávia Figueiredo, que com todo seu carinho e simpatia, me guiou pelo percurso da pesquisa;

aos professores do curso de Mestrado em Linguística da Unifran que me ajudaram a construir o conhecimento necessário para desenvolver meu trabalho e, em especial, aos professores Juscelino Pernambuco e Naiá Sadi Câmara, por terem feito valiosas considerações no Exame de Qualificação;

aos meus colegas de curso, com quem sempre dividi os questionamentos, mas também com quem sempre comemorei as vitórias e, em especial, à Rosana, fiel amiga, que sempre me encheu de ânimo nos momentos difíceis;

à minha família, que, com toda sua paciência, sempre me apoiou e incentivou;

ao meu namorado, Wesley, que, em todos os momentos, esteve presente a me ajudar e dar força.

*Com a retórica até o pobre pode enfrentar e vencer, no meio dos outros homens ou frente a uma assembléia, os poderosos e os ricos. Na eloquência não há distinção de classes, mas apenas capacidades e méritos individuais.*

António Fidalgo

## RESUMO

VERZOLA, Marina Gláucia. **Mulheres no poder**: a constituição do *ethos* retórico nos discursos de presidentas. 2012. 126 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Franca.

Durante o período de eleições governamentais, percebemos, na maioria das comunidades, discussões acerca dos principais candidatos, suas vidas, discursos e expectativas. A política faz parte do dia a dia de todo cidadão e, por isso, o assunto torna-se ainda mais relevante quando analisamos a situação política mundial e constatamos: mesmo que esta realidade venha sofrendo mudanças, as mulheres continuam a ocupar um lugar bem restrito no que se refere a cargos de liderança. Em 2010, apenas oito por cento dos governantes no mundo eram mulheres, isto significa 18 líderes do sexo feminino, contando com a atual presidenta do Brasil, Dilma Rousseff. Em decorrência das reflexões feitas sobre essa situação, o objetivo deste trabalho é analisar como o *ethos* retórico é constituído em discursos de presidentas. Para isso, foram selecionados discursos de três governantes, as quais julgamos mais relevantes para nosso objetivo: além de nossa atual presidenta da República, Dilma Rousseff, escolhemos outras duas líderes governamentais contemporâneas, a presidenta da Argentina, Cristina Fernández Kirchner e a presidenta da Costa Rica, Laura Chinchilla Miranda. Como base teórica, utilizamos estudos da Argumentação e da Retórica sobre o *ethos*, sobretudo nos trabalhos de Michel Meyer, Olivier Reboul e Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca. Em termos metodológicos, delimitamos o *corpus* e fizemos a transcrição de cada um dos discursos selecionados. Em seguida, procedemos à análise dos excertos que apresentam a constituição do *ethos* retórico das líderes selecionadas para este trabalho. Dessa forma, pudemos perceber que as três presidentas utilizam estratégias retóricas bastante parecidas para criarem seus *ethos* de pessoa de bem. No entanto, percebemos, também, que cada uma delas dá atenção àquilo que é relevante em sua sociedade, justificando, dessa forma, algumas diferenças na construção dos discursos.

**Palavras-chave:** *Ethos*; Mulher; Política; Retórica.

## ABSTRACT

VERZOLA, Marina Gláucia. **Mulheres no poder**: a constituição do *ethos* retórico nos discursos de presidentas. 2012. 126 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Franca.

During the period of government elections, we notice, in most communities, discussions about the main candidates, their lives, speeches, and expectations. Politics is part of all citizens' daily life and, therefore, it becomes even more relevant when we analyze the world political situation and we find out that: even though this situation has been changing, women continue to occupy a very restricted place when it refers to leadership positions. In 2010, only eight percent of the world leaders were women, this means 18 female leaders, with the current president of Brazil, Dilma Rousseff. Regarding the reflections made about this situation, the aim of this work is to analyze how rhetorical *ethos* is constituted in the speeches of women presidents. To do this, it has been selected speeches from three women presidents who we believe are the most relevant ones, according to our aim: apart from our current Republic President, Dilma Rousseff, we chose two other contemporary government leaders, the president of Argentina, Cristina Fernández Kirchner and the President of Costa Rica, Laura Chinchilla Miranda. As theoretical basis, we made use of studies of Argumentation and Rhetoric about *ethos*, especially the works of Michel Meyer, Olivier Reboul and Chaïm Perelman and Lucie Olbrechts-Tyteca. In terms of methodology, once we have selected the *corpus*, we made the transcription of each one of the speeches. Then we analyzed the extracts that show the constitution of rhetorical *ethos* of the leaders selected for this work. Doing this, we could realize that the women presidents make use of very similar rhetorical strategies in order to constitute their *ethos* of good person. However, we also realize that each one of them gives attention to what is relevant in their society, what justify some differences in the construction of speeches.

**Key words:** *Ethos*; Woman; Politics; Rhetoric.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>1 A RETÓRICA E SEUS COMPONENTES</b> .....	13
1.1 A RETÓRICA: ASPECTOS DE SUA HISTÓRIA .....	13
1.2 A ARGUMENTAÇÃO: UM PILAR DA RETÓRICA .....	20
1.3 CONVENCER E PERSUADIR .....	25
1.4 AS FUNÇÕES DA RETÓRICA.....	27
1.5 O TRIPÉ RETÓRICO .....	29
1.6 O <i>ETHOS</i> RETÓRICO .....	31
<b>2 APRESENTAÇÃO E DESCRIÇÃO DO <i>CORPUS</i></b> .....	38
2.1 DILMA ROUSSEFF .....	40
2.2 CRISTINA FERNÁNDEZ KIRCHNER .....	42
2.3 LAURA CHINCHILLA MIRANDA.....	43
<b>3 A CONSTITUIÇÃO ÉTICA DOS DISCURSOS DE PRESIDENTAS</b> .....	44
3.1 O <i>ETHOS</i> RETÓRICO DE DILMA ROUSSEFF .....	44
3.1.1 Análise do pronunciamento de Dilma Rousseff.....	44
3.1.2 Análise do discurso de posse de Dilma Rousseff.....	54
3.2 O <i>ETHOS</i> RETÓRICO DE CRISTINA F. KIRCHNER .....	65
3.3 O <i>ETHOS</i> RETÓRICO DE LAURA C. MIRANDA.....	70
<b>4 COMPARAÇÕES E SEMELHANÇAS</b> .....	91
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	105
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	108
<b>ANEXOS</b> .....	111
ANEXO A .....	111
ANEXO B.....	114
ANEXO C .....	119
ANEXO D .....	124



## INTRODUÇÃO

Durante o período de eleições governamentais, percebemos, na maioria das comunidades, discussões acerca dos principais candidatos, suas vidas, discursos e expectativas. A política faz parte da vida de todo cidadão que busca melhorias para seu país e se preocupa com o futuro da humanidade. Por isso, o assunto torna-se ainda mais relevante quando analisamos a situação política mundial e constatamos: mesmo que esta realidade venha sofrendo mudanças, as mulheres continuam a ocupar um lugar bem restrito no que se refere a cargos de liderança.

De acordo com dados da revista *Veja* (nov. 2010), atualmente apenas oito por cento dos governantes no mundo são mulheres, isto significa, 18 líderes do sexo feminino, contando com a atual presidenta do Brasil, Dilma Rousseff. (*Veja*, 2010, p. 70).

Durante o segundo semestre do ano de 2010, época das eleições presidenciais, vivenciamos, em nosso país, várias discussões acerca do fato de termos, pela primeira vez na história do Brasil, uma mulher ocupando a presidência da República. Temas, como o preconceito em relação às mulheres, também estavam presentes na sociedade, pois em nosso país “a política ainda é tratada como assunto de homem. Dos 513 assentos da Câmara dos Deputados, 45 são ocupados por mulheres. No Senado, apenas dez dos 81 parlamentares são mulheres.” (*Veja*, 2010, p. 74).

Além disso, podemos perceber que até mesmo as tentativas de transformação da atual realidade brasileira, acabam por deixar mais claro a discriminação das mulheres em nosso país. A Lei das Cotas, que reserva uma determinada quantidade de cargos políticos às mulheres, foi aprovada em 1995 tendo em vista apenas as eleições para as Câmaras Municipais. Em 1997, foi votada a lei 9.504, que reservava de 20% a 30% das vagas às mulheres. No entanto, e de acordo com Delgado (1996), esta cota de 30% da participação das mulheres não resolve a desigualdade, pois a luta deveria ser por 50%.

Pensando nisso, acreditamos ser interessante e relevante para a sociedade e para o momento atual, o estudo da constituição ética dos discursos de mulheres que são presidentas hoje no mundo. Assim, o objetivo deste trabalho é analisar como se dá a constituição do *ethos*<sup>1</sup> retórico em discursos de mulheres que estão no poder, uma vez que, Amossy (2008, p. 10) reporta as palavras de Aristóteles que explica que é “ao caráter moral que o discurso deve [...] quase todo seu poder de persuasão.”

O *corpus* deste trabalho é constituído por quatro discursos de presidentas que estão no poder atualmente. Delimitamos nossa pesquisa ao continente Americano e, por isso, as presidentas cujos discursos serão analisados em nosso trabalho são: Dilma Rousseff (presidenta do Brasil), Cristina Fernández Kirchner (presidenta da Argentina) e Laura Chinchilla Miranda (presidenta da Costa Rica). Além dos três discursos de posse das presidentas citadas, analisaremos também, o pronunciamento de Dilma Rousseff no dia 31 de outubro de 2010, momento em que recebe a confirmação de sua eleição. Não nos alongaremos ao falar do *corpus* deste trabalho nesta parte introdutória, pois dedicaremos um capítulo para sua justificativa e descrição.

Em termos metodológicos, uma vez delimitado o *corpus*, encontramos, em sites disponíveis na internet, os textos e os vídeos dos discursos proferidos. A partir daí, efetuamos a transcrição dos discursos selecionados e, através dos vídeos, pudemos acrescentar palavras ou expressões que foram omitidas no discurso escrito. Após essa etapa, traduzimos os discursos de posse de Cristina Fernández Kirchner e Laura Chinchilla Miranda. Em seguida, um estudo baseado na teoria da retórica e da argumentação foi feito, de modo que pudéssemos agrupar conhecimentos referentes principalmente ao *ethos* retórico, fortalecendo, assim, nossa análise. Dessa maneira, procedemos à análise dos excertos que apresentam a constituição do *ethos* retórico das líderes selecionadas para a pesquisa. Por último, elaboramos as considerações finais que versam sobre as descobertas feitas através do trabalho.

---

<sup>1</sup> Os termos *ethos*, *pathos* e *logos* serão utilizados ao longo do nosso trabalho e, por esse motivo, é importante esclarecer que há divergência na maneira como são escritos pelos autores. No entanto, utilizaremos sempre as formas *ethos*, *pathos* e *logos*, salvo em citações, nas quais seremos fiéis à escrita de cada autor consultado.

Como arcabouço teórico, utilizamos livros e artigos variados provenientes de autores estrangeiros e também de nosso país. Para estudar a história da retórica, fizemos uso de *Introdução à retórica*, de Olivier Reboul, assim como de *Linguagem e persuasão*, de Adilson Citelli. Outro autor também importante para essa etapa foi Antônio Suárez Abreu, com sua obra *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. Além disso, também utilizamos seu artigo chamado *Breves considerações sobre a arte de Argumentar* publicado na Coleção Mestrado da Universidade de Franca. Também nos valem de um texto do autor António Fidalgo intitulado *Definição de retórica e cultura grega*.

Para conceituar *ethos* fizemos uso dos livros *A retórica*, de Michel Meyer, *Tratado da argumentação*, de Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca e *Imagens de si no discurso: a construção do ethos* de Ruth Amossy.

O primeiro capítulo deste trabalho representa a parte teórica que foi fragmentada em alguns itens para sua melhor compreensão. Inicialmente, no item 1.1, apresentamos um pouco da história da retórica, disciplina que norteia toda nossa pesquisa. Em seguida, no item 1.2, escrevemos sobre a argumentação, parte não menos importante, pois representa um pilar da retórica. O item 1.3 foi criado para refletirmos, através de alguns autores, as ideias acerca do que vem a ser a persuasão e o convencimento, já que utilizamos esses dois termos inúmeras vezes em nosso trabalho. O item 1.4 nos explica sobre as funções que a retórica comporta. Esse item se faz necessário devido à função persuasiva, na qual se insere esta pesquisa. O item seguinte, 1.5, é reservado para o estudo do tripé retórico, constituído pelo *ethos*, *pathos* e *logos*. Essas são instâncias que se entrelaçam na tecitura dos discursos. Devido a isso, decidimos dedicar atenção a esse tripé como um todo, pois trabalhamos com os três domínios, mas é importante ressaltar que nosso objetivo é analisar, sobretudo, a constituição ética do discurso feminino, mesmo que para isso tenhamos que abordar o *pathos* e o *logos*. Portanto, o último item desse capítulo, o item 1.6, trata apenas do *ethos* retórico, parte teórica essencial para nossas análises.

O segundo capítulo dedica-se à descrição e justificativa do *corpus*. Nele explicamos detalhadamente o que nos levou a escolher as três presidentas selecionadas para esta pesquisa. No item 2.1 escrevemos sobre Dilma Rousseff e seus dois discursos delimitados para análise. No item 2.2 encontramos informações

sobre Cristina Fernández Kirchner e seu discurso de posse, assim como no item 2.3 apresentamos informações sobre Laura Chinchilla Miranda seu também discurso de posse.

O capítulo terceiro é dedicado às análises dos discursos selecionados e ele foi segmentado de modo que cada item refira-se à análise de um discurso. O item 3.1 é reservado para a análise do pronunciamento de Dilma Rousseff do dia 31 de outubro de 2010, momento em que ela acabara de receber a confirmação de sua eleição. O item 3.2 traz a análise do discurso de posse de nossa presidenta, assim como o item 3.3 constitui-se da análise do discurso de posse da presidenta argentina, Cristina Fernández Kirchner. Por fim, fechando a parte de análises, encontramos, no item 3.4, a análise do discurso de posse da presidenta da Costa Rica, Laura Chinchilla Miranda.

Após esses três capítulos, apresentamos as considerações finais<sup>2</sup> seguidas das referências e dos anexos.

---

<sup>2</sup> Preferimos Considerações Finais à Conclusão, pois as análises efetuadas nesse trabalho não se esgotam aqui, podendo ser ampliadas posteriormente.

## 1 A RETÓRICA E SEUS COMPONENTES

Nesta primeira parte de nosso trabalho, dedicada à teoria, escrevemos inicialmente sobre a história da retórica, desde seu nascimento até os dias atuais. Damos atenção à argumentação, um dos pilares da retórica, assim como discutimos a diferença entre os termos convencer e persuadir. Comentamos sobre as funções que a retórica comporta, sendo elas a persuasiva, a hermenêutica, a heurística e a pedagógica, e tratamos do tripé retórico como forma de adentrarmos no estudo do *ethos* retórico, o qual constitui a base de nossa pesquisa.

### 1.1 A RETÓRICA: ASPECTOS DE SUA HISTÓRIA

Reboul (2004) afirma que a arte retórica é anterior à sua própria história, pois os homens sempre fizeram uso dela para persuadir. A retórica, definida por Abreu (2002), como a arte de convencer e persuadir, nasceu em Atenas, em meados de 427 a.C.<sup>3</sup> Naquela época (séculos V e IV antes de Cristo), fim do autoritarismo, a população começaria a viver a experiência de uma sociedade democrática e, por este mesmo motivo, era necessária a capacidade de bem argumentar para poder expressar melhor as ideias nas assembleias e tribunais. A preocupação com a estruturação do discurso era tanta que, de acordo com Citelli (2005), as escolas da época criaram novas disciplinas como eloquência, gramática e retórica, visando a ensinar a construção do discurso persuasivo. Citelli diz:

Ademais, o problema não era apenas o de falar, mas fazê-lo de modo convincente e elegante, unindo arte e espírito, bem ao gosto da cultura clássica. A disciplina que cuidava essencialmente de buscar tal harmonia era a *retórica*. (CITELLI, 2005, p. 8).

---

<sup>3</sup> A questão da data e do lugar em que a Retórica surgiu se constitui em uma questão complexa devido à divergência de informações entre os autores. Por isso citamos Abreu (2002), mas devemos estar cientes de que outros autores, como Olivier Reboul (2004), trazem dados diferentes.

De acordo com Abreu (2002), apareceram em Atenas muitos mestres, denominados sábios e sofistas, com o desejo de ensinar ao povo a arte de bem falar. No entanto, pelo fato de serem pessoas que viajavam por vários lugares, traziam consigo ideias que contradiziam os pensamentos filosóficos da época. Abreu (2002) diz que os sofistas não trabalhavam com as verdades absolutas como Platão e Sócrates, mas admitiam vários pontos de vista para uma determinada questão. Suas intenções eram as de fazer com que as pessoas abandonassem as ideias do senso comum e buscassem as possibilidades do verossímil. A esse respeito, António Fidalgo declara:

Os sofistas são livres-pensadores que não obedecem a padrões instituídos, mas que aceitam pôr tudo em causa. São eles que derrubam as vacas sagradas do mito e abrem espaço para o pensamento filosófico. (FIDALGO, 2008, p.10).

Reboul (2004) nos explica que o discurso persuasivo, ensinado pelos sofistas, não visava à verdade, mas sim ao convencimento, ou seja, vencer o interlocutor dominando-o pela palavra. A questão não era mais o saber e sim o poder que as estratégias persuasivas davam ao orador. Abreu (2002) explica que a filosofia foi contra a nova disciplina criada e, durante muito tempo, a retórica foi vista com maus olhos, chegando a ser o termo sofista entendido como pessoa de má-fé, que visa a trapacear os outros devido aos argumentos contraditórios que usavam. De acordo com Fidalgo

A retórica era a técnica de, pelo pensamento e pela palavra, tanto pôr em causa e derrubar o estabelecido, como de erguer novas ideias e novos valores, que, no entanto, se mantinham sempre sujeitos à crítica. Criticar, refutar, derrubar era uma face da atividade sofística, e essa é a que lhe é mais conhecida. (FIDALGO, 2008, p. 10).

Meyer (2007, p. 19) declara que Platão reprovava a retórica (tida por ele como falso saber, ou sofística), opondo-a à filosofia que “se recusa a sujeitar-se às aparências de verdade para dizer tudo e também seu contrário, o que é condenável (...)”.

Aristóteles, de acordo com Reboul (2004), repensa a Retórica de forma diferente da sofística. Para ele, a retórica não é apenas o poder de persuadir, mas a arte de achar os meios de persuasão que cada caso comporta. Reboul (2004),

seguindo a linha de pensamento de Aristóteles, defende a tese de que a Retórica é útil.

No campo do direito, da política, da vida internacional, vivemos sempre uma situação polêmica, em que as armas mais eficazes são as da palavra, visto que só ela – e não a força física – define o justo e o injusto, o útil e o nocivo, o nobre e o desprezível. A retórica, arte ou técnica da palavra, é, portanto, indispensável. E aí está o que a legitima. (REBOUL, 2004, p. 25).

De acordo com Reboul (2004), Aristóteles imprime na retórica um valor positivo, diferente do que os sofistas faziam ao pensá-la como instrumento neutro, valendo apenas pelo seu uso. Além disso, diante da crítica de Platão de que a retórica não se consistia em uma ciência absoluta, Aristóteles afirma que a Retórica não pertence ao domínio da verdade científica, mas, sim, do verossímil. Para explicar o raciocínio aristotélico, Meyer (2007) comenta:

Para ele, a retórica é o inverso necessário da ciência: esta confere certeza em suas conclusões, mas um bom número de questões da vida cotidiana, assim como da vida intelectual, não oferece certeza alguma. Devem essas, em virtude disso, sair do campo da razão? (MEYER, 2007, p. 20).

Por meio dessas palavras de Meyer, percebemos que a retórica se constitui na ciência das respostas múltiplas, pois admite tratar de ideias não necessariamente aceitas como verdadeiras, mas necessárias em um mundo em que os indivíduos apresentam formas diferentes de pensar, agir e viver.

Numa palavra, Aristóteles salva a retórica, colocando-a em seu verdadeiro lugar, atribuindo-lhe um papel modesto, mas indispensável num mundo de incertezas e de conflitos. É a arte de encontrar tudo o que um caso contém de persuasivo, sempre que não houver outro recurso senão o debate contraditório. (REBOUL, 2004, p. 27).

Reboul (2004) diz que Aristóteles coloca a retórica no mesmo plano da dialética, afirmando que ambas são universais e se constituem em uma técnica (no sentido de não serem ciência). Explica também que, para o filósofo, a dialética era um jogo no qual duas pessoas defendiam cada uma a sua tese de acordo com as regras, que eram regras de não se romper com a lógica, e vencida aquela que conseguisse calar o adversário por falta de argumentos.

Para Reboul (2004), a dialética é a parte argumentativa da retórica. “A retórica é apenas uma ‘aplicação’, entre outras, da dialética (...) [ela] utiliza a

dialética como um meio, entre outros, de persuadir.” (2004, p. 35). No entanto, cabe ressaltar, de acordo com o mesmo autor, que “A dialética é um jogo especulativo. A retórica, por sua vez, não é um jogo. É um instrumento de ação social, e seu domínio é o (...) do verossímil.” (p. 37). Em resumo,

Retórica e dialética são, pois, duas disciplinas diferentes, mas que se cruzam como dois círculos em intersecção. A dialética é um jogo intelectual que, entre suas possíveis aplicações, comporta a retórica. Essa é a técnica do discurso persuasivo que, entre outros meios de convencer, utiliza a dialética como instrumento intelectual. Pois bem, se os dois círculos podem cruzar-se, é porque se situam no mesmo plano, e – indo mais longe – porque pertencem em sentido estrito ao mesmo mundo. (REBOUL, 2004, p. 39).

Aristóteles contribui muito para a ampliação do campo da retórica, transformando-a em um sistema que comporta quatro partes, de acordo com Reboul (2004). Essas partes são as fases pelas quais um discurso passa para que ele se torne persuasivo. São elas: a invenção; a disposição; a elocução e a ação. Descreveremos, a seguir, cada uma das partes de maneira sucinta, uma vez que, de acordo com o nosso objetivo, essas definições não constituem parte essencial de nosso trabalho.

A *invenção* consiste em buscar argumentos referentes ao discurso que se quer criar. “Essa tarefa consiste em procurar pontos de vista diferentes daquilo que o senso-comum estabeleceu como certo a respeito de alguma coisa.” (ABREU, 2008, p. 64). Nesta fase do discurso, percebemos também a escolha dos gêneros que, de acordo com Reboul (2004), são três: o judiciário, o deliberativo (ou político) e o epidíctico. Há também, nessa fase, a escolha dos tipos de argumentos que são o *logos*, de ordem racional, e o *ethos* e o *pathos*, de ordem afetiva.

Na *disposição*, os argumentos são organizados de forma ordenada de acordo com nossas intenções. Diz Reboul (2004, p. 57): “É evidente que a maneira de apresentar os fatos já é, em si, um argumento.” E também: “A disposição tem primeiramente uma função econômica: permite nada omitir sem nada repetir; em suma, possibilita que o orador ‘se ache’ a cada momento do discurso.” (p. 60). Por essa razão, Abreu (2008) recorda que a tradição retórica recomenda que se comece o discurso sempre com um argumento forte.

A *elocução* refere-se à parte escrita do discurso, o que envolve o estilo. De acordo com Reboul (2004), esta parte é a mais própria ao orador, pois nela ele



se exprime como tal. A linguagem e o estilo utilizados se transformam em grandes armas para se conquistar o objetivo de persuadir. “Hoje em dia também, quem quiser persuadir o grande público não poderá permitir-se incorreções nem preciosismos, salvo em ocasiões muito precisas.” (REBOUL, 2004, p. 61). O estilo deve se adequar ao assunto a ser tratado e ao auditório, e o elemento que nunca pode faltar é a clareza: “Ser claro é pôr-se ao alcance de seu auditório concreto.” (REBOUL, 2004, p. 63).

A quarta parte, a *ação*, ou seja, a proferição efetiva do discurso é, de acordo com Reboul (2004, p. 67), “o arremate do trabalho retórico (...). É essencial porque, sem ela, o discurso não atingiria o público.” Nessa etapa, o orador deve colocar em prática toda a construção previamente elaborada a fim de convencer e persuadir seu auditório.

Assim era organizado o sistema retórico depois que Aristóteles sistematizou a retórica.

Reboul (2004) diz que para Quintiliano a retórica é sinônimo de cultura, pois em sua obra, *Instituição oratória*, explica que a formação de orador é feita desde a infância. Quintiliano define a retórica como arte de bem falar e, Reboul (2004) explica que o “bem” falar se refere tanto à estética como à moral, ou seja, a honestidade deve estar presente, pois, para esse orador latino, a retórica não é só uma arte, mas é também uma virtude.

No entanto, na época do Império Romano, a retórica começa a perder sua força, diz Reboul (2004). O autor explica que um orador da época, Messala, acreditava que a decadência se devia ao motivo de a sociedade não necessitar mais da retórica como necessitava enquanto democracia. Além disso, como os debates públicos não eram mais frequentes, a eloquência era ensinada apenas nas escolas e de modo artificial.

Ao fim da Antiguidade, quando o Império perde sua força, assistimos ao nascimento do cristianismo e, de acordo com Reboul (2004), ao choque entre a retórica e a nova religião que rejeitava a cultura antiga e, querendo ou não, a cultura retórica, tida como pagã, idólatra e imoral. O declínio maior, entretanto, que quase fez a retórica desaparecer, não ocorreu nessa época. O autor citado acima explica que ela ainda se desenvolveu durante a Idade Média e no Renascimento o seu ensino ainda se constituía em parte essencial da escolaridade. “No entanto, é nesse

período que começa o declínio da retórica. As novas idéias vão dar-lhe o golpe mortal, rompendo o elo entre o argumentativo e o oratório, que lhe davam força e valor.” (REBOUL, 2004, p. 79).

O mesmo autor diz que, no século XVI, o humanista Pedro Ramus separa a dialética da retórica. No século XVII, Descartes também se mostra contra a dialética, destruindo a possibilidade de argumentação contraditória. Descartes repudia a dialética por ela trabalhar com opiniões verossímeis e sujeitas a discussões, e não com a verdade. “A retórica deixa portanto de ser arte e perde seu instrumento dialético.” (REBOUL, 2004, p. 80) .

Duas correntes de pensamento, o positivismo e o romantismo, contribuem ainda mais para seu declínio. A primeira rejeita a retórica devido à verdade científica e a segunda em nome da sinceridade. Mas, como diz ainda o mesmo autor, ela ainda serviria aos debates jurídicos, à política e à pregação, existindo assim, até o século XIX, tratados de retórica. Além do mais, durante o movimento parnasiano (séculos XVIII e XIX) a retórica foi vista, de acordo com Citelli (2005), como sinônimo de embelezamento do discurso. Muitas vezes as figuras de linguagem e de estilo encobriam as insuficiências das ideias, fazendo com que ainda hoje exista a ideia de retórica como sinônimo de enfeite de estilo, mas vazio das ideias.

Reboul (2004) nos diz que, a partir dos anos 60, surge na Europa uma nova retórica, bem diferente daquilo que já se conhecia. Seu objetivo não era mais o de criar discursos, mas sim interpretá-los. Seu campo se amplia de tal forma que ela passa a fazer uso de modernas formas do discurso persuasivo, como a publicidade, e até mesmo de gêneros não persuasivos, como a poesia.

Diz ainda o autor que a retórica moderna é uma retórica estilhaçada porque se fragmenta em estudos distintos de tal modo que é difícil definir o que o termo retórica de fato significa. Ele nos esclarece que de um lado criou-se uma retórica puramente literária, na qual a persuasão não tinha lugar, pois os procedimentos estudados eram as figuras de estilo. Faziam parte desse movimento Jean Cohen, o grupo MU, Gérard Genette e Roland Barthes. De outro lado, criou-se a corrente de Chaim Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca, que se estabelece através da tradição retórica de Aristóteles, Isócrates e Quintiliano, a real tradição do discurso persuasivo.

A obra *Tratado da argumentação* de Chäim Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca, quando publicada em 1958, quase não teve sucesso. Nela, os autores

Buscaram, pois, a lógica do valor, paralela à da ciência, e acabaram por encontrá-la na antiga retórica, completada, como convém, pela dialética. A grande descoberta desse tratado (...) é que, entre a demonstração científica e a arbitrária das crenças, há uma lógica do verossímil, a que dão o nome de argumentação, vinculando-a à antiga retórica. (REBOUL, 2004, p. 89).

Foi apenas nos anos 70 que o pensamento de Perelman e Olbrechts-Tyteca realmente apareceu. E com ele, o outro pilar da retórica, a argumentação, começou a ser estudada a fundo. A esse respeito Reboul (2004) afirma que a retórica compõe-se tanto do elemento oratório quanto do argumentativo. Ainda no corpo deste trabalho, inserimos, mais à frente, um item sobre a argumentação.

Reboul afirma (2004) que, atualmente, o termo “retórica” assumiu sentidos diversos e até divergentes. “Para o senso comum, retórica é sinônimo de coisa empolada, artificial, enfática, declamatória, falsa.” (REBOUL, 2004, p. XIII). De acordo com Michel Meyer (2007, p. 19), “Para muitos, e desde suas origens, a retórica goza de má reputação. Ela é vista como o ‘saber do indistinto’. Seu terreno é o incerto e o vago, o duvidoso e o conflitante.” Devido a isso, os estudos recentes tentam dar um novo ar à retórica, como diz Citelli.

Os recentes trabalhos da retórica têm procurado tirar um pouco da poeira acumulada pelo tempo, afastando-se daquela preocupação de a tudo dar nomes, e buscando muito mais colocar questões como as provenientes da teoria das figuras, dos raciocínios expositivos e da argumentação. O inestimável valor dos conceitos formulados por Aristóteles reencontra espaço para uma reflexão mais arejada e menos contaminada por certas tendências que marcaram a história da retórica. (CITELLI, 2005, p. 17-18).

Ao tratarmos dos estudos atuais referentes à retórica, não podemos nos afastar das ideias de Michel Meyer, autor que imprime uma fisionomia bem própria àquilo que chama de retórica. Ele desenvolve a teoria da problematicidade ou a problematologia, na qual encontramos a ideia de que na linguagem retórica está sempre presente o par pergunta-resposta. “Falar, assim como escrever, equivaleria a suscitar uma questão e, portanto, esses atos trazem sempre implícitas as perguntas que lhes correspondem.” (MEYER, 2007, p. 9). Por isso, para ele, a argumentação é vista como um jogo entre o explícito e o implícito, se levarmos em

consideração que muitas vezes as respostas dadas se referem a perguntas implícitas.

Dessa forma, chegamos a uma nova definição de retórica. Para o autor acima citado ela é a negociação da diferença, ou seja, a negociação da distância existente entre os indivíduos sobre certa questão. Assim, percebemos que entre o orador e seu auditório sempre há uma distância. Essa distância é causada por vários fatores, mas ela só existe devido ao problema-questão instituído desde sempre, pois é ele o motivador da discussão.

Isso significa que o orador e o auditório negociam sua diferença, ou sua distância, se preferimos, comunicando-a reciprocamente. O que constitui a sua diferença, e mesmo o seu diferencial, é certamente múltiplo, e pode ser social, político, ético, ideológico, intelectual – e sabe-se lá o que mais –, mas uma coisa é certa: se não houvesse um problema, uma pergunta que os separasse, não haveria debate entre eles, nem mesmo discussão. (MEYER, 2007, p. 25).

A argumentação só é possível quando existem diferentes pontos de vista, pois, caso contrário, não haveria motivos para que um interlocutor se dirigisse a outro, ou mesmo um orador a seu auditório. Acreditamos serem os diferentes pontos de vista aquilo que constitui a distância ou a diferença e, desse modo, para persuadir seria necessário fazer com que essa distância diminua ou até mesmo se torne inexistente.

A concepção de retórica de Meyer é a que será adotada neste trabalho.

## 1.2 A ARGUMENTAÇÃO: UM PILAR DA RETÓRICA

“Argumentação é uma totalidade que só pode ser entendida em oposição a outra totalidade: a demonstração.” (REBOUL, 2004, p. 92). Perelman & Olbrechts-Tyteca (1996) falam sobre a lógica além da demonstração, dizendo que para melhor expor as características da argumentação é necessário confrontá-la a essas duas concepções, ou seja, a demonstração e a lógica.

Os autores explicam que, na lógica formal, o lógico é livre para elaborar a linguagem do seu sistema assim como decidir sobre os axiomas que irá utilizar. Os lógicos formalistas, de acordo com Perelman & Olbrechts-Tyteca (1996), chegaram a

construir sistemas nos quais não havia preocupação com o sentido das expressões, deixando a interpretação para aqueles que se utilizariam deles.

Em relação à demonstração, Perelman & Olbrechts-Tyteca (1996) afirmam:

Quando se trata de demonstrar uma proposição, basta indicar mediante quais procedimentos ela pode ser obtida como última expressão de uma sequência dedutiva, cujos primeiros elementos são fornecidos por quem construiu o sistema axiomático dentro do qual se efetua a demonstração. De onde vêm esses elementos, sejam eles verdades impessoais, pensamentos divinos, resultados de experiência ou postulados peculiares ao autor, eis questões que o lógico formalista considera alheias à sua disciplina. (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 16).

Os autores explicam que, quando se trata de argumentar, não é possível agir da mesma forma em relação à demonstração e à lógica, pois “*toda argumentação visa à adesão dos espíritos e, por isso mesmo, pressupõe a existência de um contato intelectual* (grifo do autor).” (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 16). Mais adiante, neste trabalho, escrevemos sobre a comunidade efetiva dos espíritos, fato imprescindível para que haja argumentação, na concepção de Perelman & Olbrechts-Tyteca (1996).

Inspirando-se nesses autores, Reboul (2004) diz que a argumentação se distingue da demonstração por cinco motivos:

- 1) dirige-se a um auditório;
- 2) expressa-se em língua natural;
- 3) suas premissas são verossímeis;
- 4) sua progressão depende do orador;
- 5) suas conclusões são sempre contestáveis.

Segundo o mesmo autor, a argumentação é sempre feita diante de um auditório, que pode ser uma única pessoa, um grupo de pessoas ou uma multidão. Perelman & Olbrechts-Tyteca (1996) explicam que essa multidão, a que Reboul se refere, pode ser chamada de auditório universal. Este auditório é constituído pela humanidade inteira. Esses mesmos autores também comentam sobre o auditório particular, aquele que podemos delimitar, pois temos noção do público que o

compõe. No entanto, um auditório nunca é igual ou parecido com outro porque cada um carrega suas crenças e suas emoções. Em suma, há sempre um ponto de vista.

Aqui podemos refletir um pouco mais sobre o auditório e também sobre o orador, pois para que a argumentação ocorra, é necessário a atenção do público. Perelman & Olbrechts-Tyteca (1996, p. 20) dizem que “A maior parte das formas de publicidade e de propaganda se preocupa, acima de tudo, em prender o interesse de um público indiferente, condição indispensável para o andamento de qualquer argumentação.” Além disso, é importante ressaltar que para persuadir não basta apresentar e/ou citar fatos e dados, é necessário que se construa toda a atmosfera para que a argumentação ocorra.

O orador, de acordo com os autores acima citados, deve ter qualidades que lhe permita tomar a palavra e ser ouvido. Mais adiante – no item sobre o *ethos* – tratamos da credibilidade que o orador deve mostrar, e neste caso, até sua vestimenta pode influenciar sua argumentação.

Podemos perceber que a argumentação, o orador e o auditório estão interligados a todo o momento, pois o orador construirá melhor sua argumentação quanto mais souber sobre seu auditório ou estiver em contato com ele.

Perelman & Olbrechts-Tyteca (1996) explicam que a tarefa de definir um auditório é muito difícil, tal como para um escritor que não pode delimitar, com precisão, qual será o público a que seus livros se destinarão. Para os autores, o auditório de um deputado, por exemplo, pode não ser apenas o presidente a quem o político se dirige, mas, sim, todos aqueles que o ouvem, pois sua intenção pode ser a de convencer a opinião pública de seu país. Dessa forma, percebemos que o orador, muitas vezes, modifica seu discurso, pois vai conhecendo o auditório apenas quando entra em contato com ele. Assim, ele deve adequar todo o processo de argumentação de acordo com aquela situação.

É por essa razão que, em matéria de retórica, parece-nos preferível definir o auditório como o *conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação*. Cada orador pensa, de uma forma mais ou menos consciente, naqueles que procura persuadir e que constituem o auditório ao qual se dirigem seus discursos (grifo do autor). (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 22).

Apesar de sabermos ser difícil a tarefa de presumir o auditório, é necessário que o orador construa uma imagem de como acredita que seu auditório

deva ser, pois assim conseguirá elaborar sua argumentação de forma mais real. Nenhum auditório é igual a outro e, por isso, cada vez que se troca de auditório pode ser necessária a troca de estratégias. Devido a isso o orador está sempre se adequando ao seu público, pois

A argumentação efetiva tem de conceber o auditório presumido tão próximo quanto o possível da realidade. Uma imagem inadequada do auditório, resultante da ignorância ou de um concurso imprevisto de circunstâncias, pode ter as mais desagradáveis conseqüências. Uma argumentação considerada persuasiva pode vir a ter um efeito revulsivo sobre um auditório para o qual as razões pró são, de fato, razões contra. (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 22).

Devemos salientar também que, na maioria dos casos, não encontraremos auditórios totalmente homogêneos, pois cada pessoa que constitui esse auditório apresenta um ponto de vista. Dessa forma, o orador deverá utilizar argumentos múltiplos buscando atingir a todos.

Perelman & Olbrechts-Tyteca (1996) comentam sobre modos interessantes de se condicionar o público quando buscamos influenciá-lo. Apenas por motivo de curiosidade, reportamos que, de acordo com os autores, podem-se utilizar meios diversos como a música, a iluminação, a paisagem, o teatro, etc. No entanto, o segredo da argumentação é que o orador sempre busque se adaptar ao seu auditório, pois ele (o auditório) nunca será o mesmo de quando do início do discurso. Por isso Perelman & Olbrechts-Tyteca (1996, p. 27) dizem que “É, de fato, ao auditório que cabe o papel principal para determinar a qualidade da argumentação e o comportamento dos oradores.” Os autores dizem que é obrigação do orador a atividade de adequar seu discurso ao seu auditório e é por esse motivo que o processo da argumentação depende, necessariamente, do público para o qual se dirige.

Ao voltarmos a analisar os motivos pelos quais a argumentação se distingue da demonstração, é necessário abordar a questão da língua utilizada na argumentação. Ela é sempre a língua natural, diferente da demonstração que pode se valer de uma língua artificial, como a álgebra, por exemplo, como diz Reboul (2004). No entanto, mesmo utilizando a língua natural, percebemos a presença de ambiguidades devido ao uso, por exemplo, de termos polissêmicos que dificilmente são entendidos da mesma forma pelas pessoas que constituem o auditório. Além disso, explica o autor citado que, quando a argumentação é oral, ela deve valer-se

de procedimentos oratórios, pois necessita combater a desatenção e o esquecimento por parte do auditório.

Ao tratarmos da verossimilhança, terceiro motivo pelo qual a argumentação se distingue da demonstração, o autor explica que verossímil é tudo aquilo em que a confiança é presumida.

Quando se trata de questões jurídicas, econômicas, políticas, pedagógicas, talvez também éticas e filosóficas, não se lida com o *verdadeiro* ou *falso*, mas com o *mais* ou *menos verossímil*. Inversamente, num mundo onde tudo fosse cientificamente certo, já não seria possível argumentar, nem...agir. Em suma, a argumentação não deve resignar-se ao verossímil como se ele fosse filosofia de pobre, mas deve respeitá-lo como inerente a seu objeto e não ter pretensões a um cientificismo que não passaria de engodo, que na verdade seria anticientífico (grifo do autor). (REBOUL, 2004, p. 95).

Em relação à progressão dos argumentos, quarto motivo pelo qual a argumentação se distingue da demonstração, Reboul (2004) explica que sua disposição é livre, diferente da demonstração, em que os argumentos devem ser postos de forma linear, um após o outro.

A ordem dos argumentos é, pois, relativamente livre, e depende do orador (...). Por outro lado, depende do auditório, no sentido de que o orador dispõe seus argumentos segundo as reações, verificadas ou imaginadas, de seus ouvintes. Em suma, a ordem não é lógica, é psicológica. (REBOUL, 2004, p. 97).

Ao tratarmos das conclusões controversas, último motivo pelo qual a argumentação se distingue da demonstração, o autor afirma que a conclusão é algo de que o orador faz uso para encerrar o debate, "(...) ela expressa acima de tudo o acordo entre os interlocutores." (REBOUL, 2004, p. 97). O auditório não é obrigado a aceitá-la, pois se as premissas são baseadas no verossímil, o autor diz que, ao se tratar da conclusão, não há como fugir também da verossimilhança. Dessa forma, ela é sempre contestável e o auditório se torna responsável pelo sim ou pelo não.

Abreu (2008) salienta que, para que haja uma boa argumentação, o orador deve: 1) identificar claramente seu objetivo, isto é, a tese que quer defender; 2) utilizar uma linguagem compatível com seu auditório; 3) ter credibilidade; 4) ter um contato positivo, amigável com o auditório. Voltaremos a discutir esses tópicos no desenrolar do trabalho.



Sobre o item contato dos espíritos, citado no início, Perelman & Olbrechts-Tyteca (1996) dizem que dentro do processo da argumentação está presente o contato entre os seres, pois a comunicação em si significa contato. Para isso é necessária uma linguagem comum entre todas as partes envolvidas. No entanto, só a linguagem não basta, pois ela não garante que esse contato ocorra. Os autores explicam que as relações sociais facilitam essa atividade e comentam também que, em nosso mundo hierarquizado, existem regras sociais para se iniciarem conversas; por isso, na maioria dos casos, é nos fácil conversar com outra pessoa. Caso essas regras sociais relacionadas à comunicação não existissem, seria um bom indício o fato de alguém nos escutar quando temos a intenção de digirir-lhe a palavra. “Não esqueçamos que ouvir alguém é mostrar-se disposto a aceitar-lhe eventualmente o ponto de vista.” (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 19).

Dessa forma, a adesão dos espíritos representa parte essencial do processo da argumentação, não sendo possível imaginá-lo sem esse acontecimento.

Os autores comentam que para melhor argumentar é preciso modéstia da parte de quem argumenta, pois o que o orador diz

não constitui uma ‘palavra do Evangelho’, ele não dispõe dessa autoridade que faz com que o que diz seja indiscutível e obtém imediatamente a convicção. Ele admite que deve persuadir, pensar nos argumentos que podem influenciar seu interlocutor, preocupar-se com ele, interessar-se por seu estado de espírito. (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 18).

Entendemos a argumentação, como explicita Reboul (2004), como um pilar da retórica, da mesma forma que entendemos também a dialética como outro pilar.

### 1.3 CONVENCER E PERSUADIR

Neste ponto do trabalho, no qual nos encontramos várias vezes usando os termos convencer e persuadir, faz-se necessária a discussão acerca da distinção desses vocábulos.

Para Abreu (2008) há uma grande diferença entre um e outro.

Convencer, como vimos, é fazer com que o outro ou os outros adiram ao nosso pensamento. Mas, muitas vezes, isso não é suficiente. Se pretendo vender um produto a um cliente e consigo que ele concorde comigo sobre a qualidade e a conveniência de adquiri-lo, mas ele não fecha o negócio, eu apenas o terei convencido. O fechamento do negócio, momento em que ele leva o produto e me dá o dinheiro, é obtido por um processo de persuasão. Assim, enquanto convencer é fazer com que um auditório compartilhe as nossas idéias, persuadir é conseguir que esse auditório faça alguma ação pretendida por nós, coisas como comprar um produto, votar em alguém, fazer uma viagem etc. (ABREU, 2008, p. 62).

Para Reboul (2004), persuadir é fazer com que uma pessoa creia em alguma coisa, mas o autor renuncia àquela distinção dizendo que a persuasão retórica consiste em levar a crer, sem, necessariamente fazer com que a pessoa haja de determinada maneira, pois podemos agir por ameaças, sem concordar, caso em que não teremos persuasão retórica. De acordo com a Polis, Enciclopédia Verbo da Sociedade e do Estado, persuadir, etimologicamente, vem do latim “*persuadere*” (“*per* + *suadere*”). O prefixo “*per*” significa de modo completo e “*suadere*”, aconselhar, não impor. Percebemos assim, que a persuasão, de acordo com Reboul (2004) e a Polis, é uma forma velada de manipulação, pois ela é suave. Interessante observar que persuadir apresenta a mesma raiz da palavra suave.

Perelman & Olbrechts-Tyteca (1996) tratam o assunto de forma mais complexa, pois explicam que os termos serão definidos de acordo com as intenções do orador. Incitam a discussão sobre a distinção entre convencer e persuadir, afirmando que ela está relacionada ao tipo de auditório que iremos enfrentar. Os autores comentam que, devido à variedade de auditórios existentes, a atividade de se adequar a todas as suas particularidades seria um processo completamente difícil e com inumeráveis problemas. Por isso, demonstram interesse pela utilização de uma técnica, caso ela exista, que torne possível atingir qualquer tipo de auditório constituído por seres racionais. As primeiras considerações que fazem a respeito desse assunto são as seguintes.

Para demonstrarem que persuadir é mais que convencer, citam o caso de se persuadir uma criança. Quando o objetivo é o resultado (neste caso, o resultado seria a criança agir da forma desejada pelo orador), persuadir é muito mais do que convencer. Convencer constituiria apenas a primeira fase do processo que

levaria à ação. Assim, a ação só ocorreria depois que a criança fosse também persuadida.

Entretanto dizem que, se o objetivo do orador é a adesão racional, convencer é muito mais que persuadir. Como exemplo, comentam o fato de convencermos uma pessoa de que mastigar muito rápido é um perigo. O fato de ela ter sido convencida não implica na ação de comer devagar, pois ela pode ter outra convicção de que há ganho de tempo quando se come mais depressa. Neste caso, a intenção era apenas de convencer e, assim, o convencimento significaria mais que a persuasão.

Indo mais além, Perelman & Olbrechts-Tyteca (1996) propõem chamar de persuasiva aquela argumentação feita a um auditório particular, pois a argumentação que buscaria obter a adesão de todo ser racional seria caracterizada como convincente. No entanto, eles dizem: “Nosso ponto de vista permite compreender que o matiz entre os termos *convencer* e *persuadir* seja sempre impreciso e que, na prática, deva permanecer assim (grifo do autor).” (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 33). Porém, não deixam de afirmar que

É, portanto, a natureza do auditório ao qual alguns argumentos podem ser submetidos com sucesso que determina em ampla medida tanto o aspecto que assumirão as argumentações quanto o caráter, o alcance que lhes serão atribuídos. (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 33).

#### 1.4 AS FUNÇÕES DA RETÓRICA

Outro assunto importante a ser tratado nesta etapa do trabalho diz respeito às funções que a retórica comporta, ou seja, os serviços que ela é capaz de prestar àqueles que a empregam, como explica Reboul (2004). São elas: função hermenêutica; função heurística; função pedagógica e a mais relevante delas, função persuasiva.

A função hermenêutica refere-se à capacidade de interpretação que um orador deve ter face à construção de seu discurso que não é feito de forma isolada. É necessário, de acordo com o autor citado acima, que o orador consiga compreender o discurso alheio para, dessa forma, poder construir melhor o seu próprio discurso.

A função heurística consiste em uma função de descoberta, pois podemos utilizar também a retórica para encontrar alguma coisa e não só para obter o poder. Reboul (2004) explica que a palavra “heurística” vem do verbo grego *euro*, *eureka*, que significa encontrar. Isto casa-se perfeitamente com o mundo em que vivemos. Um mundo que não condiz totalmente com o conhecimento científico e em que a verdade raramente é evidente.

A função pedagógica é a função que sempre existiu nas escolas, tanto na Idade Média quanto na época clássica, quando a retórica fazia parte do programa escolar. Mesmo sendo abolida do ensino francês no século XIX, ela continua a existir, pois

Ensinar a compor segundo um plano, a encadear os argumentos de modo coerente e eficaz, a cuidar do estilo, a encontrar as construções apropriadas e as figuras exatas, a falar distintamente e com vivacidade, não serão retórica, no sentido mais clássico do termo? (REBOUL, 2004, p. XXII).

E era isso que os professores continuavam a fazer nas escolas, mesmo que sem saber. Por isso, o autor afirma que a função pedagógica sempre existiu.

Cabe-nos descrever um pouco mais detalhadamente a função persuasiva da retórica, na qual se insere nosso trabalho e a que Reboul (2004) diz ser a mais evidente e antiga.

Esta função, ainda segundo o mesmo autor, decorre da própria definição de retórica tida como a arte de persuadir. Reboul (2004) baseia-se nesta pergunta para explicar a função: Através de que meios sabemos que um discurso é persuasivo? Ele explica que esses meios são uns de ordem mais racional e outros de ordem mais afetiva, pois, para ele, em retórica, razão e sentimentos são inseparáveis. Ele comenta: “o *persuasivo* do discurso comporta dois aspectos: um a que chamaremos de ‘argumentativo’; e outro, de ‘oratório’ (grifo do autor).” (REBOUL, 2004, p. XVIII).

Os meios referentes à razão são os argumentos, que podem ser de dois tipos: o raciocínio silogístico e o exemplo. No entanto, não daremos muita ênfase a esse assunto, uma vez que a questão mais relevante em nosso trabalho são os meios referentes à afetividade: *ethos* e *pathos*.

A retórica, diz Aristóteles, comporta três tipos de provas (*pisteis*) como meios de persuadir. Os dois primeiros são o *etos* e o *patos* (...) constituem a parte afetiva da persuasão. O terceiro tipo de prova, o raciocínio, resulta do *logos*, constituindo o elemento propriamente dialético da retórica. (REBOUL, 2004, p. 36).

Reboul (2004) explica que o *ethos* é “o caráter que o orador deve assumir para chamar a atenção e angariar a confiança do auditório (...)” (p. XVII), e o *pathos* são “as tendências, os desejos, as emoções do auditório das quais o orador poderá tirar partido.” (p. XVII). Percebemos que *ethos* e *pathos* constituem a parte afetiva e oratória do discurso, levando em consideração que, de acordo com o autor citado, os gestos do orador junto com o tom e as inflexões de sua voz constituem aquilo que damos o nome de oratório.

Ao abordarmos os termos *ethos*, *pathos* e *logos*, faz-se necessária a discussão sobre o tripé retórico.

## 1.5 O TRIPÉ RETÓRICO

Para tratarmos do tripé retórico retomaremos algumas ideias que já foram discutidas neste trabalho, mas que são relevantes neste ponto em que nos encontramos.

Meyer (2007) nos ensina que a retórica recebeu três grandes definições através de Platão, Quintiliano e Aristóteles. Para ele, o primeiro a definia como uma manipulação de um auditório. O segundo dizia que ela é a arte de bem falar, e Aristóteles afirmava que é a exposição de argumentos ou de discursos que devem ou visam persuadir. Devemos acrescentar que é notório que cada uma dessas definições visa a um dos três componentes do tripé retórico que se caracteriza pelo *pathos*, *ethos* e *logos*.

Quando pensamos na definição de Platão – a retórica é a manipulação de um auditório – percebemos que ela está centrada nas concepções referentes à emoção, ou seja, no papel do auditório e em suas reações. Estamos nos referindo ao *pathos*. Este, para Reboul (2004), é um conjunto de sentimentos, emoções e paixões que o orador deve tentar despertar no auditório através do discurso que utiliza. Ele explica inclusive, que no campo do *pathos* é necessária a psicologia, pois

o orador entrará em contato com o lado emocional do auditório e dependerá dele para alcançar o objetivo de persuadir.

Ferreira (2010) explica que, para que o discurso seja retórico, ele necessita ser intenso, expressivo, e agradável ao auditório. Por isso, o orador deve ser capaz de impressionar, atrair o interesse, prolongar a atenção, de modo a sempre atingir e ativar as paixões de seus ouvintes.

No discurso retórico, o esforço por despertar emoções, a simpatia (*pathos*) é carga emotiva que subjaz ao argumento e intenta captar a benevolência do auditório. Dessa forma, é possível entender a natureza retórica dos enunciados: valoram-se tanto pelo que significam quanto pelas sensações que despertam. (FERREIRA, 2010, p. 104).

Além disso, o autor citado acima diz que a expressividade retórica tem sempre como objetivo o auditório, pois para que haja o predomínio do *pathos* é necessário que o auditório seja sempre o foco central. Ferreira (2010) explica que, para melhor atingir o objetivo de persuadir, o orador provoca no auditório, através de seu discurso, sentimentos como a calma, se percebe que seu público está propenso ao medo. Também pode provocar, por exemplo, a culpa, se acredita que essa paixão o ajudará a convencer melhor as pessoas.

Para Meyer (2007) o *pathos* é a fonte de questões suscitadas pelo auditório devido ao fato de que, em retórica, sempre temos o par pergunta-resposta. A pergunta nem sempre é explícita, podendo ser aquilo que causa o problema ou a distância, que é o que faz com que orador e auditório entrem em contato. A resposta cabe ao orador, portanto, ao *ethos*. As questões podem ser de ordens variadas, pois se referem àquilo que o auditório traz consigo mesmo: paixões, emoções ou simplesmente opiniões.

Meyer (2007, p. 36-37) comenta que

A emoção, como a paixão, transforma a pergunta que é feita em resposta, e conseqüentemente a colore de múltiplas tonalidades: estamos falando de temor, de esperança, de ódio, de amor, de desespero e de desejo, e de muitas outras paixões ainda.

Podemos perceber que as paixões que o auditório transmite ao orador são peças importantes do jogo persuasivo, pois através da paixão o orador constrói as respostas de acordo com aquilo que dele é esperado. A ideia de Meyer de que a

retórica se baseia no par pergunta-resposta, esclarece sua afirmação de que com a paixão ou a emoção a pergunta se transforma em resposta, pois se o orador sabe como seu auditório se sente, a resposta já está pronta e deverá ir ao encontro dos sentimentos do público ao qual ele se dirige.

Quintiliano diz que a retórica é a arte de bem falar, o que nos remete ao papel do orador. Aqui entramos em contato com as concepções retóricas voltadas para a expressão, para o “si mesmo”, para a intenção e o querer dizer. Com certeza, estamos no domínio do *ethos*. No entanto, deixaremos para descrever melhor este domínio no próximo item dedicado exclusivamente ao seu estudo.

E o último dessa sequência, Aristóteles, que ao esclarecer que a retórica é a exposição de argumentos ou de discursos que devem ou visam persuadir, faz com que nos remetamos ao discurso, à linguagem e ao racional. Encontramo-nos aqui ligados a concepções relacionadas ao implícito e ao explícito, ao literal e ao figurado, às inferências e ao literário. Entramos no domínio do *logos*, o que diz respeito à argumentação propriamente dita do discurso, como exalta Reboul (2004).

Ekkehard Eggs, no livro organizado por Ruth Amossy (2008) – *Imagens de si no discurso: a construção do ethos* – explica que o lugar em que o *ethos* aparece é no discurso, ou seja, no *logos*. Além disso, ele é construído pelo orador mediante as escolhas feitas para se expressar. Nesse sentido, Ferreira (2010) explica que as várias possibilidades linguísticas e estilísticas de que o orador faz uso, demonstram a imagem que o orador quer criar de si próprio. Este autor elucida que a escolha de ordem dos termos na frase, por exemplo, movimenta os sentidos e pode moldar as opiniões, pois as mudanças operadas no *logos* causam reflexos no *ethos*.

Meyer (2007) diz que esses três elementos (*ethos*, *pathos* e *logos*) são os componentes básicos para que a retórica exista.

É preciso um orador, um auditório ao qual ele se dirija e uma “mídia” por meio da qual eles se encontrem, para comunicar o que pensam e trocar pontos de vista. Essa “mídia” é sempre uma linguagem, que pode ser falada ou escrita, mas também pictórica ou visual. (MEYER, 2007, p. 22).

## 1.6 O *ETHOS* RETÓRICO

Apresentamos aqui, mais detalhadamente, considerações referentes ao *ethos* retórico, devido ao fato de ele constituir parte essencial de nosso trabalho. Ao longo das análises, fazemos uso das concepções de *pathos* e *logos*, pois não é possível trabalhar com apenas um dos componentes do tripé retórico de forma isolada. Desde o início mostramos ser nosso objetivo analisar a constituição ética nos discursos das presidentas selecionadas para esta pesquisa.

O *ethos* retórico, de modo geral, se caracteriza como a imagem, verdadeira ou não, que o orador constrói de si mesmo no intuito de convencer e persuadir seu auditório. Dessa forma, ele está relacionado ao caráter do orador e, por isso, não é possível ao orador atingir o objetivo de persuadir sem ser, ou pelo menos, sem se mostrar ser uma pessoa de bem. Reboul (2004, p. 48) esclarece que o *ethos* “é o caráter que o orador deve assumir para inspirar confiança no auditório, pois, sejam quais forem seus argumentos lógicos, eles nada obtêm sem essa confiança”.

Amossy (2008, p. 24) comenta que, para Ekkehard Eggs, a noção de *ethos* está relacionada a uma dupla dimensão baseada na moral e na estratégia. “A primeira compreende as virtudes diretamente relacionadas à noção de honestidade, a segunda diz respeito aos hábitos e costumes e consiste em se exprimir de maneira apropriada.” A autora ainda reitera que, para Aristóteles, é a conjunção desses dois aspectos o que permite convencer pelo discurso.

Meyer (2007) elucida que a palavra *ethos* está relacionada à ética, pois para os gregos, além de *ethos* representar a imagem de si e o caráter, ele significava também a personalidade, os traços de comportamento e a escolha de vida e dos fins. Além disso, o autor nos explica o que é um orador, já que ao tratarmos de *ethos* estamos sempre o relacionando ao orador. Para ele, esta instância é alguém que deve ser capaz de responder às perguntas que provocaram o debate e que são o motivo que faz com que indivíduos negociem sua diferença: “Seguramente, o orador se mascara ou se revela, se dissimula ou se exhibe com toda transparência, em função da problemática que ele precisa enfrentar.” (MEYER, 2007, p. 36).

O *éthos* é uma excelência que não tem objeto próprio, mas liga-se à pessoa, à imagem que o orador passa de si mesmo, e que o torna exemplar



aos olhos do auditório, que então se dispõe a ouvi-lo e a segui-lo. As virtudes morais, a boa conduta, a confiança que tanto umas quanto outras suscitam conferem ao orador uma *autoridade* (grifo do autor). (MEYER, 2007, p. 34-35).

Ruth Amossy (2008) utiliza as palavras de Roland Barthes para explicar o domínio do *ethos*.

Lembrando os componentes da antiga retórica, Roland Barthes define o *ethos* como “os traços de caráter que o orador deve mostrar ao auditório (pouco importando sua sinceridade) para causar boa impressão: é o seu *jeito* [...]. O orador enuncia uma informação e ao mesmo tempo diz: sou isto, não sou aquilo” (AMOSSY, 2008, p. 10).

Dessa forma, podemos afirmar que a maneira como o orador constrói sua imagem garante grande parte da persuasão.

Só o fato de tomar a palavra já indica a construção de uma imagem, pois não é necessário que o orador fale de si próprio para que o *ethos* comece a operar.

Todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si. Para tanto, não é necessário que o locutor faça seu auto-retrato, detalhe suas qualidades nem mesmo que fale explicitamente de si. Seu estilo, suas competências lingüísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa. (AMOSSY, 2008, p. 9).

É importante que o orador busque atingir as expectativas de seu auditório visando, logo de início, agradar aquele a quem se pretende convencer, pois como exalta Reboul (2004), “a regra de ouro da retórica é levar em conta o auditório.” (p. 142). No entanto, como já dissemos anteriormente, cada auditório apresenta características únicas e é necessário que o orador esteja atento a essas características e, conseqüentemente, se molde de acordo com elas. As expectativas do auditório, segundo o mesmo autor, podem variar de acordo com a idade, o sexo, a competência, o nível social, etc. Amossy (2008) diz que é necessário que o orador construa uma imagem do auditório para que, em função de suas crenças e valores, possa se adequar a ele. E Reboul (2004) afirma:

O orador, portanto, não terá o mesmo *ethos* se estiver falando com velhos camponeses ou com adolescentes citadinos. Mas, em todo caso, ele deve preencher as condições mínimas de credibilidade, mostrar-se sensato, sincero e simpático. Sensato: capaz de dar conselhos razoáveis e

pertinentes. Sincero: não dissimular o que pensa nem o que sabe. Simpático: disposto a ajudar seu auditório. (p. 48).

Isto demonstra que as estratégias retóricas só funcionam se adequadas ao auditório. Sendo assim, uma estratégia que funcionou em uma dada situação pode não funcionar em outro contexto.

Outro fator importante para a constituição correta do *ethos* é a aproximação do orador ao seu auditório em termos de conteúdo, ideologia e linguagem. No que se refere à escolha do vocabulário, o orador deve se preocupar em se comunicar com uma linguagem acessível ao seu auditório e sempre levar em consideração o conhecimento de mundo que esse tem. Se o orador comenta acerca de um assunto ou fato desconhecido de seu interlocutor, a consequência mais provável é a criação de uma maior distância entre eles, e não a aproximação. O mesmo fato ocorre se o orador demonstra possuir ideologia contrária à de seus interlocutores, pois se as idéias são antagônicas, a possibilidade de haver convencimento torna-se ainda mais distante. Se um assunto se caracteriza como controverso, o orador deve evitá-lo na medida do possível para não despertar no auditório um julgamento negativo. Meyer (2007) diz que a retórica é a negociação da diferença, isto é, da distância entre os indivíduos sobre uma questão dada. Convencer e persuadir é diminuir a distância existente entre o orador e seu auditório. Dessa forma, até a linguagem deve ser moldada. Se o auditório se constitui de um público culto, é importante o uso, por parte do orador, de um vocabulário refinado, que atenda às exigências daquele determinado público. Por outro lado, se o público representa uma camada menos letrada da população de um país, é de extrema importância o uso de uma linguagem simples e acessível a esse tipo de auditório.

Sempre elucidamos que o *ethos* se liga à pessoa do orador, no entanto, ele representa uma dimensão bem mais complexa.

O *éthos* é um domínio, um nível, uma estrutura – em resumo, uma dimensão –, mas isso não se limita *àquele que* fala a um auditório, nem mesmo a um autor que se esconde atrás de um texto e cuja “presença”, por esse motivo, afinal, pouco importa. O *éthos* se apresenta de maneira geral como aquele ou aquela com quem o auditório se identifica, o que tem como resultado conseguir que suas respostas sobre a questão tratada sejam aceitas (grifo do autor). (MEYER, 2007, p. 35).

Percebemos que a constituição do *ethos* se efetua na medida em que ocorre uma identificação por parte do auditório.

Neste ponto do trabalho, podemos comentar o que Meyer chama de *ethos* projetivo e *ethos* efetivo. Ele comenta: “O orador pode jogar com a defasagem entre esses dois *éthos*, ou, ao contrário, com a identidade entre eles, a fim de manipular o auditório.” (MEYER, 2007, p. 36). Buscando nos aprofundar nesta questão, vamos explicar qual seria a diferença entre o *ethos* projetivo e o *ethos* efetivo.

O primeiro – *ethos* projetivo – é um *ethos* imanente que o outro da relação retórica projeta como imagem, ou seja, é a imagem que o auditório possui do orador, a priori, e a imagem que o orador acredita ser aquela que o auditório possui dele.

O segundo – *ethos* efetivo – é a imagem realmente construída pelo orador durante seu discurso, visando persuadir o auditório.

O orador, sabendo que o *éthos* projetivo em princípio difere do *éthos* efetivo, pode construir seu discurso de modo que a imagem projetada seja efetivamente controlada. Isso pertence ao domínio daquilo que Aristóteles chamava de *phrónesis*, ou prudência. O orador seorna da virtude que o auditório espera dele e faz uso dessa congruência para comunicar sua mensagem. Ele aparece como é, ao menos é isso que tentará fazer acreditar, ao adotar essa estratégia de adequação, que é uma estratégia de sinceridade, fingida ou real. (MEYER, 2007, p. 53-54).

Dessa forma, estamos abordando as duas imagens existentes do orador. A primeira, criada pelo auditório, é aquela construída antes mesmo de o orador dar início ao seu discurso. Essa imagem pode favorecer ou prejudicar o processo de persuasão, dependendo de suas características boas ou más. O orador, portanto, deve ter conhecimento dessa imagem que o auditório possui dele, para poder modificá-la através da construção de seu discurso, se preciso for, caso ela seja uma imagem negativa. Neste caso, estamos tratando da segunda imagem existente do orador, aquela construída por ele mesmo, no intuito de atender as expectativas de seu auditório.

Se a situação for de um *ethos* projetivo negativo, o orador deverá, durante a construção de seu *ethos* efetivo, fazer uso das qualidades esperadas pelo auditório, mesmo essas não sendo reais. Sobre esse assunto, Reboul (2004) afirma

Assim como o hipócrita, o autor finge sentimentos que não tem, mas sabe disso, e seu público também. Assim também o orador: pode exprimir o que não sente, e sabe disso, mas não pode informar seu público, ou destruiria seu discurso. O ator que finge bem é um artista; o orador que finge bem seria um mentiroso... (REBOUL, 2004, p. 67).

Essas dimensões trabalhadas por Meyer (2007), *ethos* projetivo e *ethos* efetivo, também são discutidas por Galit Haddad no livro *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*, de Ruth Amossy. Haddad dá o nome de *ethos* prévio ou *ethos* pré-discursivo àquilo que Meyer chama de *ethos* projetivo. Ele define o *ethos* prévio/pré-discursivo como a imagem preexistente do locutor. Além disso, chama de *ethos* discursivo, o *ethos* que entendemos como efetivo, pois é para Haddad, a imagem de si que o orador constrói em seu discurso. Sobre esse assunto, ele afirma:

Ora, o orador, ao pronunciar seu discurso, deve construir uma imagem de si que seja análoga a seu objetivo argumentativo, levando em consideração a ideia que presumivelmente o auditório projeta dele. O *ethos* prévio ou pré-discursivo condiciona a construção do *ethos* discursivo e demanda a reelaboração dos estereótipos desfavoráveis que podem diminuir a eficácia do argumento. (HADDAD, 2008, p. 148).

O mesmo autor ainda afirma: “É, pois, a partir da imagem que o público já fez de sua pessoa que o locutor elabora em seu discurso a imagem que deseja transmitir.” (HADDAD, 2008, p.163).

Amossy (2008), a esse respeito, declara:

O bom andamento da troca exige que à imagem do auditório corresponda uma imagem do orador. De fato, a eficácia do discurso é tributária da autoridade de que goza o locutor, isto é, da ideia que seus alocutários fazem de sua pessoa. O orador apóia seus argumentos sobre a doxa que toma emprestada de seu público do mesmo modo que modela seu *ethos* com as representações coletivas que assumem, aos olhos dos interlocutores, um valor positivo e são suscetíveis de produzir neles a impressão apropriada às circunstâncias. Desenvolvendo o pensamento de Perelman, pode-se dizer que a construção discursiva do *ethos* se faz ao sabor de um verdadeiro jogo especular. O orador constrói sua própria imagem em função da imagem que ele faz de seu auditório, isto é, das representações do orador confiável e competente que ele crê ser as do público. (p. 124).

Para a autora, a doxa, à qual ela se refere na citação acima, corresponde ao saber prévio que o auditório possui do orador. A nosso ver, estamos ainda tratando de *ethos* projetivo ou prévio.

No momento em que toma a palavra, o orador faz uma ideia de seu auditório e da maneira pela qual será percebido; avalia o impacto sobre seu discurso atual e trabalha para confirmar sua imagem, para reelaborá-la ou transformá-la e produzir uma impressão conforme às exigências de seu projeto argumentativo. (AMOSSY, 2008, p. 125).

Para concluir essa discussão acerca do *ethos* projetivo e efetivo, a autora ainda comenta que, no caso do discurso político, os oradores criam imagens que a cada enunciação podem ser confirmadas ou refeitas, de acordo com a imagem que o auditório tem do orador.

Meyer (2007), em seu livro *A retórica*, comenta sobre algumas estratégias retóricas bastante utilizadas não só pelos grandes oradores, mas também por pessoas comuns que visam alcançar o objetivo de persuadir.

Primeiramente, ele comenta sobre uma estratégia que visa a diminuir a distância existente entre os indivíduos. É o fato de valorizar e agradar seu interlocutor para poder atingi-lo mais facilmente. “Se eu disser ‘Você, que é um grande especialista, saiba que...’, valorizo meu interlocutor e seu saber, o que torna aquilo que proponho mais aceitável para ele (...)” (MEYER, 2007, p. 51).

Além disso, também é possível que o orador se rebaixe de forma a suscitar misericórdia e simpatia por parte da pessoa que o escuta. Meyer (2007, p. 51) exemplifica da seguinte maneira: ‘Eu, que não passo de um pobre coitado...’. O autor nos explica que este procedimento carrega o nome de *cleuasma*.

Com essas estratégias também é possível minimizar a problematidade assim como a distância, visando convencer e persuadir o auditório.

## 2 APRESENTAÇÃO E DESCRIÇÃO DO *CORPUS*

Neste capítulo, apresentaremos o *corpus* selecionado para este trabalho e justificamos nossa escolha.

No início da pesquisa, época das eleições presidenciais no Brasil, surgiu-nos a ideia de analisar os discursos da então candidata à presidência, Dilma Rousseff. Nosso interesse era o de perceber como ela constituiria seu discurso de maneira a vencer as eleições, fato pouco provável no início de sua candidatura, uma vez que a candidata apresentava alguns pontos de resistência por parte da população brasileira que declarava, por exemplo, que Dilma não era simpática e não tinha experiência, que ela tinha sido terrorista, que o Partido dos Trabalhadores censurava a imprensa e apoiava as FARC (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia), etc. Além disso, a sociedade brasileira vivia pela primeira vez a experiência de poder ter uma mulher ocupando o mais alto cargo político do nosso país. Como já afirmamos na introdução, de acordo com dados da revista *Veja*, a política no Brasil ainda é considerada uma atividade para homens e o preconceito em relação às mulheres ainda faz parte de nossa sociedade. Como reportamos anteriormente, do total de 513 lugares na Câmara dos Deputados, apenas 45 são ocupados por pessoas do sexo feminino, enquanto que no Senado, 10 mulheres estão presentes em meio a 81 assentos.

Analisando a situação política mundial, percebemos que este fato se estende pela maioria dos países, já que encontramos apenas 18 mulheres ocupando cargos de liderança no mundo. Apesar de esta situação estar se alterando, podemos perceber que, no geral, a política continua ainda sendo assunto para homens.

Levando em consideração essas informações, pensamos ser mais interessante e relevante analisarmos não só o discurso de Dilma Rousseff, mas também de outras mulheres que estivessem disputando cargos em eleições ou já estivessem ocupando cargos de liderança.

No momento da delimitação do *corpus*, o processo de eleição em nosso país já havia sido encerrado. O interesse de analisar o discurso de nossa

então presidenta, para sabermos como havia sido construído, em seu pronunciamento, seu *ethos* retórico, aumentou.

Uma breve pesquisa foi feita para sabermos quais eram as mulheres que tinham cargos de liderança no mundo e em que países este fato se fazia presente.

O primeiro fator que levamos em consideração foi a questão *atualidade*, pois pensamos ser mais interessante trabalharmos com discursos de pessoas que se encontram no poder. Devido a isso excluímos algumas de nossas opções como a famosa “Dama de Ferro” (Margaret Thatcher), que comandou a Inglaterra por onze anos.

Outro fator crucial para a delimitação do *corpus* foi o *tipo de regime político* adotado nos países, pois acreditamos ser importante trabalharmos com discursos de líderes que ocupem o mesmo cargo político. Assim, nos foi necessário encontrar mulheres presidentas de Repúblicas Presidencialistas como o Brasil. Mais uma vez, excluímos algumas de nossas opções como Julia Gillard, primeira ministra da Austrália e Angela Merkel, chanceler da Alemanha.

Mais importante ainda era o fato de delimitarmos discursos que, ao serem comparados, pudessem nos trazer contribuições relevantes ao que se refere à nossa identidade cultural. Dessa maneira, não nos seria viável estudar a constituição retórica do discurso da primeira presidente mulher da Finlândia, assim como da Libéria e da Irlanda. Com esse intuito, delimitamos como área de pesquisa o continente Americano, cujos países, por tradição, têm apresentado formas de governo semelhantes ao longo da história. Além disso, nos seria mais lógico analisar discursos provenientes de mulheres presidentas de países próximos ao nosso, cujas culturas e tradições podem ser mais facilmente interpretadas por nós.

Assim, encontramos, no continente Americano, além de Dilma Rousseff, outras duas mulheres presidentas de países cujos sistemas políticos são Repúblicas Presidencialistas como o Brasil. São elas: Cristina Fernández Kirchner, presidenta da Argentina e Laura Chinchilla Miranda, presidenta da Costa Rica. Dessa forma, selecionamos as três governantes mulheres da atualidade que ocupam o cargo de presidentas da República em seus países dentro do continente citado. Dilma tomou posse no dia primeiro de janeiro de 2011, enquanto que

Kirchner governa desde 10 de dezembro de 2007, estando em seu segundo mandato, e Laura Chinchilla desde oito de maio de 2010.

Os próximos itens referem-se à vida de cada uma das três presidentas selecionadas. Tratamos também dos discursos que iremos analisar.

## 2.1 DILMA ROUSSEFF

Dilma Rousseff foi eleita a primeira presidenta da República do Brasil. Filha de Pedro Rousseff (Pétar Russév), imigrante búlgaro, e Dilma Jane Silva, professora, ela nasceu em 14 de dezembro de 1947, em Belo Horizonte. Teve uma infância feliz, mas desde cedo sabia das dificuldades sociais que grande parte da população brasileira enfrentava. Fazia trabalho voluntário no Morro do Papagaio com colegas e freiras do colégio.

O pai sempre a incentivou nas leituras e, quando tinha apenas 14 anos, já havia lido *Germinál*, romance de Émile Zola sobre as subumanas condições de vida daqueles que trabalhavam em minas de carvão. Também fazia parte de sua biblioteca *Humilhados e Ofendidos* de Dostoiévski.

Estudou no Colégio Estadual Central, em Belo Horizonte, onde concluiu o ensino médio, e depois cursou a faculdade de economia na Universidade Federal de Minas Gerais.

A geração de Dilma crescera envolvida com a política do país que estava às vésperas do golpe militar. Quando tinha apenas 16 anos ela já fazia parte de organizações clandestinas como Polop, Colina e VAR-Palmares. A repressão era tão forte que qualquer reivindicação era proibida, as artes estavam sob censura e pessoas eram presas, torturadas, exiladas e até assassinadas.

Casa-se com o companheiro de militância Claudio Galeno, mas ao se encaminharem para diferentes cidades, acabam se separando. Em 1970, quando foi presa e torturada, já se encontrava casada novamente com o advogado e militante gaúcho Carlos Araújo. Cumpre pena de dois anos e um mês de prisão.

Depois de libertada, muda-se para Porto Alegre e volta aos estudos na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em 1975, se torna estagiária na Fundação de Economia e Estatística (FEE). Ela se envolve na campanha pela



Anistia e funda, junto com o marido, o PDT do Rio Grande do Sul. Atua fortemente no movimento pelas *Diretas Já*. Em 1982, é escolhida pelo novo prefeito de Porto Alegre, o pedetista Alceu Collares, para a Secretaria da Fazenda.

No fim da década de 80, Dilma atuava como diretora-geral da Câmara de Vereadores, tornando-se mais tarde, a presidente da FEE, onde começou como estagiária. Em 1993 assume o cargo de secretária estadual de Minas, Energia e Comunicação. No final da década de 90, Dilma filia-se ao PT. No começo de 2000, implanta um programa de obras emergenciais para a construção de usinas e, com isso, consegue fazer com que o Rio Grande do Sul seja um dos poucos estados brasileiros a não sofrer o racionamento de energia entre 2001 e 2002. Após este trabalho, Lula a convida para ser sua ministra de Minas e Energia. Além disso, ela preside o Conselho de Administração da Petrobrás e cria o programa *Luz para Todos*. Mais tarde, o presidente a escolhe para chefiar a Casa Civil e coordenar o trabalho de todo o Ministério. Esteve na coordenação do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) e do programa *Minha Casa, Minha Vida*, dentre tantos outros programas e projetos.

Em 2009, enfrenta um câncer linfático, mas que não a afasta de sua rotina. Em 2010, torna-se candidata ao cargo de presidenta da República. No dia 3 de outubro deste mesmo ano, enfrenta as eleições de primeiro turno conseguindo 47% dos votos. No segundo turno, ocorrido no dia 31 do mesmo mês, ela vence as eleições com 55,7 milhões de votos, 12 milhões a mais que seu concorrente, José Serra.

No dia 31 de outubro de 2010, logo após a confirmação de sua eleição, Dilma faz um pronunciamento, o qual julgamos ser relevante também para nosso trabalho, pois iniciamos nossas análises por meio dele. Como já explicamos, quando o *corpus* foi delimitado, já tínhamos a confirmação de que Dilma seria a presidenta do Brasil, mas tínhamos que esperar janeiro de 2011 para termos acesso ao seu discurso de posse. Assim, analisamos inicialmente seu pronunciamento do dia 31 de outubro, quando ela se tornou a primeira mulher presidenta de nosso país. Constitui parte essencial do *corpus* esse pronunciamento, proferido às 22h01, em um hotel em Brasília e transmitido pela Rede Globo. Ele consta de aproximadamente duas mil e duzentas palavras. O vídeo, cujo site encontra-se nas referências, é de

aproximadamente 24 minutos. O pronunciamento na íntegra encontra-se no ANEXO A.

Já o discurso de posse da presidenta em questão, também anexado ao trabalho (ANEXO B), foi proferido no dia primeiro de janeiro do ano de 2011. O discurso, que é composto de aproximadamente três mil, setecentos e vinte palavras, foi feito no Congresso e transmitido pela Rede Globo. Pode-se assistir ao vídeo com duração aproximada de 39 minutos através do endereço do site colocado nas referências deste trabalho.

## 2.2 CRISTINA FERNÁNDEZ KIRCHNER

A atual presidenta da Argentina tornou-se a primeira mulher a ocupar este cargo, sendo eleita por voto direto, naquele país.

Durante os anos de 1974 e 1976, Isabelita Perón assumiu a presidência devido à morte de seu marido Juan Domingo Perón, mas não havia enfrentado as eleições.

Filha de Eduardo Fernández, descendente de espanhóis, e Ofelia Esther Wilhelm, descendente de alemães, Cristina nasceu em 19 de fevereiro de 1953. Estudou no Colegio Comercial San Martín e no Colegio Nuestra Señora de la Misericórdia, ambos na cidade onde nasceu, La Plata. Os estudos superiores foram feitos na Universidade Nacional de La Plata.

Em 1975 casa-se com Néstor Carlos Kirchner, com quem teve 2 filhos – Máximo e Florencia. Sendo formada em advocacia, sua carreira política se compõe sendo Senadora por Santa Cruz e depois por Buenos Aires, primeira-dama entre 25 de maio de 2003 até a data em que se torna a 55<sup>o</sup> presidente da Argentina, sucedendo o ex-presidente, então seu marido, Néstor kirchner. A presidenta é eleita em primeiro turno, com aproximadamente 45% dos votos válidos.

Seu discurso de posse (ANEXO C), proferido no dia 10 de dezembro de 2007 na Assembléia Legislativa, contém aproximadamente quatro mil, quatrocentos e trinta palavras. O vídeo com o discurso também pode ser visto pelo endereço colocado nas referências deste trabalho.

Em 2011 Kirchner se candidatou à reeleição e garantiu a continuação de seu mandato por mais quatro anos. No dia 23 de outubro de 2011 ela conseguiu 53% dos votos.

### 2.3 LAURA CHINCHILLA MIRANDA

Laura Chinchilla Miranda se tornou a primeira presidenta da Costa Rica obtendo 47% dos votos, no dia 7 de fevereiro de 2010.

Filha de Rafael Angel Chinchilla Fallas – que ocupou este mesmo cargo por 15 anos – e Emilce Miranda Castillo, nasceu em 28 de março de 1959 em São José.

A presidenta tem formação em Ciências Políticas pela Universidade da Costa Rica e mestrado em Políticas Públicas pela Universidade de Georgetown (EUA). Dedicou grande parte de sua vida à carreira política, pois atuou como consultora de diversos organismos internacionais na área da reforma judicial e da reforma pública. Foi também vice-ministra, ministra da Segurança Pública e presidenta de organismos ligados ao combate ao tráfico de droga. Foi vice-presidenta do ex-presidente, Oscar Arias, de quem ganhou apoio na candidatura ao poder, dentro do Partido de Libertação Nacional.

Chinchilla é casada com José Maria Rico Cueto desde 2000, com quem tem um filho adolescente, José María Rico Chinchilla. Conservadora na área social e devota católica, Laura é contra a liberalização do aborto e se opõe ao casamento homossexual. Chinchilla levou a faixa presidencial ao arcebispo Hugo Barrantes, para benzê-la.

Seu discurso de posse (ANEXO D), proferido no dia oito de maio de 2010, no Parque Metropolitano de La Sabana, contém duas mil e duzentas palavras aproximadamente. O vídeo com o discurso pode ser visto através do site que se encontra nas referências deste trabalho.

### 3 A CONSTITUIÇÃO ÉTICA DOS DISCURSOS DE PRESIDENTAS

Este capítulo, dedicado à análise do *corpus* selecionado, foi dividido em três subitens, de modo que cada um deles se refira a uma das presidentas selecionadas.

#### 3.1 O *ETHOS* RETÓRICO DE DILMA ROUSSEFF

Analisaremos, primeiramente, o pronunciamento de Dilma Rousseff, no dia 31 de outubro de 2010, quando da confirmação de sua eleição e, em seguida, seu discurso de posse proferido no dia 1º de janeiro de 2011.

##### 3.1.1 Análise do pronunciamento de Dilma Rousseff

Analisamos, de acordo com a teoria apresentada, o discurso proferido pela presidenta do Brasil, Dilma Rousseff, no dia 31 de outubro de 2010, logo após a confirmação de sua vitória na noite da votação de segundo turno.

O discurso de Dilma, cuja transcrição, na íntegra, se encontra anexada (ANEXO A), inicia-se em forma de agradecimentos. Ela se volta às pessoas da seguinte maneira:

Primeiro eu queria agradecer aos que estão aqui presentes nessa noite que pra mim é uma noite, vocês imaginam, completamente especial, mas eu queria me dirigir a todos os brasileiros e brasileiras, os meus amigos e minhas amigas de todo o Brasil.

No excerto acima, podemos perceber que ela se refere a todos como amigos, da mesma forma com que Lula, nosso ex-presidente, se dirigia a seus eleitores utilizando o vocativo companheiro e/ou companheira. Essas formas

amigáveis e simpáticas de se relacionar com o auditório indicam uma estratégia por parte do orador que, já no exórdio (parte introdutória do discurso), busca gerenciar sua relação com o auditório com vistas a angariar sua adesão. O vocativo utilizado por Dilma e os pronomes possessivos meus e minhas aproximam o auditório do orador e, deste modo, as ideias deste poderão ser mais facilmente aceitas pelos ouvintes, se pensarmos que para convencer é preciso diminuir a distância entre um e outro.

Logo após o início do discurso, a presidenta aponta seu primeiro compromisso: honrar as mulheres.

Já registro, já registro, portanto, o meu primeiro compromisso após a eleição: honrar as mulheres brasileiras, para que este fato, até hoje inédito, se transforme num evento natural. E que ele possa se repetir e se ampliar nas empresas, nas instituições civis, nas entidades representativas de toda nossa sociedade.

O assunto sobre a participação ativa das mulheres na vida do país foi uma constante durante a campanha eleitoral de Dilma, pois ela seria a primeira mulher a governar o Brasil e enfrentou, devido a esse fato, preconceito e repressão. Como pudemos ver, de acordo com a citação da revista *Veja* que se encontra na Introdução deste trabalho, a política, aqui no Brasil, ainda é vista como assunto para homens. Essa luta pela maior participação feminina em todo e qualquer campo representa o desejo da maioria das mulheres de nosso país. Dessa maneira, ao abarcar um assunto tão relevante na sociedade atual, Dilma obtém a adesão, por meio da identificação, de uma grande parcela de seus eleitores, as mulheres, que se encontram na mesma situação que então Dilma se encontrava como candidata: a situação frequente do preconceito. Como ressaltamos na parte teórica, o assunto a ser tratado em um discurso representa estratégia para aproximar ou afastar o auditório do orador e, neste caso, a oradora optou por utilizar um dos argumentos mais fortes logo no início de seu discurso. Por isso, a escolha por tratar desse tema logo no começo já garante a aproximação de pelo menos metade dos eleitores. Como diz Reboul (2004), a ordem dos argumentos depende tanto do orador quanto do auditório que sempre manifesta expectativas; por isso, a forma com a qual os argumentos são dispostos não é lógica, mas psicológica.

No trecho citado a seguir, a presidenta também aborda outros temas importantes, como a liberdade de imprensa e liberdade de religião, abarcando, assim, um grande número de eleitores oriundos das mais diversas religiões encontradas no Brasil. Esse procedimento da oradora está de acordo com os postulados de Meyer (2007), que afirma que quando o orador apresenta uma ideologia contrária à de seus interlocutores, a possibilidade de haver convencimento torna-se ainda mais remota. Devido a isso, Dilma necessitava se mostrar a favor da diversidade de crenças, que ela sabia estar presente em seu auditório.

Eu vou zelar pela mais ampla e irrestrita liberdade de imprensa. Vou zelar pela mais ampla liberdade religiosa e de culto.

Além disso, cabe ressaltar que os assuntos tratados por Dilma, no pronunciamento que está sendo analisado, remetem aos fatos ocorridos durante o período de campanha eleitoral. Um exemplo disso foi a polêmica ocorrida em relação ao aborto, o que fez com que o assunto religião viesse à tona. Na notícia do site da revista *Veja* (acervo digital) intitulada “Para abafar polêmica do aborto, Dilma vai pregar ‘defesa da vida’ na TV”, podemos perceber que a candidata à presidência da República busca estratégia para desfazer a confusão criada em relação à legalização da prática do aborto.

O artigo intitulado *O Voto em Dilma Rousseff: entre o apoio de Lula e o papel da mídia*<sup>4</sup> nos mostra alguns dos principais acontecimentos relativos ao período de campanha eleitoral da presidenta Dilma Rousseff. De acordo com os autores, a eleição presidencial brasileira de 2010 apresentou características peculiares em relação às outras eleições ocorridas em nosso país. Eles afirmam essa ideia quando mencionam que

A pauta do meio ambiente foi importante, mas não decisiva, e notou-se uma crescente atenção aos valores morais. Pela primeira vez em muitos anos, Bispos da Igreja Católica e das Igrejas Protestantes interferiram diretamente na eleição presidencial apoiando ou condenando o voto em determinados candidatos, especialmente a candidata Dilma. (SILVA; SARAIVA; ROCHA, 2011, p. 4).

---

<sup>4</sup> Autores: Érica Anita Baptista Silva, Illyushin Zaak Saraiva e Mariela Campos Rocha.

A questão mais comentada em relação à campanha eleitoral de Dilma é a questão religiosa e moral. Os autores comentam que nas duas primeiras semanas anteriores ao segundo turno, Dilma visitou maternidades e igrejas, participando da celebração do dia de N. Sra. Aparecida. Logo depois, os evangélicos queriam que ela assinasse um acordo, posicionando-se contra o casamento gay e o aborto. Devido a isso, no dia 15 de outubro de 2010, Dilma divulgou uma carta em que ela reafirmava suas posições em relação ao aborto e à questão religiosa e explicava sua tentativa de combater os boatos que pretendiam arruinar sua campanha e alimentar a divisão religiosa no Brasil.

Como já ressaltamos na parte teórica desse trabalho, o orador deve sempre adequar seu discurso ao seu auditório, atendendo suas expectativas e respondendo às suas perguntas que, como diz Meyer (2007), muitas vezes podem estar implícitas. De acordo com esse autor, em retórica, o par pergunta-resposta está sempre presente, sendo o que causa a distância ou diferença entre orador e auditório. As perguntas são provenientes do auditório, cabendo ao orador respondê-las. No entanto, muitas dessas perguntas são implícitas e cabe ao orador perceber, de acordo com os sentimentos que o auditório manifesta, quais são suas expectativas. Além disso, sabemos o quão difícil é a tarefa do orador de se adequar ao seu auditório, tendo o conhecimento de que ele é heterogêneo. Por isso, há a necessidade de utilização de argumentos múltiplos, buscando atender tudo ou quase tudo que o público espera da pessoa que visa convencer e persuadir. Devido a isso, Dilma comenta vários assuntos que ela acredita serem importantes para seu auditório (neste caso, seu auditório era universal). Para se adequar a ele é necessário conhecê-lo e, conhecendo-o ela compartilha de suas expectativas, podendo atendê-las para melhor criar sua imagem de pessoa do bem. Entre os assuntos abordados por ela estão: igualdade de oportunidades entre ambos os sexos, valorização da democracia, liberdade de imprensa e liberdade de religião e de culto, erradicação da miséria, economia e relações comerciais, riquezas naturais, qualificação da Educação e dos Serviços de Saúde, melhoria da segurança pública, combate às drogas e reforma política. Como já dissemos anteriormente, a escolha dos temas a serem tratados traz uma fundamentação baseada naquilo que aconteceu durante a campanha presidencial, não significando uma escolha pessoal da oradora. Como mostramos acima, por exemplo, o assunto sobre religião mereceu

atenção no discurso da candidata devido ao fato de terem ocorrido polêmicas em relação ao aborto, o que, conseqüentemente, criou expectativas no auditório a respeito daquele assunto.

Outro exemplo da questão tratada acima, sobre a escolha dos temas a serem discutidos (ou não), é o fato de Dilma não ter sequer mencionado o assunto do aborto. A candidata fala sobre liberdade de religião, mas, em nenhum momento, pronuncia a palavra aborto. Notamos que a fuga aos assuntos controversos faz com que qualquer questionamento ou dúvida sobre a integridade do orador sejam evitados, construindo-se assim um *ethos* de pessoa do bem.

Outra estratégia importante para a criação e manutenção do *ethos* de pessoa do bem é o fato de ela se apoiar em ideias incontestáveis. Dilma diz:

A igualdade de oportunidades entre homens e mulheres é um princípio essencial da democracia.

Ela se mostra disposta a lutar por algo que a própria democracia vigente no país prevê.

Percebemos no discurso de Dilma uma estratégia muito comum e, por isso, muito utilizada por qualquer tipo de orador que vise persuadir e convencer seu auditório. Estamos falando do fato de que, para mais facilmente convencer o interlocutor, é interessante agradá-lo de forma que se mantenha uma relação harmoniosa, campo mais favorável à persuasão. No trecho a seguir, podemos ver como Dilma levanta o moral do povo brasileiro e estabelece com este uma comunhão<sup>5</sup> por meio do uso do pronome nosso:

O que mais me deu confiança e esperança ao mesmo tempo foi a capacidade imensa do nosso povo, de agarrar uma oportunidade, por menor que seja, por mais singela que seja, e com ela construir um mundo melhor para si e para sua família. É simplesmente incrível a capacidade de criar e empreender do nosso povo.

---

<sup>5</sup> “As figuras de comunhão são aquelas em que, mediante procedimentos literários, o orador empenha-se em criar ou confirmar a comunhão com o auditório.” (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 201).



Como diz Reboul (2004), para construir a imagem de pessoa de bem é preciso ressaltar as qualidades alheias e ser humilde. Colocamos aqui outro trecho em que Dilma elogia a população do Brasil:

Zelaremos pelo aperfeiçoamento de todos os mecanismos que liberem a capacidade empreendedora de nosso empresariado e de nosso povo.

Ao continuar com a estratégia de agradar o auditório, Dilma fala das necessidades básicas a que muitas pessoas no Brasil ainda não tiveram acesso. Dessa maneira, ela vai ao encontro das expectativas daqueles que, com certeza, esperam ter seus direitos atendidos, afinal quem não busca comida, emprego, moradia e paz social?

Por isso, registro aqui outro compromisso com meu país: Valorizar a democracia em toda sua dimensão, desde o direito de opinião e expressão até os direitos essenciais, básicos, da alimentação, do emprego, da renda, da moradia digna e da paz social.

O fato de valorizar a democracia também se constitui em obrigação que qualquer pessoa que ocupasse o cargo de presidente deveria cumprir. Em seu discurso, Dilma coloca esta questão como um privilégio seu, mostrando-se a pessoa de bem que seu auditório espera encontrar na presidenta eleita.

No excerto copiado abaixo, podemos perceber que Dilma, implicitamente, pede a ajuda de todos os componentes da sociedade, pois declara que as metas não se realizam apenas pela vontade do governo. É necessário que todos estejam envolvidos.

Ressalto, entretanto, que esta ambiciosa meta não será realizada apenas pela vontade do governo, ela é importante, mas esta meta é um chamado à nação, aos empresários, aos trabalhadores, às igrejas, às entidades civis, às universidades, à imprensa, aos governadores, aos prefeitos e a todas as pessoas de bem do nosso país.

Quando pensamos na elocução, ou seja, na construção textual do discurso, voltamos nosso olhar para a questão da linguagem, do estilo, da adequação ao tema, etc. Percebemos que Dilma consegue adequar seu vocabulário (dentro de condições possíveis, pois não podemos nos esquecer de que por se

tratar de um discurso político, a formalidade não pode ser excluída) àquelas pessoas que compõem seu auditório. Este é universal, portanto, ela fala para um público heterogêneo, composto tanto pelos políticos como pelo povo brasileiro. Devido a isso, não há necessidade de utilizar palavras restritas somente ao vocabulário da norma culta, mas palavras que sejam de fácil entendimento para o grande público. No trecho selecionado abaixo, percebemos a utilização de um vocabulário coloquial, capaz de criar a aproximação da oradora com o auditório.

O que mais me deu confiança e esperança ao mesmo tempo foi a capacidade imensa do nosso povo, de agarrar uma oportunidade, por menor que seja, por mais singela que seja, e com ela construir um mundo melhor para si e para sua família. É simplesmente incrível a capacidade de criar e empreender do nosso povo. Por isso, reforço aqui meu compromisso fundamental que eu mantive e reiterarei ao longo dessa campanha: a erradicação da miséria e a criação de oportunidades para todos os brasileiros e para todas as brasileiras.

Outro trecho importante, no qual podemos perceber o uso de uma linguagem coloquial, é o que se segue, construído, inclusive, com o uso de um clichê.

O Brasil é uma terra generosa e sempre devolverá em dobro cada semente que for plantada com mão amorosa e olhar para o futuro.

A clareza se constitui em ferramenta essencial para quem visa convencer e persuadir, pois como diz Reboul (2004), quando o orador constrói um discurso claro, ele se coloca ao alcance de seu auditório. Isso nos leva a supor que Dilma faz uso de expressões coloquiais no intuito de demonstrar clareza em seu discurso.

Além disso, observamos um trecho em que a oradora não se atém às regras gramaticais propostas pela norma culta que admite o uso da palavra onde apenas quando nos referimos a lugares. Neste caso, ela deveria usar a expressão no qual.

Vou com eles construir um governo onde a capacidade profissional, a liderança e a disposição de servir ao país será o critério fundamental.

Podemos perceber, através das considerações feitas até agora, que Dilma busca construir seu *ethos* de pessoa do bem e, como já ressaltamos na parte teórica, o *ethos* é a imagem – verdadeira ou não – criada pelo orador no intuito de convencer e persuadir seu auditório. Para Reboul (2004) a imagem criada deve inspirar confiança no auditório, pois sem essa confiança de nada adiantariam os argumentos lógicos. Podemos agora observar a questão do *ethos* projetivo e do *ethos* efetivo de que Meyer (2007) nos fala.

Como comentamos na Introdução, era interessante analisar o discurso de Dilma, pois na época de sua campanha eleitoral seu *ethos* projetivo nos fazia acreditar que sua vitória seria pouco provável.

O *ethos* projetivo é aquela imagem criada pelo auditório a respeito do orador, mesmo antes que ele tome a palavra. Podemos imaginar a primeira imagem projetada de Dilma, isto é, a imagem construída de acordo com as informações a que o povo brasileiro tinha acesso, através da mídia. Sobre isso é interessante comentar o artigo intitulado “A construção do ator Dilma Rousseff em textos jornalísticos” de autoria de Naiá Sadi Câmara e Vera Lúcia Rodella Abriata. Neste trabalho as autoras mostram, através dos estudos da semiótica francesa, as várias imagens que a candidata à presidência da República apresentava. A primeira delas é de avatar de Lula, pois como as autoras elucidam, através de um trecho do editorial do jornal o Estado de São Paulo do dia 26 de setembro de 2010, Lula seria o criador/inventor de uma candidata que o representasse no pleito presidencial. A outra imagem discutida por elas é a de ex-guerrilheira. Em um texto apresentado pelas autoras (publicação eletrônica da Revista *Veja*, 19 de fevereiro de 2010), podemos perceber que Dilma teve papel relevante no assalto ao cofre paulista além de ser o cérebro da ação. Além dessas imagens, Câmara e Abriata ainda comentam sobre a imagem contraditória e a de prostituta, criada devido a uma charge do cartunista Nani (reproduzida no *blog* do jornalista Josias de Souza, da Folha de S. Paulo em oito de julho de 2010) em que o ator Dilma roda bolsinha em determinada esquina.

Dessa forma, o *ethos* projetivo de Dilma era o de avatar de Lula, de guerrilheira, marxista e até presidiária, fato que contribuiu para que muitos eleitores não a escolhessem como presidenta.

Logo após as eleições do segundo turno, nosso desejo por analisar seu discurso aumentou ainda mais, pois, como ela teria vencido as eleições se seu *ethos* projetivo era desfavorável à sua vitória?

Isso se deve ao fato de que o orador tem conhecimento da imagem que o auditório possui dele e, por isso, ele pode modificar essa imagem, construindo outra (verdadeira ou não) para suplantar a primeira, que, no caso de Dilma, se constituía em uma imagem negativa e conseqüentemente prejudicial em termos de persuasão. Meyer (2007) nos diz que o orador pode jogar com as duas imagens, pois sabe que o *ethos* projetivo pode diferir do *ethos* efetivo. Se o *ethos* projetivo transmite confiança ao auditório, o orador deve afirmar esta mesma imagem em seu discurso. Caso contrário, ele deve construir, através do discurso, outra que tenha como objetivo atender às expectativas do público alvo. O *ethos* projetivo de Dilma precisava ser modificado e ela sabia disso, fato que a levou a construir, através de seu discurso, seu *ethos* efetivo que, aliado à imagem de Lula, foi responsável por sua vitória nas eleições presidenciais do Brasil.

Como destacamos na teoria abordada neste trabalho, de acordo com Meyer (2007), o *ethos* é uma dimensão que não se limita àquele que fala a um auditório, mas sim àquele com quem o auditório se identifica. Dessa maneira, percebemos que Dilma se apóia na imagem de Lula, pois sabe que o seu auditório (o de Dilma) se identifica com o *ethos* do ex-presidente, um *ethos* favorável criado por ele durante oito anos de governo. Além de se apoiar, ao falar do governo de Lula, Dilma utiliza o pronome nosso, transmitindo a ideia de que ela também fez parte de todas as conquistas do governo anterior. Isso se deve ao fato de que Dilma necessitava criar uma nova imagem que apagasse seu *ethos* projetivo e, tendo a imagem de Lula consigo, seria uma forma de fazer com que o auditório depositasse confiança em sua pessoa. Nos trechos seguintes podemos perceber como Dilma cita os feitos do mandato de Lula:

O Brasil é uma terra generosa e sempre devolverá em dobro cada semente que for plantada com mão amorosa e olhar para o futuro. Minha convicção de assumir a meta de erradicar a miséria vem, não de uma certeza teórica, mas da experiência viva do nosso governo, o governo do presidente Lula, no qual uma imensa mobilidade social se realizou, tornando hoje possível um sonho que sempre pareceu impossível.

Valorizarei o micro empreendedor individual, para formalizar milhões de negócios individuais ou familiares, ampliarei os limites do supersimples (palmas) e construirei modernos mecanismos de aperfeiçoamento econômico, como fez nosso governo, o governo do presidente Lula, na construção civil, no setor elétrico, na lei de recuperação de empresas, entre vários outros.

A utilização da expressão nosso governo, como forma equivalente à expressão o governo do presidente Lula, retrata uma tentativa por parte da oradora de mesclar-se ao governo presidido por Lula.

É importante observar também que as palmas provenientes do auditório indicam o momento em que há maior identificação por parte do público. No excerto seguinte podemos analisar que as palmas são frequentes quando a oradora fala de Lula.

Agradeço muito especialmente e com emoção ao presidente Lula. (palmas seguidas de canto do auditório: Olê olê olê olá Lula! Lula!) Ter a honra de seu apoio, ter o privilégio de sua convivência, ter aprendido com sua imensa sabedoria, são coisas que se guarda para a vida toda. Conviver durante todos estes anos com ele (palmas) me deu a exata dimensão do governante justo e do líder apaixonado por seu país e por sua gente. A alegria que eu sinto hoje pela minha vitória se mistura com a emoção da sua despedida. Sei que um líder como Lula nunca estará longe de seu povo e de cada um de nós. (palmas) Baterei muito a sua porta e, tenho certeza e confiança, que a encontrarei sempre aberta. Sei que a distância de um cargo nada significa para um homem de tamanha grandeza e generosidade. (palmas)

Observamos aqui o ponto máximo de identificação do auditório com a imagem de Lula, pois além das palmas, encontramos um canto que demonstra a admiração do povo brasileiro pelo ex-presidente. Esse fato nos evidencia que a identificação do povo brasileiro é com o *ethos* de Lula e não com o *ethos* de Dilma. Como Meyer (2007) nos explica, o *ethos* é uma dimensão que não está ligada à pessoa que fala, ou seja, ao orador, mas sim à pessoa com quem o auditório se identifica. Neste caso, a oradora Dilma constrói seu discurso visando criar uma imagem de si mesma que, na verdade, está a todo instante amalgamada ao *ethos* de Lula.

Percebemos, dessa forma, que o *ethos* de Lula, com o qual o auditório demonstrou se identificar, foi um dos fatores preponderantes para chegada de Dilma à presidência da República.

### 3.1.2 Análise do discurso de posse de Dilma Rousseff

Neste item analisaremos o discurso de posse de Dilma Rousseff, cuja transcrição se encontra anexada (ANEXO B) ao trabalho. Esse discurso foi proferido no Congresso Nacional, no dia primeiro de janeiro de 2011.

Podemos perceber, logo no início de seu discurso, a primeira tentativa da presidenta eleita de se aproximar de seu auditório.

Meus queridos brasileiros e brasileiras, pela decisão soberana do povo, hoje será a primeira vez que a faixa presidencial cingirá o ombro de uma mulher (palmas).

Da mesma forma feita em seu pronunciamento do dia 31 de outubro de 2010, em que Dilma se dirige ao seu auditório utilizando as expressões “os meus amigos e minhas amigas de todo o Brasil”, ela inicia seu discurso de posse dizendo “Meus queridos brasileiros e brasileiras”. Essa forma carinhosa de se relacionar com seu público faz com que, já no exórdio, ela consiga se aproximar daqueles a quem visa convencer e persuadir. Como explica Meyer (2007), quando a intenção é a de convencer ou persuadir, é necessário que o orador busque diminuir a distância existente entre ele e seu auditório, campo mais favorável à persuasão. O próprio pronome utilizado pela oradora, pronome possessivo meu, já transmite essa ideia de proximidade. Ao longo do discurso, podemos perceber que Dilma se dirige ao seu público utilizando a expressão “Queridos brasileiros e queridas brasileiras” outras onze vezes. Fazendo isso ela garante a aproximação, em relação ao seu auditório, durante todo o tempo de seu discurso.

É importante ressaltar que, mesmo o discurso tendo sido proferido no congresso, seu auditório se caracteriza como auditório universal, pois a presidenta falava para todos aqueles que quisessem ouvi-la, afinal ele estava sendo transmitido por vários meios de comunicação, como rádios e programas de TV.

No mesmo excerto analisado acima, Dilma já deixa claro o assunto a ser tratado a seguir, pois menciona ser a primeira vez em que a faixa presidencial cingirá o ombro de uma mulher.

Sinto uma imensa honra por essa escolha do povo brasileiro e sei do significado histórico desta decisão. Sei, também, como é aparente a suavidade da seda verde-amarela da faixa presidencial, pois ela traz consigo uma enorme responsabilidade perante a nação. Para assumi-la, tenho comigo a força e o exemplo da mulher brasileira. Abro meu coração para receber, neste momento, uma centelha de sua imensa energia. E sei que meu mandato deve incluir a tradução mais generosa desta ousadia do voto popular que, após levar à presidência um homem do povo, um trabalhador, decide convocar uma mulher para dirigir os destinos do país. Venho para abrir portas para que muitas outras mulheres também possam, no futuro, ser presidentas, e para que (palmas), no dia de hoje, todas as mulheres brasileiras sintam o orgulho e a alegria de ser mulher. Não venho para enaltecer a minha biografia; mas para glorificar a vida de cada mulher brasileira. Meu compromisso supremo eu reitero é honrar as mulheres, proteger os mais frágeis e governar para todos! (palmas)

Como ressaltamos na análise do item anterior, as escolhas sobre os assuntos tratados no discurso remetem a fatos ocorridos durante o período de campanha eleitoral. Podemos perceber que, como no pronunciamento analisado anteriormente, a questão da valorização da mulher ocupa lugar de destaque no discurso da presidenta eleita. Isso se deve ao fato de que Dilma, ao longo de sua campanha eleitoral, sofreu preconceito e discriminação, chegando a apresentar imagens de avatar de Lula, de ex-guerrilheira, de pessoa contraditória e até de prostituta. Como comenta Reboul (2004, p. 57): “É evidente que a maneira de apresentar os fatos já é, em si, um argumento.” Dessa maneira, observamos que a escolha de se iniciar o discurso de posse dando toda atenção a esse tema, não significou uma escolha aleatória, mas sim uma estratégia retórica para, já no começo, conseguir a adesão de grande parcela do público que a escutava, ou seja, as mulheres. Além disso, Abreu (2008) recorda que a tradição retórica recomenda que se comece sempre o discurso utilizando o argumento mais forte. E é isso que Dilma faz, pois, logo no começo, ela atende às expectativas daquelas pessoas que buscavam ouvir algo referente à discriminação das mulheres, fato presente na vida de muitas cidadãs. Fazendo isso, ela se aproxima do público feminino, atendendo suas expectativas. Quando Dilma diz que vem abrir portas para que muitas outras mulheres possam, no futuro, ser presidentas, ela dá esperança ao seu público de que esta situação de preconceito realmente irá se transformar. Além do mais, a maneira como ela caracteriza seu compromisso com as mulheres, faz com que essa

questão seja, realmente, de grande importância. O adjetivo utilizado por Dilma para caracterizar seu compromisso é o adjetivo supremo.

Outra questão bastante importante, percebida nesse excerto, é a questão da linguagem utilizada pela oradora de modo a seduzir ou encantar aquele que escuta. Quando ela fala: “Sei, também, como é aparente a suavidade da seda verde-amarela da faixa presidencial”, ela busca encantar através de bonitas palavras que ressaltam o sentimento nacionalista. Esta ideia está de acordo com o pensamento de Amossy (2008), que explica que o lugar em que o *ethos* aparece é no discurso, ou seja, no *logos*, pois o *ethos* é construído pelo orador mediante as escolhas feitas para se expressar. Ferreira (2010) comenta que as várias possibilidades linguísticas e estilísticas de que o orador faz uso, demonstram a imagem que ele quer criar para si próprio.

Não podemos deixar de comentar outra estratégia muito comum utilizada pela oradora, a fim de fazer com que seu objetivo de persuadir seja alcançado mais rapidamente. No mesmo excerto em que fala da questão feminina, Dilma aproveita para fazer elogios, buscando assim exaltar a mulher brasileira. Ela diz: “Para assumi-la, tenho comigo a força e o exemplo da mulher brasileira. Abro meu coração para receber, neste momento, uma centelha de sua imensa energia.” Dessa maneira Dilma levanta o moral das mulheres e ganha a adesão de grande parcela da sociedade.

Antes mesmo de mudar de tema, Dilma já introduz, em meio à questão feminina, a presença daquele que possibilitou sua eleição: Luis Inácio Lula da Silva. Ela diz: “(...) após levar à presidência um homem do povo, um trabalhador (...)” para poder falar de nosso ex-presidente. Percebemos também, que ao caracterizar Lula como um homem do povo e trabalhador, Dilma exalta sua pessoa perante o auditório que, por se identificar com a imagem do ex-presidente, irá enxergar na presidenta eleita uma pessoa de bem.

Venho, antes de tudo, para dar continuidade ao maior processo de afirmação que este país já viveu nos tempos recentes. Venho para consolidar a obra transformadora do presidente Luis Inácio Lula da Silva. (palmas) com quem tive a mais vigorosa experiência política da minha vida e o privilégio de servir ao país, a seu lado, nestes últimos anos. De um presidente que mudou a forma de governar e levou o povo brasileiro a confiar ainda mais em si mesmo e no futuro do seu país. A maior homenagem que posso prestar a ele é ampliar e avançar as conquistas do seu governo. Reconhecer, acreditar e investir na força do povo foi a maior lição que o presidente Lula deixa para



todos nós (palmas). Sob sua liderança, o povo brasileiro fez a travessia para uma outra margem da nossa história. Minha missão agora é de consolidar esta passagem e avançar no caminho de uma nação geradora das mais amplas oportunidades.

Neste excerto, Dilma mostra que, antes de qualquer outro objetivo, ela pretende dar continuidade àquilo que o ex-presidente Lula havia feito. Como já havíamos ressaltado, a população brasileira aderiu à campanha de Dilma, principalmente porque se identificava com a imagem de Lula, na qual Dilma se apoiou para vencer as eleições. Como mostra o artigo intitulado “O Voto em Dilma Rousseff: entre o apoio de Lula e o papel da mídia”, quando Dilma foi “escolhida” por Lula para ser sua sucessora, ela era praticamente desconhecida em meio à sociedade brasileira.

De um lado, a candidata do governo era iniciante em termos de eleição, praticamente desconhecida do eleitorado presidencial nacional até o ano de 2008, quando aparecia com percentuais não significativos nas pesquisas de intenção de voto para presidência. Na outra margem, o candidato tucano aparecia em uma situação bem distinta, na medida em que já era um nome conhecido do eleitorado presidencial brasileiro, e era também um já conhecido e experimentado político do quadro nacional de dirigentes de seu partido, tendo ao longo da sua carreira sido eleito deputado federal, senador, prefeito da cidade de São Paulo, e por último, governador do estado de São Paulo, além de ter sido nomeado Ministro de Estado durante o governo Fernando Henrique Cardoso (FHC), cargo que exerceu por 07 anos. Ele também já havia sido candidato presidencial em 2002, derrotado pelo então candidato Lula. Desta maneira, concorria pelo PSDB um candidato que, ao contrário de Dilma, era já conhecido pela grande maioria dos brasileiros, e que já em março de 2008 dava demonstrações de sua visibilidade, apresentando então 38% das intenções de voto no Brasil, enquanto a petista, na mesma pesquisa, aparecia com apenas 3% das intenções. (SILVA; SARAIVA; ROCHA, 2011, p. 3)

Percebemos que em pouco tempo Dilma se tornou conhecida e, a partir de julho de 2010, seu crescimento foi tamanho que rapidamente ultrapassou o candidato José Serra. Como comentamos ao fim da análise anterior, a imagem de Lula teria sido um dos motivos pelos quais Dilma havia ganhado as eleições, pois o povo brasileiro se identificava com o *ethos* de Lula e acreditava que a presidenta daria continuidade àquilo que vinha sendo feito por ele. Dessa maneira, em seu discurso de posse, Dilma alega ter a função de consolidar a obra transformadora começada por Luis Inácio Lula da Silva. Como já ressaltamos na parte teórica desse trabalho, é importante que o orador busque atingir as expectativas de seu auditório visando, logo de início, agradar aquele a quem se pretende convencer, pois com explica

Reboul (2004), “a regra de ouro da retórica é levar em conta o auditório.” (p. 142). Observamos que Dilma homenageia o ex-presidente dizendo que irá ampliar e avançar as conquistas do seu governo de modo a atender às expectativas daqueles que realmente se identificam com o Lula e votaram na Dilma acreditando ser ela a continuidade do governo anterior.

Outra estratégia, bastante utilizada quando se quer persuadir e convencer o auditório, é a necessidade do orador de se mostrar uma pessoa de bem. Como diz Reboul (2004), não é possível ao orador atingir o objetivo de persuadir sem ser, ou pelo menos, sem se mostrar um homem de bem, pois o *ethos* “é o caráter que o orador deve assumir para inspirar confiança no auditório, pois, sejam quais forem seus argumentos lógicos, eles nada obtêm sem essa confiança” (p. 48). Percebemos que as homenagens, os agradecimentos e palavras de reconhecimento colaboram para que a imagem da oradora Dilma seja criada de forma que o auditório veja seu *ethos* sempre como de pessoa do bem. No excerto abaixo, Dilma homenageia o vice-presidente José Alencar e, mais uma vez, reitera sua intenção de seguir o caminho trilhado por Lula, atendendo assim às expectativas de seu auditório.

Quero, neste momento, prestar minha homenagem a outro grande brasileiro, incansável lutador, companheiro que esteve ao lado do Presidente Lula nestes oito anos: nosso querido vice-presidente José Alencar (palmas). Que exemplo de coragem e de amor à vida nos dá este grande homem! E que parceria fizeram o presidente Lula e o vice-presidente José Alencar, pelo Brasil e pelo nosso povo! Eu e o vice-presidente Michel Temer nos sentimos responsáveis por seguir no caminho iniciado por eles (palmas).

No excerto analisado abaixo, podemos perceber que a oradora continua com a estratégia de saudar e exaltar o governo anterior, o que significa saudar e exaltar aquilo que também é dela, e que, a partir daquela data (1º de janeiro de 2011), ela daria continuidade. Dessa maneira, ela continua a colocar o ex-presidente Lula em destaque, pois sabe que a identificação do povo brasileiro com seu *ethos* é bastante significativa.

Um governo se alicerça no acúmulo de conquistas realizadas ao longo da história. Ele sempre será, ao seu tempo, mudança e continuidade. Por isso, ao saudar os extraordinários avanços recentes, liderados pelo presidente Lula, é justo lembrar que muitos, a seu tempo e a seu modo,

deram grandes contribuições às conquistas do Brasil de hoje. Vivemos um dos melhores períodos da vida nacional: milhões de empregos estão sendo criados; nossa taxa de crescimento mais que dobrou e encerramos um longo período de dependência do Fundo Monetário Internacional, ao mesmo tempo em que superamos nossa dívida externa. Reduzimos, sobretudo, a nossa dívida social, a nossa histórica dívida social, resgatando milhões de brasileiros da tragédia da miséria e ajudando outros milhões a alcançarem a classe média.

Encontramos a seguir um excerto em que Dilma Rousseff elogia o povo brasileiro como havia feito no pronunciamento analisado anteriormente. Esse procedimento da oradora está de acordo com aquilo que Reboul (2004) comenta: para construir a imagem de pessoa de bem é preciso ressaltar as qualidades alheias e ser humilde.

Para dar longevidade ao atual ciclo de crescimento é preciso garantir a estabilidade, especialmente a estabilidade de preços e seguir eliminando as travas que ainda inibem o dinamismo de nossa economia, facilitando a produção e estimulando a capacidade empreendedora de nosso povo, da grande empresa até os pequenos negócios locais, do agronegócio à agricultura familiar.

Outro trecho em que a presidenta também elogia o povo brasileiro é este:

É preciso, antes de tudo, criar condições reais e efetivas capazes de aproveitar e potencializar, ainda mais e melhor, a imensa energia criativa e produtiva do povo brasileiro.

Na análise do pronunciamento, Dilma comenta: “É simplesmente incrível a capacidade de criar e empreender do nosso povo.” Percebemos, desse modo, que a maneira de construir os discursos (tanto o pronunciamento do dia 31 de outubro de 2010 quanto o discurso de posse) assim como os tipos de estratégias utilizadas são parecidas e os assuntos também se repetem.

No excerto analisado abaixo, percebemos a mesma intenção da oradora de agradar o auditório. No entanto, ela o faz de maneira implícita, pois não elogia o povo brasileiro de forma direta. Ela comenta sobre a nação que preserva as reservas naturais e o país desenvolvido que tem forte componente ambiental. Dessa forma, o resultado é o mesmo: fazer com que o audiório, ao se sentir valorizado e

exaltado, desfrute de uma atmosfera harmoniosa, criada no intuito de convencer e persuadir de maneira mais sutil.

Uma nação em que a preservação das reservas naturais e das suas imensas florestas, associada à rica biodiversidade e a matriz energética mais limpa do mundo, permitem um projeto inédito de país desenvolvido com forte componente ambiental.

Partimos, neste ponto do trabalho, para a questão do estilo, da linguagem e da adequação ao tema, fatos já comentados na análise anterior. O discurso de posse tem como exigência principal a formalidade e, ao longo dele, percebemos que a oradora Dilma adota uma postura bastante fiel a essa característica. No entanto, em alguns excertos, observamos sua tentativa de buscar o máximo de clareza possível, a fim de apresentar, ao público que a assistia, um discurso acessível. Objetivando a clareza, Dilma faz uso de uma linguagem coloquial, na intenção de se colocar ao alcance de todos. Como explica Reboul (2004), a clareza se constitui em ferramenta essencial para quem visa a convencer e persuadir, pois ser claro é se colocar ao alcance de seu auditório. No excerto copiado abaixo, encontramos uma linguagem bem coloquial.

Já faz parte, aliás, da nossa cultura recente a convicção de que a inflação desorganiza a economia e degrada a renda do trabalhador. Não permitiremos, sob nenhuma hipótese, que esta praga volte a corroer nosso tecido econômico e a castigar as famílias mais pobres.

Outro trecho em que a oradora utiliza um vocabulário bem simples é o colocado a seguir:

O pré-sal é nosso passaporte para o futuro, mas só o será plenamente, queridas brasileiras e queridos brasileiros, se produzir uma síntese equilibrada de avanço tecnológico, avanço social e cuidado ambiental.

Como já havia sido comentado na análise anterior e nesta também, o auditório de Dilma se caracterizava como um auditório universal e, portanto, heterogêneo. Devido ao fato de estarmos tratando de um discurso de posse, o português culto é o indicado para esta situação, mas, visando a alcançar a todos que poderiam estar assistindo ao discurso da presidenta eleita, fazia-se necessária a

utilização de argumentos múltiplos e em estilos adequados aos que compunham seu auditório. Como este era universal e, por isso, heterogêneo, Dilma utilizou um vocabulário culto e, em algumas partes do discurso, optou por utilizar um estilo mais coloquial, visando atender às expectativas tanto de políticos, quanto do povo brasileiro que a apreciava.

Percebemos, da mesma forma ocorrida na análise do pronunciamento, alguns trechos em que a oradora não se atém às regras gramaticais. O trecho colocado abaixo é parecido ao do pronunciamento do dia 31 de outubro de 2010 e a questão discutida é o uso da palavra onde sem se referir a lugares.

Eu e meu vice-presidente Michel Temer fomos eleitos por uma ampla coligação partidária. Estamos construindo com eles um governo onde capacidade profissional, liderança e a disposição de servir ao país serão os critérios fundamentais.

Outro trecho no qual podemos perceber um deslize em relação à Língua Portuguesa é o excerto copiado abaixo. A oradora pronuncia a palavra “decisível” que não consta no vocabulário de nossa língua.

No plano social, a inclusão só será plenamente alcançada com a universalização e a qualificação dos serviços essenciais. Este é um passo decisível e irrevogável para consolidar e ampliar as grandes conquistas obtidas pela nossa população no período do governo do presidente Lula.

Além disso, como já comentamos anteriormente, ao longo de todo o discurso, a presidenta eleita busca comentar sobre o ex-presidente, exaltando sua pessoa, pois o povo brasileiro se identifica com seu *ethos* (*ethos* de Lula). No excerto analisado acima a oradora comenta sobre as conquistas ocorridas no período do governo anterior.

Em relação aos temas abordados pela oradora, percebemos que a tendência é que eles se repitam tanto no pronunciamento quanto no discurso de posse, pois representam os objetivos de seu mandato, suas ideias e crenças. Além de se repetirem, a oradora também repete a forma como comenta sobre eles. O excerto abaixo mostra seu comentário sobre o protecionismo dos países ricos e, entre parênteses, colocamos a fala de Dilma, no pronunciamento, sobre o mesmo assunto.

Não faremos a menor concessão ao protecionismo dos países ricos que sufoca qualquer possibilidade de superação da pobreza de tantas nações pela via do esforço de produção. (Muito ao contrário, continuaremos propugnando pela ampla abertura das relações comerciais e pelo fim do protecionismo dos países ricos, que impede as nações pobres de realizar plenamente suas vocações, propugnando contra a guerra cambial que ocorre hoje no mundo.)

No trecho seguinte, Dilma comenta sobre as drogas e, da mesma forma que fala sobre suas consequências no discurso de posse, fala também no pronunciamento.

Reitero meu compromisso de agir no combate as drogas, em especial ao avanço do crack, que desintegra nossa juventude e infelicitas as nossas famílias. (No pronunciamento: Com o combate às drogas que infelicitam nossas famílias e comprometem nossas crianças e nossos jovens.)

Outro tema importante, que também é repetido pela oradora nos dois discursos, é o tema referente à liberdade de culto e de religião e liberdade de imprensa. Como já ressaltamos anteriormente, a escolha dos temas a serem tratados nos discursos não é aleatória, pois os assuntos retratam acontecimentos referentes ao período de campanha eleitoral. Mais do que isso, a escolha dos temas significa uma estratégia retórica utilizada por qualquer orador que vise convencer ou persuadir. No excerto abaixo podemos perceber que Dilma comenta sobre a questão religiosa de forma sutil e rápida, pois durante a campanha esse assunto tinha causado grande polêmica. Fazendo isso, ela evita qualquer comentário ou juízo de valor que possa vir a prejudicar seu objetivo de persuadir. A questão do aborto, por exemplo, não foi nem citada.

Reafirmo meu compromisso inegociável com a garantia plena das liberdades individuais; da liberdade de culto e de religião; da liberdade de imprensa e de opinião (palmas). Reafirmo o que disse ao longo da campanha que prefiro o barulho da imprensa livre ao silêncio das ditaduras. (No pronunciamento: Eu vou zelar pela mais ampla e irrestrita liberdade de imprensa. Vou zelar pela mais ampla liberdade religiosa e de culto).

No excerto analisado abaixo, a oradora, assim como no pronunciamento, pede a ajuda e o apoio de todos os cidadãos e cidadãs do Brasil,

para que se consiga alcançar as metas desejadas. Ao falar da superação da miséria, Dilma argumenta:

Esta não é tarefa isolada de um governo, mas um compromisso a ser abraçado por toda sociedade. Para isso peço com humildade o apoio das instituições públicas e privadas, de todos os partidos, das entidades empresariais e dos trabalhadores, das universidades, da juventude, de toda a imprensa e de das pessoas de bem.

A questão dos assuntos a serem tratados também diz respeito à necessidade que o orador tem de atender às expectativas do auditório de modo a persuadir e convencer mais facilmente. Como já ressaltamos, o auditório de Dilma era bastante heterogêneo e, por isso, ela necessitava apresentar argumentos múltiplos que visassem alcançar a maioria das pessoas que compunham seu público. Assim como fez em seu pronunciamento do dia 31 de outubro de 2010, ela comenta sobre variados temas que podem/devem ser de grande importância na escala de valores do auditório. Dentre os temas comentados por ela estão: inclusão, exportação, pobreza e miséria, economia, melhoria dos serviços públicos, transporte aéreo, Copa e Olimpíadas, educação, saúde e segurança, violência, criminalidade e drogas, meio ambiente, pesquisa e tecnologia, diversidade cultural, liberdade de culto e religião assim como de imprensa e opinião.

Mais ao fim do discurso, Dilma mantém sua estratégia de se mostrar uma pessoa de bem, situação mais favorável à persuasão e ao convencimento. No trecho abaixo a oradora se mostra solidária em relação aos povos de países vizinhos e aos povos de países distantes também. Ao utilizar o pronome nossos e a ao chamá-los de irmãos, ela diminui a distância existente entre o Brasil e essas nações, mostrando ser a pessoa solidária que o auditório procura encontrar naquele ou naquela que ocupe o cargo de presidente(a) da República.

Seguiremos aprofundando o relacionamento com nossos vizinhos sul-americanos; com nossos irmãos da América Latina e do Caribe; com nossos irmãos africanos e com os povos do Oriente Médio e dos países asiáticos.

Em outro trecho, a oradora também constrói seu *ethos* de pessoa do bem quando diz que, por parte, dela não haverá discriminação, privilégios ou

compadrio. Neste excerto ela demonstra ser uma pessoa ética, portanto, uma pessoa de bem.

Não haverá de minha parte discriminação, privilégios ou compadrio.

Um fato interessante que se faz necessário discutir é a questão, não presenciada no pronunciamento anterior, do tratamento que Dilma dá quando fala do governo. Na análise anterior, observamos que algumas vezes a oradora diz nosso governo, querendo se referir ao governo do ex-presidente Lula, do qual ela supunha fazer parte e, a partir do dia 1º de janeiro de 2011, ela não só faria parte, como estaria no comando da presidência. No discurso de posse, percebemos que, no fim de sua fala, Dilma diz (em 3 pontos afastados do discurso) meu governo. Quando a oradora utiliza o pronome possessivo meu, podemos perceber a mudança que começa a se operar. Depois de ganhada a eleição, Dilma não necessitaria se apoiar no *ethos* do ex-presidente, pois já tinha alcançado o objetivo de persuadir e convencer seu auditório. Percebemos que ao longo do discurso ela comenta sobre o ex-presidente várias vezes no intuito de manter presente a aceitação do povo brasileiro em relação à sua pessoa, mas, em especial neste discurso, ela já começa a mostrar que sua imagem de pessoa do bem havia sido construída, não necessitando mais do apoio da imagem de Lula. Abaixo, encontram-se os excertos em que ela utiliza a expressão meu governo.

Meu governo fará um trabalho permanente para garantir a presença do Estado em todas as regiões mais sensíveis à ação da criminalidade e das drogas, em forte parceria com Estados e Municípios.

O meu governo terá a responsabilidade de transformar a enorme riqueza obtida no Pré Sal em poupança de longo prazo, capaz de fornecer às atuais e às futuras gerações a melhor parcela dessa riqueza, transformada, ao longo do tempo, em investimentos efetivos na qualidade dos serviços públicos, na redução da pobreza e na valorização do meio ambiente.

Meu governo apoiará fortemente o desenvolvimento científico e tecnológico para o domínio do conhecimento e a para inovação como um instrumento fundamental de produtividade e competitividade do nosso país.



Finalizando a análise do discurso de posse de Dilma Rousseff, faz-se necessário comentar como ela encerra sua fala.

Recorro mais uma vez ao poeta da minha terra: "O correr da vida, diz ele, embrulha tudo. A vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem" (palmas). É com esta coragem que vou governar o Brasil. Mas mulher não é só coragem. É carinho também. Carinho que dedico a minha filha e ao meu neto. Carinho com que abraço a minha mãe que me acompanha e me abençoa. É com este mesmo carinho que quero cuidar do meu povo, e a ele dedicar os próximos anos da minha vida. Que Deus abençoe o Brasil! Que Deus abençoe a todos nós! E que tenhamos paz no mundo! (palmas)

A oradora comenta mais uma vez a questão feminina quando diz que mulher não é só coragem. Como podemos perceber, a valorização das mulheres representa um dos pontos mais importantes do discurso de posse da presidenta eleita, até porque, para chegar à presidência, ela enfrentou muitas situações de discriminação e preconceito. Logo após, Dilma pede a benção de Deus para o Brasil e para seu povo, encerrando com a confirmação de ser uma pessoa de bem, pois também se mostrou religiosa.

Continuamos agora nosso trabalho, passando para a análise do discurso de posse de Cristina Fernández Kirchner (presidenta da Argentina), proferido no dia 10 de dezembro de 2007.

### 3.2 O *ETHOS* RETÓRICO DE CRISTINA F. KIRCHNER

Neste item analisamos o discurso de posse de Cristina Fernández Kirchner, proferido no dia 10 de dezembro de 2007, na Assembléia Legislativa da Argentina.

A presidenta eleita inicia seu discurso em forma de agradecimento e saudação à Pátria. Desde já, ela busca construir sua imagem de pessoa de bem se mostrando agradecida ao auditório ali presente.

Muchas gracias. ¡Viva, viva la Patria, sí!<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Muito obrigada. Viva, viva a Pátria, sim!

Kirchner se dirige ao auditório, que se caracterizava como universal, pois além das pessoas que participavam do evento na Assembléia Legislativa, havia aqueles que assistiam ao discurso ou o escutava de suas casas, representando assim o povo argentino. A presidenta faz menção a todos, fato que lhe possibilita aproximar-se de seu público para mais facilmente convencer e persuadir.

Señores Jefes de Estado presentes; señores Jefes de Delegaciones; señores gobernadores; autoridades civiles, militares, eclesiásticas; pueblo de la Patria y Honorable Asamblea Legislativa: vengo esta tarde a dar cumplimiento al artículo 93 de la Constitución Nacional.<sup>7</sup>

No trecho seguinte, podemos perceber que Cristina Kirchner elogia o governo anterior, liderado pelo então presidente Néstor Carlos Kirchner, seu marido. Ela diz que a realidade, naquele momento (momento de sua posse) era bem diferente da realidade de quando o ex-presidente havia sido eleito, ou seja, ele fez grandes melhorias ao longo de seu governo. Ela diz que suas convicções são as mesmas das do governo anterior, garantindo assim a continuidade do mesmo tipo de política. Como já constatamos na análise anterior, análise do discurso de posse de Dilma Rousseff, há uma necessidade de mostrar os feitos do governo passado, pois o auditório se identifica com a imagem do ex-presidente Néstor Kirchner que trouxe melhorias para a nação. Há a necessidade de mostrar também que ela andar­á pelo mesmo caminho que vinha sendo trilhado.

Este es un escenario diferente al de hace apenas cuatro años y medio, el 25 de Mayo de 2003. El Presidente, que está sentado a mi izquierda, junto a todos los argentinos cambi­ó en estos cuatro años y medio ese escenario que teníamos aquel 25 de Mayo. Lo hizo en nombre de sus convicciones que son las mías y las de muchísimos argentinos que siempre creímos en el país y en sus hombres y en sus mujeres, en el pueblo y en la Nación, palabras que tal vez en tiempos de la globalización no suenen bien o suenen raro al menos, pero a poco de conocer a los países con más desarrollo económico y social e indagar en las claves de su crecimiento y de su desarrollo, uno puede

---

<sup>7</sup> Senhores Chefes de Estado presentes; senhores Chefes de Delegações; senhores governadores; autoridades civis, militares, eclesiásticas; povo da Pátria e Honrada Assembléia Legislativa: venho esta tarde a dar cumprimento ao artigo 93 da Constituição Nacional.

encontrar en la defensa irrestricta de sus propios intereses, como Estados y sociedades, la clave de ese avance, la clave de ese desarrollo.<sup>8</sup>

Nesse mesmo trecho analisado acima, podemos observar também a crença existente no povo argentino, como a oradora diz, nos homens e nas mulheres. Este fato levanta o moral do auditório, criando-se assim uma atmosfera harmoniosa, campo mais favorável à persuasão. Podemos perceber também a valorização da mulher, pois bastaria dizer “povo argentino” ou apenas “os homens dessa nação” para se referir a todas as pessoas. Mas, para deixar marcada a ideia feminina, preferiu enunciar “nos homens e nas mulheres”.

No trecho seguinte, a oradora continua com a estratégia de agradar seu auditório, pois como Reboul (2004) afirma, é impossível convencer e persuadir sem ser humilde e sem ressaltar as qualidades alheias.

Por eso, pueblo y nación en tiempos de globalización siguen más vigentes que nunca, representar los intereses de los argentinos.<sup>9</sup>

No excerto seguinte do discurso, Kirchner fala do presidente Néstor Kirchner e, ao caracterizá-lo, ela diz apresentar-se com as mesmas características. Podemos perceber que ela constrói seu *ethos* através do *ethos* do ex-presidente, pois assim o auditório a aceitaria de maneira mais natural, certo de que ela seria a continuidade do governo anterior, até então, bem aceito pelo público.

Ninguno de los dos mandatos constitucionales pudo cumplir los tiempos de la Constitución y usted pudo junto a todos los argentinos, revertir aquella sensación de frustración, de fracaso, de no poder que millones de argentinos sentíamos en esos días que corrían. Lo hizo en

---

<sup>8</sup> Este é um cenário diferente ao que se fez quatro anos e meio atrás, 25 de Maio de 2003. O Presidente que está sentado a minha esquerda junto a todos os argentinos mudou, nestes quatro anos e meio, esse cenário que tínhamos naquele 25 de Maio. O fez em nome de suas convicções que são as minhas e as de muitos argentinos que sempre acreditamos no país e em seus homens e em suas mulheres, no povo e na Nação, palavras que talvez em tempos da globalização não soem bem ou soem estranho ao menos, mas ao pouco de conhecer aos países com mais desenvolvimento econômico e social e indagar nas dicas de seu crescimento e de seu desenvolvimento a gente pode encontrar na defesa irrestricta de seus próprios interesses, como Estados e sociedades, a dica desse avanço, a dica desse desenvolvimento.

<sup>9</sup> Por isso, povo e nação, em tempos de globalização, continuam mais atualizados que nunca, a representar os interesses dos argentinos.

nombre de un proyecto político. Usted, después de todo, nunca fue un posmoderno; en tiempos de la posmodernidad, usted es un Presidente de la modernidad y me parece que yo también.<sup>10</sup>

O excerto copiado a seguir nos esclarece outras ideias importantes:

Creemos firmemente en los proyectos políticos; creemos que es posible superar la individualidades que muchas veces con una frase pretendidamente escandalizadora pretenden ocupar, claro, lugares que demandan mucho más lugar si son ideas. Siempre digo, una idea, una propuesta alternativa, seria, viable, realizable lleva mucho más que dos minutos de televisión o cinco centímetros en las columnas de los diarios. Las ideas, los proyectos es lo que triunfaron este 28 de Octubre. Yo no me engaño, nunca he creído en los triunfos personales e individuales, descreo profundamente de ellos, porque creo en las construcciones colectivas y la sociedad. Este último 28 de octubre precisamente convalidó, ratificó una construcción política, social y económica diferente, lo hicimos con todos los argentinos.<sup>11</sup>

Primeiramente percebemos que a oradora utiliza a forma plural para declarar suas crenças. Quando ela diz “Acreditamos firmemente nos projetos políticos (...)”, ela se refere a ela e ao ex-presidente, deixando clara a ideia de que desde muito tempo ela já fazia parte do governo que é tido, por ela, como dela, mesmo antes de sua posse. Ao mostrar-se parte de todo o processo desde muito antes de sua eleição, ela transmite ao auditório o sentimento de confiança, pois já está acostumada com a vida política. Esse sentimento irá fazer com que seu auditório confie em sua pessoa, que tem o *ethos* criado como de pessoa de bem.

Percebemos que a presidenta defende sua ideia de coletividade, visando atender às expectativas do auditório. Como comentamos na parte teórica deste trabalho, de acordo com Meyer (2007), em retórica, para convencer e

---

<sup>10</sup> Nenhum dos dois mandatos constitucionais pode cumprir os tempos da Constituição e sua excelência pode junto a todos os argentinos, reverter aquela sensação de frustração, de fracasso, do não poder que milhões de argentinos sentiam nesses dias que passavam. O fez em nome de um projeto político. Sua excelência, depois de tudo, nunca foi um pós-moderno; em tempos da pós-modernidade, sua excelência é um Presidente da modernidade e eu acho que eu também.

<sup>11</sup> Acreditamos firmemente nos projetos políticos; acreditamos que é possível superar as individualidades que muitas vezes com uma frase possivelmente escandalizadora pretendem ocupar, claro, lugares que demandam muito mais lugar se são ideias. Sempre digo, uma ideia, uma proposta alternativa, seria, viável, realizável, leva muito mais que dois minutos de televisão ou cinco centímetros nas colunas dos jornais. As ideias, os projetos são os que triunfaram neste 28 de Outubro. Eu não me engano, nunca tenho acreditado nos triunfos pessoais e individuais, desacredito profundamente neles, porque creio nas construções coletivas e na sociedade. Este último 28 de outubro precisamente convalidou, ratificou uma construção política, social e econômica diferente, o fizemos com todos os argentinos.

persuadir, é preciso diminuir a distância existente entre orador e auditório. Uma das maneiras de se proceder para se aproximar do público é tentar conhecê-lo, para conseguir atender seus desejos, ou pelo menos, se mostrar disposto a lutar por aquilo que ele acredita ser o certo. Quando a ideia do orador é contrária à do auditório, a chance de convencimento é quase nula. Dessa maneira, Kirchner se aproxima de seu auditório, mostrando-se disposta a atender às necessidades das pessoas que o compõem. Quando declara desacreditar em triunfos pessoais e individuais, ela deixa transparecer sua ideologia de coletividade, fato que traz conforto ao auditório, pois assim ele realmente se vê como parte integrante das decisões, ou seja, parte da construção política, social e econômica do governo.

No trecho seguinte, a oradora faz uso de uma linguagem clara e direta para falar de um de seus objetivos. Como já havia explicado Reboul (2004), ser claro é colocar-se ao alcance de seu auditório. Kirchner declara “que sempre vai faltar a vitória definitiva enquanto existir um pobre na Pátria.”

En el día de hoy, yo no quiero compartir con ustedes cifras o datos o venir a contar las cosas que hemos hecho en estos cuatro años y medio que han sido tan importantes, la renegociación, el pago del Fondo, la lucha sin tregua contra la desocupación, la indigencia, la pobreza en la que vamos obteniendo batallas y triunfos importantes, no el definitivo, porque siempre va a faltar la victoria definitiva mientras haya un pobre en la Patria. Esto lo tenemos muy claro.<sup>12</sup>

A oradora toca em um dos temas que pode estar em um nível alto na escala de valores de seu auditório. A pobreza sempre se caracteriza por ser um dos assuntos mais comentados quando os políticos falam de política. Ao comentar sobre ela e declarar que não haverá vitória enquanto existir um pobre na Argentina, Kirchner atende às expectativas da maior parte de seu auditório. Ao fazer isso, a atmosfera criada é mais propícia ao campo da persuasão e do convencimento e ela ganha a adesão de pelo menos aquelas pessoas que passam pela situação da pobreza ou se importam com ela.

No excerto analisado a seguir, percebemos, como já comentado anteriormente, a maneira como Kirchner se refere ao governo anterior. Ela diz:

---

<sup>12</sup> No dia de hoje, eu não quero compartilhar com os senhores números ou dados ou vir a contar coisas que temos feito nestes quatro anos e meio em que tem sido tão importante a renegociação, o pagamento do Fundo, a luta sem trégua contra o desemprego, a indigência, a pobreza na que vamos obtendo batalhas e triunfos importantes, não o definitivo, porque sempre vai faltar a vitória definitiva enquanto exista um pobre na Pátria. Isto nós temos muito claro.

Pero quiero en esta tarde y en este lugar en el que estuve tantos años, reflexionar con ustedes acerca de lo que para mí son los cuatro capítulos fundamentales de este proceso que hemos iniciado el 25 de mayo de 2003 y que tiene en las instituciones, en la sociedad, en un modelo económico de acumulación con matriz diversificada e inclusión social y en nuestra inserción en el mundo, los cuatro ítems fundamentales: las instituciones. Yo he pertenecido durante doce años a este Parlamento, he estado sentada en esas bancas como ustedes y con ustedes, como diputada y como senadora. Recuerdo madrugadas, fines de semanas enteros aquí sancionando el ajuste permanente; "lo pide el Fondo si no se acaba todo" era la frase que más escuchábamos en aquellos días. De allí de la política del ajuste permanente que caracterizó la década de los '90 pasamos al otro Parlamento, al que aplaudía el default. De la hazaña del ajuste a la hazaña de no pagar. Creo que, amigos y amigas senadores y diputados de todas las bancadas, hemos logrado recuperar el equilibrio, el rol constitucional que nos asigna precisamente nuestra Carta Magna, (...).<sup>13</sup>

Ela afirma ter pertencido ao Parlamento durante doze anos, procedimento que confirma e reafirma seu *ethos* de pessoa adequada para o cargo que ocupa. A oradora comenta também sobre as posições já ocupadas por ela, senadora e deputada, mostrando-se a pessoa competente que o auditório busca naquele (a) que ocupa o mais alto cargo do país. Quando diz: "(...) este processo que temos iniciado em 25 de maio de 2003" - data da posse do ex-presidente Néstor Kirchner – mostra que sua fala transmite um *ethos* de presidenta, cargo que ainda não lhe pertencia, mas é mostrado, pela oradora, como de sua posse também. Nesse mesmo trecho, também podemos perceber seu *ethos* de presidenta dedicada e esforçada quando ela comenta: "Recordo madrugadas, fins de semanas inteiros aqui planejando o ajuste permanente (...)". Fazendo isso, ela está, ao longo do discurso, confirmando sua imagem de pessoa de bem. Não podemos deixar de comentar que a oradora se dirige ao seu público, mais especialmente aos senadores e deputados, da seguinte maneira: "Acredito que, amigos e amigas senadores e deputados de

---

<sup>13</sup> Mas quero nesta tarde e neste lugar em que estive tantos anos, refletir com vocês sobre o que para mim são quatro capítulos fundamentais deste processo que temos iniciado em 25 de Maio de 2003 e que tem nas instituições, na sociedade, em um modelo econômico de acumulação com matriz diversificada e inclusão social e em nossa inserção no mundo, os quatro itens fundamentais: as instituições. Eu tenho pertencido durante doze anos a este Parlamento, tenho estado sentada nesses assentos como vocês e com vocês, como deputada e como senadora. Recordo madrugadas, fins de semanas inteiros aqui planejando o ajuste permanente; "exijo o Fundo se não se acaba tudo" era a frase que mais escutávamos naqueles dias. Daí da política do ajuste permanente que caracterizou a década dos 90, passamos ao outro Parlamento, ao que aplaudia ao padrão. Da façanha do ajuste a façanha de não pagar. Acredito que, amigos e amigas senadores e deputados de todos os bancos, temos alcançado recuperar o equilíbrio, o papel constitucional que nos atribuiu precisamente nossa Carta Magna, (...).

todos os bancos (...)"'. Assim, ela se aproxima de seu público, conseguindo diminuir a distância existente entre ela e aquela parte de seu auditório. Como explica Reboul (2004), a chave de ouro da retórica é levar em conta o auditório. E como afirma Meyer (2007), em retórica, para convencer ou persuadir é preciso diminuir a distância existente entre um e outro, participantes do processo retórico.

Em outro trecho, Kirchner continua a exaltar os feitos do mandato anterior, referindo-se à política que voltou a servir de instrumento para melhorar a qualidade de vida dos cidadãos. Este procedimento de exaltar o governo anterior tem lugar relevante no discurso da oradora, que mantém a postura de fazer parte de todas as conquistas angariadas anteriormente.

Quiero decirles que tengo grandes esperanzas, porque creo que estamos reconstruyendo el sistema de decisión que priva la Constitución para todos sus poderes. El Presidente que está a mi izquierda lo hizo en la Casa Rosada, volvió a resituar la política como el instrumento válido para mejorar la calidad de vida de los ciudadanos y para torcer un destino que parecía incierto, que parecía casi maldito por momentos.<sup>14</sup>

Mais à frente a oradora axalta o sentimento nacionalista, declarando que os argentinos devem acreditar neles próprios, pois eles são capazes de lutar por um futuro melhor. Nesta fala, Kirchner utiliza a primeira pessoa do plural, ou seja, também participa da ideia de acreditar nos argentinos e, dessa maneira, ela transmite confiança ao seu auditório. Todo esse processo se caracteriza como um processo de criação do *ethos* da presidenta, que deseja ser vista como uma pessoa de bem.

Fue precisamente entonces desde la política y desde la Casa Rosada donde podimos evidenciar que los argentinos podíamos porque empezábamos a creer en nosotros mismos. Y también de estos dos poderes, del Ejecutivo y del Poder Legislativo, saldamos una deuda que teníamos con los argentinos: dar una Corte Suprema de Justicia a los argentinos que no los avergonzara, honorable.<sup>15</sup>

---

<sup>14</sup> Quero dizer que tenho grandes esperanças, porque acredito que estamos reconstruindo o sistema de decisão que priva a Constituição para todos seus poderes. O Presidente que está a minha esquerda o fez na Casa Rosada, voltou a situar a política como o instrumento válido para melhorar a qualidade de vida dos cidadãos e para encaminhar um destino que parecia incerto, que parecia quase maldito, por momentos.

<sup>15</sup> Foi precisamente então desde a política e desde a Casa Rosada que podemos evidenciar que os argentinos podiam porque começávamos a acreditar em nós mesmos. E também destes dois

Como já observamos anteriormente, para convencer e persuadir é necessário que o orador atenda às expectativas de seu auditório e demonstre possuir ideias compatíveis as dele, pois se as ideias daquele são contrárias às do auditório, o objetivo de convencer e persuadir ficará cada vez mais distante. Por isso Kirchner comenta sobre alguns assuntos que, geralmente, são os mais visados nos discursos políticos. Já citamos anteriormente a pobreza, mas no excerto copiado a seguir, percebemos que ela fala sobre a igualdade e a liberdade. Esses dois valores caracterizam o exercício da democracia, condição que deve ser perseguida por todos os componentes da sociedade, mas principalmente por aquele (a) que tem a função de presidir o país. Percebemos que Kirchner se mostra disposta a lutar para desenvolver a democracia em seu país, fato que corrobora na constituição de seu *ethos* de pessoa de bem.

No es una cuestión menor, también espero que podamos colocar a todos los argentinos en pie de igualdad tributaria, de modo tal que no haya ningún argentino que no pague impuestos. Muchas veces cuando uno escucha algunas declaraciones precisamente de aquellos hombres que deben aplicar la ley y la Constitución, pero por sobre todas las cosas la garantía de la igualdad, porque si algo debe caracterizar el ejercicio de la democracia es la igualdad ante la ley, no solamente la libertad, es la libertad y la igualdad, la una sin la otra no funcionan. Y entonces cuando uno muchas veces escucha algunas declaraciones en cuanto a que esto no es posible, comprende muchas veces la desazón que envuelve a los ciudadanos y a las ciudadanas de a pie, como a mí me gusta llamarles.<sup>16</sup>

Também nesse excerto, observamos mais um exemplo de tratamento carinhoso por parte da oradora, que busca manter-se próxima de seu auditório. Esta estratégia retórica faz com que a persuasão e o convencimento ocorram de forma

---

poderes, do Executivo e do Poder Legislativo, saldamos uma dívida que tínhamos com os argentinos: dar uma Corte Suprema de Justiça aos argentinos que não os envergonhara, honradamente.

<sup>16</sup> Não é uma questão menor, também espero que possamos colocar a todos os argentinos em pé de igualdade tributária, de tal modo que não exista nenhum argentino que não pague imposto. Muitas vezes quando um escuta algumas declarações precisamente daqueles homens que devem aplicar a lei e a Constituição, mas sobre todas as coisas a garantia da igualdade, porque se algo deve caracterizar o exercício da democracia é a igualdade perante a lei, não somente a liberdade, é a liberdade e a igualdade, uma sem a outra não funcionam. E então quando um muitas vezes escuta algumas declarações enquanto de que isto não é possível, compreende muitas vezes o desgosto que envolve aos cidadãos e as cidadãs de pé, como eu gosto chamá-los.



sutil. A oradora comenta que gosta de chamar os cidadãos e as cidadãs de “ciudadanos y a las ciudadanas de a pie”.

Neste ponto do trabalho, faz-se necessário comentar acerca do *pathos*. Como havíamos explanado na parte dedicada à teoria, essa outra dimensão do tripé retórico (o *pathos*) é definida, de acordo com Reboul (2004), como um conjunto de sentimentos, emoções e paixões que o orador deve tentar despertar no auditório através do discurso que utiliza. Este mesmo autor explica, inclusive, que no campo do *pathos* é necessária a psicologia, pois o orador entrará em contato com o lado emocional do auditório e dependerá dele pra alcançar o objetivo de persuadir. Podemos perceber esse procedimento no trecho do discurso de posse de Kirchner abaixo.

Yo espero que en estos cuatro años de mi mandato, estos juicios que han demorado más de treinta años en ser iniciados, puedan ser terminados. Tenemos la obligación desde el Ejecutivo, desde el Parlamento, desde la propia Corte Suprema de Justicia y de los Tribunales, de adoptar y diseñar los instrumentos que garantizando todos los derechos y garantías que otros argentinos no tuvieron, permitan finalmente enjuiciar y castigar a quienes fueron responsables del mayor genocidio de nuestra historia. Se lo debemos a quienes fueron las víctimas; se lo debemos a sus familiares, a las Abuelas, a las Madres, se lo debemos a los sobrevivientes que no pueden seguir estando sometidos a la tortura del relato permanente de la tragedia. Y se lo debemos también a las Fuerzas Armadas, para que de una vez y para siempre, en vistas al Bicentenario, se pueda separar la paja del trigo y entonces los argentinos podamos todos volver a mirarnos a la cara.<sup>17</sup>

Podemos observar que a estratégia é jogar com os sentimentos do auditório, de forma a deixá-lo emocionalmente receptivo àquilo que será dito. Ferreira (2010, p. 104) explica que agindo assim, “é possível entender a natureza retórica dos enunciados: valoram-se tanto pelo que significam quanto pelas sensações que despertam.” Por isso, é necessário que o discurso retórico seja intenso, expressivo e agradável ao auditório. A presidenta eleita, no excerto

---

<sup>17</sup> Eu espero que nestes quatro anos do meu mandato, estes julgamentos que tem demorado mais de trinta anos em ser iniciados, possam ser terminados. Temos a obrigação desde o Executivo, desde o Parlamento, desde a própria Corte Suprema de Justiça e dos Tribunais, de adaptar e planejar os instrumentos que garantam todos os direitos e garantias que outros argentinos não tiveram, permitam finalmente processar e castigar a quem foi responsável pelo maior genocídio de nossa história. Devemos a quem foram as vítimas; devemos a seus familiares, às Avós, às Mães, devemos aos sobreviventes que não podem seguir estando submetidos à tortura do relato permanente da tragédia. E devemos também às Forças Armadas, para que de uma vez e para sempre, em vistas ao Bicentenário, possa separar a palha do trigo e então os argentinos possamos todos voltar a olhar para nossa cara.

transcrito acima, desperta em seu auditório o sentimento de justiça e o faz através de um discurso claro e direto, tanto que faz uso do clichê “separar a palha do trigo”. Repararamos então, que mesmo o discurso de posse se apresentando como um texto formal, há momentos em que, visando à clareza e visando a colocar-se ao alcance do auditório, a oradora faz uso de uma linguagem mais coloquial.

Percebemos também no discurso de posse de Kirchner, assim como nos discursos analisados anteriormente, o pedido de ajuda da presidenta a todos aqueles que fazem parte da sociedade. A oradora declara ser impossível mudar um país apenas com um bom governo, sendo necessária a ajuda efetiva de todos. Fazendo isso, ela colabora para a construção de seu *ethos* de pessoa humilde, pois assume necessitar da atuação de todos os argentinos.

Creo también que no solo las instituciones del Estado en sus tres poderes deben abordar la reconstrucción de este nuestro país, creo que también otros estamentos de la sociedad, empresariales, dirigenciales, medios de comunicación deben saber que el hecho de no integrar el espacio público gubernamental, no los exime también de la tarea y de la responsabilidad que a cada uno de aquellos argentinos que tiene un poco más de poder, bastante más poder -diría yo- que el resto de los ciudadanos, tienen también obligación moral de construir un país distinto. (...) También creo que la sociedad es parte importante. No se puede cambiar un país únicamente con un buen gobierno en sus tres poderes. Para cambiar un país hace falta un buen gobierno y una buena sociedad, donde cada uno de los ciudadanos sepa que todos los días cuando toma decisiones, está también construyendo el modelo de sociedad en la que quiere vivir.<sup>18</sup>

Em relação aos temas mais visados nos discursos políticos, não podemos deixar de comentar o tema “Educação”, tratado por Kirchner em seu discurso de posse. Como já afirmamos anteriormente, a escolha dos assuntos a serem discutidos em um discurso não se caracteriza como uma escolha aleatória. O orador deve ter sempre o objetivo de falar sobre aquilo que seu auditório está ansioso para escutar. Podemos perceber que na Argentina, assim como no Brasil, o

---

<sup>18</sup> Acredito que não só somente as instituições do Estado em seus três poderes devem abordar a reconstrução deste nosso país, acredito também que outros entes da sociedade, empresariais, dirigentes, meios de comunicação devem saber que o fato de não integrar o espaço público governamental, não os exime também da tarefa e da responsabilidade que a cada um daqueles argentinos que tem um pouco mais de poder, bastante mais poder – diria eu – que o resto dos cidadãos, tem também obrigação moral de construir um país diferente. (...) Também acredito que a sociedade é parte importante. Não se pode mudar um país unicamente com um bom governo em seus três poderes. Para mudar um país faz falta um bom governo e uma boa sociedade, onde cada um dos cidadãos saiba que todos os dias quando toma decisões, está também construindo o modelo de sociedade na que quer viver.

sistema educacional também necessita de melhoras e por se tratar de um dos assuntos mais relevantes da sociedade, as pessoas que compunham o auditório tinham expectativas em relação a essa questão política. No excerto abaixo, a oradora comenta que a escola pública do presente não é a mesma do passado, pois, tanto ela quanto o ex-presidente Néstor Kirchner, tiveram suas formações escolares e universitárias feitas pela escola pública e, na época em que o discurso de posse acontecia, um deixava o cargo de presidente para que o outro tomasse posse. Ou seja, a educação pública no passado foi responsável por formar até presidente e presidenta da República, mas como afirma Kirchner, “aquela educação pública não é a de hoje. Quero dizer com valentia porque o sinto.”

En los roles también está el del Estado, el de un Estado que ha decidido colocar a la educación como el otro eje fundamental de transformación y de agregar competitividad. El Presidente que está a mi izquierda y yo somos hijos de la escuela pública y de la universidad pública y gratuita. No es casualidad, no somos hijos de personas con mucho dinero, somos hijos de trabajadores y él es Presidente y yo soy Presidenta; somos eso, producto de la educación pública. Pero también quiero decir que aquella educación pública no es la de hoy. Quiero decirlo con valentía porque lo siento. Yo me eduqué en una escuela donde había clases todos los días, donde los maestros sabían más que los alumnos, donde nosotros teníamos que estudiar todo el día para poder aprobar y pasar, porque creíamos en el esfuerzo, porque creíamos en el sacrificio. Lo recuerdo como si fuera hoy, seguramente mi madre aquí también me recuerda, horas sentada estudiando. Porque no hay financiamiento estatal que valga. Podemos destinar no seis puntos del Producto Bruto, podemos destinar diez, pero si no hay capacitación y formación docente, si los alumnos no estudian, si la familia no se hace cargo, en fin si todos no trabajamos y nos esforzamos y cooperamos en lograr el bien común, va a ser muy difícil no solamente lograr una mejor calidad de educación sino también

seguramente un mejor país. Y a eso los convoco a todos, a los padres, a los alumnos, a los docentes, a una escuela pública diferente.<sup>19</sup>

Nesse mesmo trecho analisado acima, podemos perceber que, novamente, a oradora pede a ajuda da população, ou melhor, convoca a população, para poder transformar a educação no país. Fazendo isso, ela deixa à mostra sua ideologia de coletividade, já mostrada anteriormente.

Já ao fim do discurso, Kirchner comenta a questão da inserção da Argentina no mundo e, dentro deste assunto, toca na questão feminina.

Ayer, en el Salón Blanco de la Casa de Gobierno tuve la fotografía que creo que es la fotografía de nuestra historia, de nuestros orígenes, de nuestros intereses. Allí, el Presidente del Brasil que hoy nos acompaña, el Presidente de Ecuador, el Presidente de Paraguay, el Presidente de Bolivia, el Presidente de Venezuela junto a nuestro Presidente firmaban el Acta Fundacional de lo que espero sea un instrumento para la transformación económica y social de nuestros pueblos. Esta es nuestra Casa la América latina que también tiene nombre de mujer y que no significa que nos neguemos al mundo, el MERCOSUR, nuestro espacio al que esperamos que se incorpore a la brevedad Venezuela para cerrar la ecuación energética de América latina, porque alimentos y energía serán la clave de un futuro que ya está aquí en la puerta, que no es tan lejano.<sup>20</sup>

---

<sup>19</sup> Nos papéis também está o do Estado, o de um Estado que decidiu colocar a educação como o outro eixo fundamental de transformação e acrescentar competitividade. O Presidente que está a minha esquerda e eu somos filhos da escola pública e da universidade pública e gratuita. Não é coincidência, não somos filhos de pessoas com muito dinheiro, somos filhos de trabalhadores e ele é o Presidente e eu sou Presidenta; somos isso, produto da educação pública. Mas também quero dizer que aquela educação pública não é a de hoje. Quero dizer com valentia porque o sinto. Eu fui educada numa escola onde tinha aulas todos os dias, onde os professores sabiam mais que os alunos, onde nós tínhamos que estudar todo o dia para poder aprovar e passar, porque acreditávamos no esforço, porque acreditávamos no sacrifício. Recordo como se fosse hoje, seguramente minha mãe aqui também recorda, horas sentada estudando. Porque não existe financiamento estatal que valha. Podemos destinar não seis pontos do Produto Bruto, podemos destinar dez, mas se não tem capacitação e formação docente, se os alunos não estudam, se a família não se responsabiliza, enfim se todos não trabalhamos e nos esforçamos e cooperamos em conseguir o bem comum, vai ser muito difícil não somente conseguir uma melhor qualidade de educação senão também seguramente um melhor país. E é para isso que os convoco a todos, aos pais, aos alunos, aos docentes, a uma escola pública diferente.

<sup>20</sup> Ontem, no Salão Branco da Casa de Governo tive a fotografia que acredito que é a fotografia da nossa história, de nossas origens, de nossos interesses. Ali, o Presidente do Brasil que hoje nos acompanha, o Presidente do Equador, o Presidente do Paraguai, o Presidente da Bolívia, o Presidente da Venezuela junto ao nosso Presidente assinavam a Ata Fundacional, o que espero que seja um instrumento para a transformação econômica e social de nosso povo. Esta é nossa Casa, a América latina que também tem nome de mulher e que não significa que nós neguemos ao mundo, o MERCOSUL, nosso espaço ao que esperamos que se incorpore à brevidade Venezuela para fechar a equação energética da América Latina, porque alimentos e energia serão a senha de um futuro que já está aqui na porta, que não é tão distante.

Nesse excerto, a oradora diz que a América Latina, que também tem nome de mulher, é a casa dos argentinos. Fazendo isso, ela exalta a figura feminina, que, dessa forma, pode ser mais valorizada.

Um trecho também importante no qual podemos perceber a constituição do *ethos* de presidenta solidária é o seguinte:

Esta es hoy la situación pero sepan compatriotas del Uruguay, de la Patria Grande, que lo sentimos los argentinos y lo vamos a sentir siempre nuestros hermanos. Que de esto no haya ninguna duda.<sup>21</sup>

Neste excerto, a oradora se refere à população do Uruguai como irmãos, fato que aproxima os dois países e confirma o *ethos* de pessoa de bem, que todo orador deve buscar atingir.

Antes de encerrar, a oradora comenta novamente sobre a questão feminina, quando declara que, talvez a tarefa será mais difícil para ela, por ser mulher, mas que com esforço e trabalho de todos, a melhoria no país será possível. Além disso, cita exemplos que buscam comover e convencer seu auditório. Mais uma vez, podemos falar sobre o *pathos*, ou seja, os sentimentos causados no auditório no intuito de tirar proveito do estado de espírito dos que compõem seu público.

Sé que faltan muchas cosas, sé que tendremos que corregir otras. Estoy convencida de que lo vamos a poder hacer con el esfuerzo y el trabajo de todos los argentinos. También -porque saben, que la sinceridad es uno de mis datos proverbiales- sé que tal vez me cueste más porque soy mujer, porque siempre se puede ser obrera, se puede ser profesional o empresaria, pero siempre nos va a costar más. Estoy absolutamente convencida. Pero creo tener la fuerza para poder hacerlo y además el ejemplo, el ejemplo no solamente de Eva que no pudo, no pudo, tal vez ella lo merecía

---

<sup>21</sup> Esta é hoje a situação, mas saibam compatriotas do Uruguai, da Pátria Grande, que nós argentinos os sentimos e o vamos sentir sempre nossos irmãos. Sobre isso não haja nenhuma dúvida.

más que yo, el ejemplo de unas mujeres que con pañuelo blanco se atrevieron donde nadie se atrevía y lo hicieron.<sup>22</sup>

Quando a oradora cita como exemplo Eva, ela busca dentro daquilo que é incontestável, um exemplo que se encaixe na situação descrita por ela. Fazendo isso ela comove os que ali estão e, comovidos, os componentes de seu público apresentam-se de forma mais receptiva às suas ideias.

Ao terminar sua fala, Kirchner reafirma o *ethos* de pessoa do bem construído ao longo do discurso, pois ao falar de Deus ela demonstra ser uma pessoa religiosa.

Quiera Dios y me ilumine para que me equivoque lo menos posible, que me ayude a escuchar, que me ayude a decidir. Lo voy a hacer como siempre he hecho todas las cosas que he emprendido en mi vida: con mis convicciones, con mis ideas y, por sobre todas las cosas, con mi inmenso y eterno compromiso con la Patria. Muchas gracias.<sup>23</sup>

O discurso é encerrado quando a oradora afirma seu compromisso com a Pátria, caracterizado, por ela, como imenso e eterno e, como no início, agradece ao seu auditório.

### 3.3 O *ETHOS* RETÓRICO DE LAURA C. MIRANDA

Neste item analisamos o discurso de posse da presidenta da Costa Rica, Laura Chinchilla Miranda. Ele foi proferido no dia oito de maio de 2010, no

---

<sup>22</sup> Sei que faltam muitas coisas, sei que teremos que corrigir outras. Estou convencida de que vamos poder fazer com esforço e trabalho de todos os argentinos. Também porque sabem que a sinceridade é um de meus dados proverbiais – sei que talvez me custe mais porque sou mulher, porque sempre se pode ser trabalhadora, se pode ser profissional ou empresária, mas sempre nos vai a custar mais. Estou absolutamente convencida. Mas acredito ter a força para poder fazer e também o exemplo, o exemplo não somente de Eva que não pode, não pode, talvez ela o merecia mais que eu, o exemplo das mulheres que com lenço branco se atreveram onde ninguém se atrevia e o fizeram. Esse era o exemplo delas, das Mães e das Avós, das Mães e das Avós da Pátria.

<sup>23</sup> Queira Deus e me ilumine para que me equivoque o menos possível, que me ajude a escutar, que me ajude a decidir. E vou fazer como sempre tenho feito todas as coisas que tenho empreendido na minha vida: com minhas convicções, com meus ideais e, sobre todas as coisas, com meu imenso e eterno compromisso com a Pátria. Muito obrigada.

Parque Metropolitano de La Sabana, na cidade de San José. O discurso encontra-se anexado ao trabalho (ANEXO D).

Laura Chinchilla inicia seu discurso saudando as pessoas ali presentes. Seu auditório era constituído por todo o público que estivesse escutando a presidenta ou assistindo ao seu discurso. Isso significa que seu auditório era universal e, portanto, heterogêneo.

Señores Jefes de Estado que nos honran con su presencia, Señoras y señores miembros de los Supremos Poderes de Costa Rica, Señores representantes oficiales, Oficiales de Gobiernos amigos, Queridas y queridos costarricenses.<sup>24</sup>

Ao se referir a todos e, principalmente, ao utilizar as palavras amigos, queridas e queridos, a oradora se aproxima de seu auditório, diminuindo a distância existente entre ela e seu público. De acordo com Meyer (2007), este procedimento da presidenta ajuda a criar uma atmosfera propícia à persuasão e ao convencimento, pois as pessoas, ao serem tratadas como amigos, queridas e queridos, tornam-se mais receptivas.

No excerto seguinte, a oradora começa a construir seu *ethos* de pessoa do bem, pois se mostra muito agradecida pelo fato de seu auditório ter escolhido sua pessoa para ocupar o cargo de presidenta da República. Além disso, apresenta-se com humildade, valor insubstituível se se pretende alcançar a aceitação e a confiança do auditório. Dessa forma, a oradora vai expondo seu *ethos* de boa pessoa, pois como explica Reboul (2004), é impossível convencer ou persuadir sem se mostrar uma pessoa de bem. O autor ainda afirma que não importam quais sejam os argumentos lógicos utilizados, se não parecer uma pessoa de bem, não haverá convencimento.

Me presento ante ustedes con el corazón henchido de agradecimiento por la responsabilidad que han depositado en mí. Me presento con la humildad de quien sabe que no podrá

---

<sup>24</sup> Senhores Chefes de Estado que nos honram com sua presença, Senhoras e senhores membros dos Supremos Poderes de Costa Rica, Senhores representantes oficiais, Oficiais de Governos amigos, Queridas e queridos costarriguenses.

tener éxito en su tarea si no es capaz de convocar a ella a todas y todos los ciudadanos de buena fe.<sup>25</sup>

Nesse mesmo trecho, a oradora também deixa claro sua ideia de coletividade, pois afirma que, para ter êxito em suas tarefas, necessitará de todos os cidadãos e cidadãs de boa fé. Essa ideia de coletividade demonstrada pela presidenta faz com que o auditório sintam-se parte do governo, pois também ajudará nas tarefas e decisões.

No trecho seguinte, a oradora comenta sobre um assunto muito importante que é a diversidade. Como explica Reboul (2004, p. 57), “É evidente que a maneira de apresentar os fatos já é, em si, um argumento.” Isso significa que a ordem dos assuntos a serem tratados não é escolhida aleatoriamente. Como afirma o autor, a maneira de apresentar os assuntos já é uma estratégia, pois ao tocar no assunto da diversidade, a oradora ganha a adesão de muitas pessoas que veem nesse tema uma questão muito séria em relação aos valores éticos e morais. A presidenta diz:

Me presento con los brazos abiertos para estrechar en ellos a Costa Rica, con toda su gente, en toda su geografía, en toda su unidad y su espléndida diversidad.<sup>26</sup>

Laura Chinchilla declara estar de braços abertos a todas as pessoas da Costa Rica. Além de aproximar-se do auditório, a oradora demonstra que, ao longo de seu governo, não haverá lugar para a discriminação e o preconceito. Logo no início de seu discurso, ela ganha a adesão de pelo menos todos aqueles que se preocupam com a situação da discriminação e do preconceito. Por isso é que Reboul (2004) declara que a ordem dos argumentos não é lógica, mas sim, psicológica.

A seguir, Laura Chinchilla busca, através do uso refinado da linguagem, criar uma atmosfera harmoniosa, campo mais propício à persuasão e ao convencimento. Como já ressaltamos anteriormente, o *pathos*, sentimentos despertados no auditório, pelo orador, tem papel essencial quando o objetivo é fazer

---

<sup>25</sup> Presento-me ante os senhores com o coração cheio de agradecimento pela responsabilidade que depositaram em mim. Presento-me com a humildade de quem sabe que não poderá ter êxito na sua tarefa senão é capaz de convocar para ela todas e todos os cidadãos de boa fé.

<sup>26</sup> Presento-me com os braços abertos para estreitar neles a Costa Rica, com toda sua gente, em toda sua geografia, em toda sua unidade e sua espléndida diversidade.



com que ele se torne receptivo àquilo que se quer enunciar. A oradora se expressa de maneira a deixar seu público maravilhado com a situação ali construída, afinal o discurso de posse foi proferido no Parque Metropolitano de La Sabana e as palavras da presidenta foram essas:

Nos hemos congregado aquí, al aire libre y bajo el Sol, circundados de montañas, más allá de las cuales se enfilan cordilleras y llanuras para arribar, en una distancia de solo 119 kilómetros entre sí, a la inmensidad de dos océanos. Las montañas nos elevan al infinito, como invocación de trascendencia, y la majestad de los océanos nos señalan la senda de la universalidad y de la hermandad. Un compatriota, Franklin Chang, veterano de siete viajes espaciales, conjuga en Guanacaste, frente al océano Pacífico, ambas dimensiones. Nuestro astronauta sueña y refina con un grupo de científicos y trabajadores el motor de plasma para ascender, con la celeridad del espíritu, hacia el espacio sideral, testimonio singular, como el de muchos otros compatriotas, de excelencia y de superación.<sup>27</sup>

Além de exaltar os elementos da natureza, a oradora cita valores como universalidade e irmandade. Cita também os feitos de um famoso astronauta, exemplo de excelência e superação. Tudo isso visa à criação de uma atmosfera que envolve todos os que estão presentes no evento.

A estratégia utilizada pela oradora (embelezamento do discurso de forma a encantar e maravilhar o auditório, deixando-o mais receptivo à sua pessoa), é reutilizada quando a presidenta deseja falar sobre as pessoas que compõem a sociedade. Podemos observar que, nos discursos analisados anteriormente, as presidentas optaram por utilizar uma linguagem mais simples e clara, além de fazer uso da estratégia de agradar o auditório para mais facilmente convencê-lo. No discurso de posse de Laura Chinchilla notamos que sua estratégia é diferente, pois para atingir seu auditório, ela busca encantar pelas palavras. Isso não significa que a linguagem não seja simples e clara, mas significa adotar um estilo diferente. Como já ressaltamos na parte teórica deste trabalho, a linguagem e o estilo devem se adequar ao tema, e o estilo adotado pela oradora está de acordo com o local

---

<sup>27</sup> Temos nos reunido aquí, ao ar livre e debaixo de Sol, cercados de montanhas, mais lá das quais se alinham cordilheiras e planícies para chegar numa distância de 119 quilômetros entre si, à imensidão de dois oceanos. As montanhas nos elevam ao infinito, como invocação de transcendência, e a majestade dos oceanos nos ensinam o caminho da universalidade e da irmandade. Um compatriota, Franklin Chang, veterano de sete viagens espaciais, conjuga em Guanacaste, frente ao oceano Pacífico, ambas dimensões. Nosso astronauta sonha e refina com um grupo de científicos e trabalhadores o motor de plasma para ascender, com a velocidade do espírito, em direção ao espaço sideral, testemunho singular, como o de muitos outros compatriotas, de excelência e de superação.

escolhido para proferir o discurso e está de acordo também com o tema, pois ela comenta sobre os componentes da sociedade. No trecho copiado a seguir a oradora fala das raízes ancestrais do povo da Costa Rica, dos simples lavradores, dos pequenos proprietários, dos personagens da mitologia popular, etc.

Alrededor de nosotros, hechas una con la Tierra, las esferas que decoran este escenario nos recuerdan nuestras raíces ancestrales. Sembradas por los indios borucas en medio de nuestros bosques tropicales del sur, representan su búsqueda gozosa de armonía y de unidad, como plasmando, desde el alba de nuestro pueblo, un hilo conductor en nuestra historia. El boyero y la carreta, por su parte, nos recuerdan al labriego sencillo, portador de nuestras raíces rurales, que configuraron una sociedad de pequeños propietarios, forjadores de nuestra democracia. Nos acompañan también las mascaradas, donde se entremezclan y se igualan, a punta de barro y papel, los personajes de nuestra mitología popular con los habitantes de nuestras comunidades.<sup>28</sup>

No trecho analisado a seguir, a oradora continua com a estratégia de se aproximar de seu auditório, pois diz: “Ao amado povo da Costa Rica (...)” e também confirma seu *ethos* de pessoa de bem quando declara: “(...) reitero minha promessa de servir com humildade, honestidade e firmeza.” Como percebido nas análises anteriores, a oradora também comenta sobre o ex-presidente e exalta a importância das conquistas de seu governo.

Al amado pueblo de Costa Rica y a quienes conviven con nosotros les reitero mi promesa de servirles con humildad, honestidad y firmeza. Al Presidente, don Óscar Arias, le ratifico mi reconocimiento fervoroso, el de mi gobierno y el de nuestra gente por sus imborrables servicios a la patria, que abrieron una ancha senda de confianza y esperanza para el país.<sup>29</sup>

---

<sup>28</sup> Em torno de nós, feitas com a Terra, as esferas que decoram este cenário nos recordam nossas raízes ancestrais. Semeadas pelos índios Borucas em meio de nossos bosques tropicais do sul, representam sua busca cheia de harmonia e unidade, como plasmando, desde o amanhecer de nosso povo, um fio condutor na nossa história. O vaqueiro e a carroça, por sua parte, nos recordam ao lavrador simples, portador de nossas raízes rurais, que configuraram uma sociedade de pequenos proprietários, forjadores de nossa democracia. Acompanham-nos também as mascaradas, onde se misturam e se igualam à ponta de lama e papel, os personagens de nossa mitologia popular com os habitantes de nossas comunidades.

<sup>29</sup> Ao amado povo da Costa Rica e a quem convivem com nós, os reitero minha promessa de servir com humildade, honestidade e firmeza. Ao Presidente, Dom Oscar Arias, ratifica meu reconhecimento fervoroso, o do meu governo e o de nossa gente por seus fundamentais serviços à pátria, que abriram um amplo caminho de confiança e esperança para o país.

Quando pensamos no auditório, percebemos que, para melhor convencer e persuadir, é preciso tentar atender suas expectativas. No entanto, como explicam Perelman & Olbrechts-Tyteca (1996), é muito difícil a tarefa de se definir um auditório, principalmente se ele é heterogêneo. Dessa forma, o orador deve ter à sua disposição argumentos múltiplos, pois se as pessoas que compõem o auditório são diferentes umas das outras, é necessário que o orador também utilize argumentos variados. Muito importante também é o fato de o orador tentar se referir a todos que possam estar escutando o discurso, pois assim ele se aproxima de seu público e o próprio público sente que faz parte de todo o processo político que está em vigor. Laura Chinchilla, no excerto copiado a seguir, age de acordo com o que foi enunciado acima, pois busca dar atenção a todos que possam estar escutando seu discurso.

Saludo agradecida y emocionada a nuestros distinguidos visitantes, representantes de gobiernos e instituciones internacionales, a quienes les renovamos nuestra amistad y les tendemos nuestra mano amiga.<sup>30</sup>

A oradora aproveita para confirmar seu *ethos* de pessoa do bem quando diz que estende sua mão amiga aos visitantes, representantes de governo e instituições internacionais.

Outra estratégia retórica bastante eficaz, para quando o orador precisa atender às expectativas de um auditório heterogêneo, é apoiar-se em ideias incontestáveis. Podemos perceber essa estratégia no excerto colocado abaixo, quando a oradora comenta sobre valores do ser humano e da democracia.

Hago hincapié en este compromiso constitucional porque contiene los valores más altos del ser humano y de la democracia, que a toda costa debemos mantener y fortalecer, por representar criterios capaces de orientarnos sobre los problemas del país y del mundo.<sup>31</sup>

---

<sup>30</sup> Saúdo agradecida e emocionada aos nossos distintos visitantes, representantes de governos e instituições internacionais, a quem os renovamos nossa amizade e os estendemos nossa mão amiga.

<sup>31</sup> Faço ênfase neste compromisso constitucional porque contém os valores mais altos do ser humano e da democracia, que a todo custo devemos manter e fortalecer, por representar critérios capazes de orientar-nos sobre os problemas do país e do mundo.

A partir deste ponto do discurso de Laura Chinchilla, percebemos que ela dedica grande atenção às mazelas sociais, para chegar ao assunto dos valores morais, da democracia e da cidadania. No excerto copiado a seguir, a oradora cita as mazelas que a sociedade enfrenta, entre elas: agressão contra mulheres e crianças, violação da vida privada, desigualdade e exclusão, ostentação do poder público, ruptura da aliança entre o ser humano e a natureza, o avanço da criminalidade e o narcotráfico, a fome e a desnutrição e, de acordo com a presidenta, uma das questões mais importantes: a crise econômica, causada pela ambição.

Vivimos un período de hondas mutaciones y múltiples desafíos que nos obligan a opciones legales y morales: desde el frenesí del armamentismo hasta el hambre y la desnutrición; desde el amparo de la bioética hasta el desarraigo de la familia, desde la agresión incontenible contra las mujeres y los niños hasta la violación de la vida privada; desde la desigualdad y la exclusión hasta la inhumana ostentación del poder económico; desde la fractura de la alianza entre el ser humano y la naturaleza hasta el avance avasallador de la criminalidad y el narcotráfico. La lista es amplia. Uno de sus capítulos más aleccionadores ha sido la reciente crisis económica, urdida y causada por el antivalor de la ambición. Aunque se ha acrecentado la sensibilidad por los derechos humanos y la irradiación de los valores éticos, la confusión conceptual y la lentitud de la reacción ensombrece aún el panorama de la vida.<sup>32</sup>

É interessante que a oradora, nos próximos excertos a serem analisados, desenvolve seu discurso de forma diferente dos discursos de Dilma e Kirchner. Ela fala sobre democracia de uma forma a chamar os cidadãos para uma vida regida pelos princípios éticos. Percebemos que, ao longo de todo o discurso, ela confirma não haver outra solução para a sociedade a não ser que todos trabalhem unidos e respeitando as regras de boa conduta para se viver em comunidade.

---

<sup>32</sup> Vivimos num período de profundas mudanças e múltiplos desafios que nos obrigam as opções legais e morais: desde o frenesi do armamentismo até a fome e a desnutrição; desde o amparo da bioética até o desencaixamento da família, desde a agressão sem limites contra as mulheres e as crianças até a violação da vida privada; desde a desigualdade e a exclusão até a antihumana ostentação do poder econômico; desde a fratura da aliança entre o ser humano e a natureza até o avanço avassalador da criminalidade e o narcotráfico. A lista é ampla. Um de seus capítulos mais importantes tem sido a recente crise econômica, urdida e causada pelo anti-valor da ambição. Ainda que se têm acrescentado a sensibilidade pelos direitos humanos e a irradiação dos valores éticos, a confusão conceitual e a lentidão da reação ofusca ainda o panorama da vida.

No excerto abaixo, a oradora afirma que a democracia sem a responsabilidade, afoga a liberdade e declara também que os direitos individuais devem estar sempre juntos com o cumprimento dos deveres.

Los derechos individuales disociados del cumplimiento de los deberes resquebrajan la sociedad. La democracia sin responsabilidad ahoga la libertad. El disentimiento enriquecedor de la democracia, sin la contrapartida de la responsabilidad, desemboca en el caos y en la ingobernabilidad. Las vías de hecho y la impunidad favorecen al agresor en el Estado, en la familia, en la escuela o en la calle.<sup>33</sup>

No próximo excerto ela comenta que a democracia dá o direito às pessoas de deliberar e objetar, mas também é preciso tomar decisões, participar e propor. Ela chega até a afirmar que a democracia nos permite agir com generosidade em relação àquele que tem pouco ou que, simplesmente, carece de tudo.

La democracia es rechazo de la arbitrariedad y apertura a la legalidad. La democracia es derecho a deliberar, pero, al mismo tiempo, obligación de decidir. La democracia es derecho a objetar, pero también imperativo y campo abierto para participar y proponer. La democracia nos invita a disfrutar de lo que nos pertenece y hemos forjado mediante nuestro talento y nuestro trabajo, pero también nos impulsa a abrimos con generosidad a los que tienen poco o carecen de todo. Es respetar y acompañar a quienes padecen limitaciones y que también merecen satisfacer sus ilusiones. Democracia es, en fin, creación sin tregua de oportunidades.<sup>34</sup>

Através dessas ideias, a oradora pretende criar um campo favorável para aceitação de suas próximas palavras, que são, na verdade, uma proposta, um pedido. Ela propõe que todos se unam num só fazer, que se realize por inteiro.

---

<sup>33</sup> Os direitos individuais dissociados do cumprimento dos deveres racham a sociedade. A democracia sem responsabilidade afoga a liberdade. O dissentimento enriquecedor da democracia, sem a contrapartida da responsabilidade, desemboca no caos e na ingovernabilidade. As vias de fato e a impunidade favorecem ao agressor no Estado, na família, na escola ou na rua.

<sup>34</sup> A democracia é rejeição da arbitrariedade e abertura à legalidade. A democracia é direito a deliberar, mas, ao mesmo tempo, obrigação de decidir. A democracia é direito a objetar, mas também imperativo e campo aberto para participar e propor. A democracia nos convida a desfrutar do que pertence e temos forjado mediante nosso talento e nosso trabalho, mas também nos leva a nos abrimos com generosidade aos que tem pouco ou carecem de tudo. É respeitar e acompanhar a quem padecem limitações e que também merecem satisfazer suas ilusões. Democracia é, enfim, criação sem tregua de oportunidades.

Hoy vengo a reafirmar mis convicciones frente a estas desafiantes y justas dimensiones de la democracia y a proponer que nos unamos en un solo haz para realizarlas con entereza. (...) Mi gobierno se esforzará en ser de todas y de todos, en procura siempre del bien común, con respeto y mente abierta.<sup>35</sup>

Dessa maneira, a oradora declara que seu governo se esforçará em ser de todos e de todas, procurando sempre o bem comum, com respeito e mente aberta.

A partir daí a presidenta começa a utilizar a primeira pessoa do plural, principalmente ao pronunciar o verbo trabalhar. O que podemos notar é que, ao longo de todo seu discurso, a oradora procura expor seu *ethos* de pessoa de bem. Seu discurso é baseado nos princípios éticos e morais. Ela comenta enfaticamente sobre a democracia e chama os cidadãos costarriquenses para viver em democracia e dentro dos valores éticos e morais. A oradora propõe um trabalho em união e é por isso que ela muda o tipo de tratamento dado ao seu auditório. Ao dizer trabalharemos, e não “trabalharei”, ela já traz a ideia implícita de que todos estão trabalhando juntos pelo país. Isso faz com que as pessoas se sintam parte das decisões, mas também faz com que todos se sintam responsáveis por ajudar na tarefa de governar o país.

Trabajaremos en equipo por una Costa Rica más segura y más tranquila, con mayor y mejor presencia policial, con una más depurada cultura de legalidad para que los niños, las niñas y los jóvenes disfruten, sin temor, de los bienes de la libertad. Lucharemos también arduamente por una nación más segura de sus valores, de su sentido de responsabilidad. Llena de confianza en su capacidad para alcanzar las más altas metas que nos hemos propuesto y que merecemos.<sup>36</sup>

Nesse trecho a oradora comenta sobre segurança e liberdade. Mais uma vez ela fala sobre os valores de responsabilidade. No trecho seguinte, ela fala de educação, saúde, moradia e pobreza, que de acordo com a presidenta, são os principais compromissos da nação.

---

<sup>35</sup> Hoje venho a reafirmar minhas convicções frente a estas desafiantes e justas dimensões da democracia e a propor que nos unamos num só fazer para realizar por inteiro. (...) Meu governo se esforçará em ser de todas e de todos, em procura sempre do bem comum, com respeito e mente aberta.

<sup>36</sup> Trabalharemos em equipe por uma Costa Rica mais segura e mais tranqüila, com maior e melhor presença policial, com uma mais depurada cultura de legalidade para que os meninos, as meninas e os jovens desfrutem, sem temor, dos bens da liberdade. Lutaremos também arduamente por uma nação mais segura de seus valores, de seu sentido de responsabilidade, cheia de confiança em sua capacidade para alcançar as mais altas metas que nos temos proposto e merecemos.

Mediante acciones eficaces, ordenadas y debidamente coordinadas, trabajaremos por una Costa Rica más educada y preparada, más sana, con más y mejores viviendas, con opciones de cuidado para su niños, niñas y adultos mayores, y que haga del combate a la pobreza su mayor compromiso.<sup>37</sup>

Nos próximos excertos, podemos perceber as mesmas construções com verbos na primeira pessoa do plural e assuntos que representam as metas a serem alcançadas durante os próximos 4 anos.

Trabajaremos por una Costa Rica más próspera y competitiva, generadora de riqueza, comprometida con las micro, pequeñas y medianas empresas, y con empleos más productivos y mejor remunerados. Una Costa Rica en que debemos buscar el éxito individual que surge del esfuerzo, del talento, del rigor y de la imaginación, siempre que los logros de unos no conspiren contra los derechos y legítimos intereses de los otros.<sup>38</sup>

No excerto seguinte, a oradora comenta sobre a meta de se desenvolver uma economia em que o respeito aos recursos naturais seja o lema. Mais uma vez confirmando a ideia de união e coletividade, a presidenta diz: Uma Costa Rica próspera e verde: a prosperidade, compartilhada por todos, o verde, protegido por todos.

Trabajaremos por una Costa Rica más verde y más limpia, por una economía pujante, respetuosa de sus recursos naturales y capaz de producir la energía que consume de fuentes cien por ciento renovables. Una Costa Rica próspera y verde: lo próspero, compartido por todos; lo verde, protegido por todos.<sup>39</sup>

---

<sup>37</sup> Mediante ações eficácias, ordenadas e devidamente coordenadas, trabalharemos por uma Costa Rica mais educada e preparada, mais saudável, com mais e melhores moradias, com opções de cuidado para seus meninos, meninas e adultos maiores, e que faça do combate à pobreza seu maior compromisso.

<sup>38</sup> Trabalharemos por uma Costa Rica mais próspera e competitiva, geradora de riqueza, comprometida com as micro, pequenas e médias empresas, e com empregos mais produtivos e melhor remunerados. Uma Costa Rica em que devemos buscar o sucesso individual que surge do esforço, do talento, do rigor e da imaginação, sempre que as realizações de uns não conspiram contra os direitos e interesses legítimos dos outros.

<sup>39</sup> Trabalharemos por uma Costa Rica mais verde e mais limpa, por uma economia rigorosa, respeitosa de seus recursos naturais e capazes de produzir a energia que consumem de fontes cem por cento renováveis. Uma Costa Rica próspera e verde: o próspero, compartilhado por todos; o verde, protegido por todos.

Trabajaremos por una Costa Rica más innovadora, más inteligente y más emprendedora con una nueva economía impulsada por la biotecnología, la agricultura orgánica, la industria audiovisual, las infocomunicaciones y la industria aeroespacial, entre otras. Una Costa Rica donde el conocimiento y el desarrollo tecnológico tengan como fin último la dignificación y no la degradación del ser humano. Una Costa Rica, por ello, que deberá potenciar el valor de su gente.<sup>40</sup>

No excerto acima, mais uma vez, a oradora chama o auditório a viver dentro dos valores éticos defendidos por ela ao longo de todo o discurso, pois afirma que o último fim do desenvolvimento tecnológico deve ser a dignidade e não a degradação do ser humano.

Trabajaré por una Costa Rica capaz de mantener su liderazgo moral en el mundo gracias a la defensa de la paz, la libertad y los derechos humanos. Proyectando con más fuerza su firme determinación de luchar por la sostenibilidad de nuestro planeta, y compartiendo sin prejuicios ni vanidades las luchas comunes que deberemos librar de la mano de nuestras hermanas repúblicas centroamericanas.<sup>41</sup>

Nesse excerto podemos encontrar o lema principal defendido por Laura Chinchilla. Quando ela diz: “Trabalharei por uma Costa Rica capaz de manter sua liderança moral no mundo graças à defesa da paz, a liberdade e os direitos humanos” ela resume quais são as principais intenções de seu governo. No excerto abaixo, percebemos as mesmas ideias já comentadas ao longo do discurso, em relação aos valores éticos.

Trabajaremos por una Costa Rica nutrida de los valores fundamentales de la solidaridad, de la responsabilidad, del apego a la verdad, de la transparencia y de las virtudes cívicas, capaz de rechazar con firmeza las falsas promesas del egoísmo, la arrogancia y la indiferencia.<sup>42</sup>

---

<sup>40</sup> Trabalharemos por uma Costa Rica mais inovadora, mais inteligente e mais empreendedora com uma nova economia dirigida pela biotecnologia, a agricultura orgânica, a indústria audiovisual, as infocomunicações e a indústria aeroespacial, entre outras. Uma Costa Rica onde o conhecimento e o desenvolvimento tecnológico tenham como fim último a dignidade e não a degradação do ser humano. Uma Costa Rica, por isso, que deverá potenciar o valor de sua gente.

<sup>41</sup> Trabalharei por uma Costa Rica capaz de manter sua liderança moral no mundo graças à defesa da paz, à liberdade e os direitos humanos. Projetando com mais força sua firme determinação de lutar pela sustentabilidade de nosso planeta, e compartilhando sem prejuízos nem vaidades as lutas comuns que deveremos livrar da mão de nossas irmãs repúblicas centro americanas.

<sup>42</sup> Trabalharemos por uma Costa Rica nutrida dos valores fundamentais da solidariedade, da responsabilidade, do apego à verdade, da transparência e das virtudes cívicas, capaz de rejeitar com firmeza as falsas promessas do egoísmo, a arrogância e a indiferença.



Ao finalizar seu discurso, Laura Chinchilla, buscando ainda manter-se próxima de seu auditório, diz: “(...) queridas e queridos compatriotas”, cultivando assim aquela atmosfera criada desde o início, visando convencer e persuadir com mais facilidade. Busca agradar e elogiar as pessoas para poder alimentar seu *ethos* de pessoa de bem. No excerto abaixo, percebemos que ela elogia seus colaboradores quando diz estar segura de suas qualidades.

Así, así me presento ante ustedes, queridas y queridos compatriotas, convencida de mis propósitos, ideales y limitaciones personales, pero segura de la calidad de mis colaboradores y del apoyo del pueblo de Costa Rica, que merece lo mejor de nosotros.<sup>43</sup>

Por fim, resumindo a ideia amplamente defendida ao longo do discurso (ideia dos valores éticos), a presidenta confirma o lema de seu governo com a seguinte fala:

Mi compromiso es con la vida y con lo mejor de la vida, con los valores éticos, nuestra mejor carta de triunfo ante problemas internos y los desafíos de la globalización. Su vivencia plena, en el seno de las familias, en las aulas, en las empresas, en la calle, en los estadios, en los laboratorios, en todas nuestras actividades, les dará sentido a nuestro desarrollo y a nuestras vidas. (...) Somos una nación de hermanas y de hermanos. Y la fecunda labor de todos hará que en nuestra tierra y en nuestros mares; que en cada uno de nuestros cantones y en cada uno de nuestros corazones; es decir, en toda Costa Rica, vivan por siempre el trabajo y la paz.<sup>44</sup>

Seu compromisso é com a vida e com os valores éticos. A oradora considera a todos como irmãos e irmãs que devem trabalhar juntos em busca da paz.

Muchas gracias y que Dios y la Virgen de Los Angeles nos ilumine y bendiga.<sup>45</sup>

---

<sup>43</sup> Assim, assim me apresento ante os senhores, queridas e queridos compatriotas, convencida de meus propósitos, ideais e limitações pessoais, mas segura da qualidade de meus colaboradores e do apoio do povo de Costa Rica, que merece o melhor de nós.

<sup>44</sup> Meu compromisso é com a vida e com o melhor da vida, com os valores éticos, nossa melhor carta de triunfo ante problemas internos e os desafios da globalização. Sua experiência plena, no seio das famílias, nas salas de aulas, nas empresas, na rua, nos estádios, nos laboratórios, em todas nossas atividades, dará sentido aos nossos desenvolvimentos e as nossas vidas. (...) Somos uma nação de irmãs e de irmãos. E o trabalho frutífero de todos fará que em nossa terra e em nossos mares; que em cada um de nossos cantos e em cada um de nossos corações, em toda Costa Rica, vivam sempre pelo trabalho e pela paz.

<sup>45</sup> Muito obrigada e que Deus e a Virgem de Los Angeles nos ilumine e abençoe.

Laura Chinchilla encerra seu discurso, assim como Dilma e Kirchner, agradecendo ao auditório e pedindo a benção e a luz de Deus, fato que corrobora para a construção do caráter de pessoa bem.

#### 4 COMPARAÇÕES E SEMELHANÇAS

Ao refletir sobre a situação política mundial, percebemos que são poucas as mulheres que ocupam cargos de liderança no mundo. Como foi mostrado anteriormente, de acordo com dados da revista *Veja*, em 2010, dentre todos os governantes no mundo, apenas 18 eram mulheres. Além disso, estamos vivendo, pela primeira vez na história do Brasil, a experiência de ter uma mulher ocupando o cargo de presidenta da República.

Levando em consideração esses fatos, pensamos ser interessante e relevante para o momento atual o estudo da constituição ética de discursos de mulheres que são presidentas atualmente no mundo.

Uma pesquisa, feita através de sites da Internet, foi desenvolvida para que pudéssemos saber quais eram as mulheres ocupando cargos de liderança. Através dela, delimitamos nosso *corpus*, levando em consideração fatores como atualidade dos discursos, regime político adotado pelos países cujos discursos optamos por analisar e a proximidade geográfica desses países em relação ao Brasil. Dessa maneira, delimitamos nossa pesquisa ao continente americano, para que, ao comparar os discursos analisados, o presente trabalho pudesse nos trazer contribuições relevantes, o que poderia não acontecer caso escolhêssemos uma presidenta cujo país é muito distante do nosso e com costumes e hábitos bastante diferentes. Assim, foram analisados os discursos de Dilma Rousseff (presidenta do Brasil), Cristina Fernández Kirchner (presidenta da Argentina) e Laura Chinchilla Miranda (presidenta da Costa Rica).

A base teórica consultada para este trabalho é composta por estudos referentes à Retórica e à Argumentação, principalmente em relação ao *ethos* retórico.

O trabalho foi desenvolvido baseando-se nas considerações dos principais autores que versam sobre o *ethos*. Este pode ser definido como a imagem, verdadeira ou não, que o orador constrói de si mesmo no intuito de convencer e persuadir. Por isso, Reboul (2004, p. 48) afirma que o *ethos* “é o caráter

que o orador deve assumir para inspirar confiança no auditório, pois, sejam quais forem seus argumentos lógicos, eles nada obtêm sem essa confiança.” Resumindo essas ideias, podemos declarar que não é possível alcançar o convencimento e a persuasão se o orador não se mostrar uma pessoa de bem.

Percebemos, em todos os discursos analisados, a tentativa das presidentas de construírem suas imagens de pessoa de bem.

A primeira tentativa relaciona-se ao fato de buscarem se aproximar de seus auditórios no intuito de convencer e persuadir mais facilmente. Esta estratégia está de acordo com aquilo que Meyer (2007) nos explica: para melhor convencer e persuadir, é preciso diminuir a distância existente entre orador e auditório. Desse modo, notamos que Dilma inicia seu pronunciamento se dirigindo às pessoas da seguinte forma: “os meus amigos e minhas amigas de todo o Brasil”. Seu discurso de posse é iniciado assim: “Meus queridos brasileiros e brasileiras” e a oradora, ao longo de toda sua fala, repete essa mesma expressão mais onze vezes. Kirchner também faz uso dessa estratégia quando se dirige aos senadores e deputados: “amigos y amigas senadores y diputados de todas las bancadas”. A presidenta da Costa Rica diz: “Queridas y queridos costarricenses”, “Ao amado povo da Costa Rica” e mais à frente “queridas e queridos compatriotas”. Essas formas amigáveis e simpáticas de se relacionarem com o público representam uma estratégia do orador que, desde o início do discurso, busca criar uma atmosfera harmoniosa, campo mais favorável à persuasão. Dentre todas as presidentas analisadas, Dilma é a que mais faz uso dessa estratégia.

Outra estratégia retórica bastante utilizada pelas presidentas foi o fato de tecerem elogios e tentar agradar o auditório, objetivando ganhar a adesão do maior número de pessoas. No pronunciamento de Dilma podemos perceber esses elogios quando ela diz: “a capacidade imensa do nosso povo (...) É simplesmente incrível a capacidade de criar e empreender do nosso povo (...) que liberem a capacidade empreendedora de nosso empresariado e de nosso povo.” Em seu discurso de posse, Dilma repete esse procedimento: “a capacidade empreendedora de nosso povo (...) a imensa energia criativa e produtiva do povo brasileiro”. Quando fala da faixa presidencial, a oradora também aproveita para elogiar as mulheres: “Para assumi-la, tenho comigo a força e o exemplo da mulher brasileira. Abro meu coração para receber, neste momento, uma centelha de sua imensa energia.”

Kirchner também elogia o povo argentino quando diz que ele está mais atualizado que nunca (“siguen más vigentes que nunca”). A presidenta da Costa Rica tece elogios aos seus colaboradores quando diz: “pero segura de la calidad de mis colaboradores”. Essa estratégia de elogiar e agradecer o auditório também faz com que a distância existente entre um e outro diminua.

Para constituir e afirmar o *ethos* de pessoa do bem, as presidentas, tanto no início quanto no final de seus discursos, agradecem ao auditório e, mais interessante ainda, todas falam de Deus. Fazendo isso, confirmam sua imagem de pessoas do bem que carregam valores divinos/religiosos. Dilma inicia seu pronunciamento agradecendo àqueles que lá estavam presentes – “Primeiro eu queria agradecer aos que estão aqui presentes nessa noite (...)”. Em seu discurso de posse ela encerra sua fala pedindo a benção de Deus – “Deus abençoe o Brasil! Que Deus abençoe a todos nós!”. A presidenta da Argentina inicia e encerra seu discurso com agradecimentos e, no fim, também pede que Deus a ilumine – “Muchas gracias. ¡Viva, viva la Patria, si!”, “Quiera Dios y me ilumine para que me equivoque lo menos posible (...) Muchas gracias.” Além de agradecer e falar de Deus, Kirchner também faz saudação à pátria, confirmando o sentimento de nacionalidade. Laura Chinchilla, no início de seu discurso, agradece da seguinte maneira: “Me presento ante ustedes con el corazón henchido de agradecimiento por la responsabilidad que han depositado en mí.” A presidenta encerra sua fala agradecendo novamente e pedindo a benção de Deus – “Muchas gracias y que Dios y la Virgen de Los Angeles nos ilumine y bendiga”.

Ao continuar analisando a estratégia de construir um *ethos* de pessoa do bem, podemos observar alguns procedimentos que objetivam este resultado. Agradecimentos, palavras de reconhecimento e homenagens corroboram para se construir essa imagem desejada. Dilma homenageia o vice-presidente (de Lula) José Alencar: “Quero, neste momento, prestar minha homenagem a outro grande brasileiro, incansável lutador, companheiro que esteve ao lado do Presidente Lula nestes oito anos: nosso querido vice-presidente José Alencar (palmas)”. Em outro trecho a presidenta mostra-se uma pessoa solidária ao comentar sobre a relação com outras nações: “Seguiremos aprofundando o relacionamento com nosso vizinhos sul-americanos; com nossos irmãos da América Latina e do Caribe; com nossos irmãos africanos (...). O uso do pronome nosso aproxima a oradora desses

povos, transmitindo uma ideia de solidariedade. Kirchner também utiliza desse procedimento quando se refere ao povo do Uruguai como irmãos: “Esta es hoy la situación pero sepan compatriotas del Uruguay, de la Patria Grande, que lo sentimos los argentinos y lo vamos a sentir siempre nuestros hermanos.” Quando Dilma diz: “Não haverá de minha parte discriminação, privilégios ou compadrio”, a presidenta colabora para sua imagem de pessoa ética e, portanto, pessoa de bem.

Outra questão percebida em todos os discursos é o fato de as presidentas declararem necessitar da ajuda de todos, fato que mostra que o governo não tem a intenção de decidir e agir sozinho. Há uma valorização da democracia, pois as oradoras transmitem a ideia de união e ajuda mútua para alcançarem seus objetivos. Além disso, agindo assim, é possível criar no auditório o sentimento de que eles são parte integrante do governo. Em seu pronunciamento Dilma diz: “Ressalto, entretanto, que esta ambiciosa meta não será realizada apenas pela vontade do governo, ela é importante, mas esta meta é um chamado à nação, aos empresários, aos trabalhadores, às igrejas, às entidades civis, às universidades, à imprensa, aos governadores, aos prefeitos e a todas as pessoas de bem do nosso país.” Em seu discurso de posse ela quase que repete a mesma fala: “Esta não é tarefa isolada de um governo, mas um compromisso a ser abraçado por toda sociedade. Para isso peço com humildade o apoio das instituições públicas e privadas, de todos os partidos, das entidades empresariais e dos trabalhadores, das universidades, da juventude, de toda a imprensa e das pessoas de bem”. A presidenta da Argentina declara não acreditar em triunfos pessoais e individuais e dessa forma, ao construir seu discurso, já deixa clara a necessidade de ter a ajuda de todos os cidadãos: “Yo no me engaño, nunca he creído en los triunfos personales e individuales, descreo profundamente de ellos, porque creo en las construcciones colectivas y la sociedad. Este último 28 de octubre precisamente convalidó, ratificó una construcción política, social y económica diferente, lo hicimos con todos los argentinos”. O trecho que mais representa o pedido de ajuda da presidenta é o seguinte, em que ela declara que não é possível transformar um país apenas com um bom governo, é preciso a ajuda de todos: “Creo también que no solo las instituciones del Estado en sus tres poderes deben abordar la reconstrucción de este nuestro país, creo que también otros estamentos de la sociedad, empresariales, dirigenciales, medios de comunicación deben saber que el hecho de no integrar el

espacio público gubernamental, no los exime también de la tarea y de la responsabilidad que a cada uno de aquellos argentinos que tiene un poco más de poder, bastante más poder -diría yo- que el resto de los ciudadanos, tienen también obligación moral de construir un país distinto. (...) También creo que la sociedad es parte importante. No se puede cambiar un país únicamente con un buen gobierno en sus tres poderes. Para cambiar un país hace falta un buen gobierno y una buena sociedad, donde cada uno de los ciudadanos sepa que todos los días cuando toma decisiones, está también construyendo el modelo de sociedad en la que quiere vivir.” Já a presidenta da Costa solicita a ajuda de todos os costarriquenses de uma forma diferente que iremos comentar mais adiante.

Ao refletirmos sobre os assuntos abordados pelas presidentas, percebemos que a maioria deles são os mesmos em todos os discursos, pois o auditório sempre demonstra expectativas em relação ao que a presidenta irá discutir. É muito importante então que o orador, visando a convencer e persuadir seu auditório, busque atender às expectativas de seu público, pois caso contrário, não ganhará a adesão daqueles que se dispuseram a ouvi-lo. O fato de atender às expectativas do auditório não se constitui em tarefa simples, pois, para isso, é preciso, conhecer o público ao qual se dirige. No caso das presidentas em questão, o auditório, por ser universal, se caracterizava como heterogêneo, o que dificultava a ideia de agradar a todos. Neste caso, a estratégia recomendada é a de que se faça uso de argumentos múltiplos, que visem alcançar a todos, ou pelo menos grande parte do público. Dessa maneira, os assuntos principais encontrados no desenrolar dos discursos das três são: democracia, erradicação da miséria, economia e relações comerciais, riquezas naturais, educação e serviços de saúde, segurança pública, moradia, criminalidade e drogas. Esses assuntos representam os assuntos principais da maioria dos discursos políticos e era imprescindível que as presidentas comentassem sobre eles, pois o auditório esperava ouvir as opiniões das candidatas eleitas. No entanto, a escolha dos assuntos a serem tratados não é feita de modo aleatório e, podemos perceber que, alguns assuntos referem-se àquilo que o país está ou esteve enfrentando, ou referem-se a acontecimentos da época de campanha eleitoral. Além disso, como diz Reboul (2004), a maneira de apresentar os fatos já é, em si, um argumento. Dessa forma, percebemos que a escolha das presidentas por

tratarem primeiro de um assunto e não de outro, já indica estratégia retórica utilizada para mais facilmente convencer e persuadir seu auditório.

No pronunciamento de Dilma Rousseff, logo após iniciar seu discurso a oradora diz: “Já registro, já registro, portanto, o meu primeiro compromisso após a eleição: honrar as mulheres brasileiras (...)”. Percebemos que, devido ao preconceito e discriminação sofridos durante a campanha eleitoral, o tema sobre a valorização das mulheres se constitui em um dos assuntos mais importantes no discurso da presidenta, pois, ao declarar que honrará as mulheres brasileiras, Dilma ganha a adesão de grande parte da sociedade, que também enfrenta, diariamente, a situação pela qual Dilma passou até chegar ao cargo de presidenta. Como diz Reboul (2004), a ordem de apresentação dos argumentos depende tanto do orador quanto do auditório, por isso, ela não é lógica, mas sim psicológica. Em seu discurso de posse, Dilma age da mesma forma, pois, logo após dar início ao discurso, a presidenta declara: “(...) pela decisão soberana do povo, hoje será a primeira vez que a faixa presidencial cingirá o ombro de uma mulher.” Assim, como recomenda a tradição retórica, a oradora começa seu discurso com um dos argumentos mais fortes, a valorização feminina. No pronunciamento ela diz que seu primeiro compromisso é honrar as mulheres e, no discurso, ela declara que este é seu compromisso supremo. Observamos que a questão feminina realmente é um dos temas mais relevantes de seu discurso.

No discurso de Kirchner, percebemos que ela comenta sobre a questão feminina, mas esse tema não se caracteriza como um dos mais importantes de sua fala, como no discurso de Dilma. Ao falar da América Latina a presidenta argentina declara: “Esta es nuestra Casa la América latina que también tiene nombre de mujer”. No fim de seu discurso, Kirchner toca na questão feminina e declara saber que, talvez, a tarefa de governar o país será mais difícil para ela porque é mulher. Mas afirma ter a força e o exemplo de Eva e das mulheres que se atreveram e conseguiram a vitória. Assim, podemos perceber que, implicitamente, existe em seu discurso um sentimento contra a desvalorização feminina, mas a oradora se mostra confiante perante a realidade e, com isso, afirma seu *ethos* de pessoa competente para assumir o cargo para o qual foi eleita.

Outro exemplo dessa mesma questão da escolha dos temas a serem abordados é o assunto da liberdade de culto e de religião. Devido à polêmica sobre



o aborto, ocorrida durante a campanha eleitoral de Dilma, observamos que a questão da liberdade religiosa tornou-se indispensável em seu discurso, pois seu auditório ansiava por escutar sua opinião. Por isso, logo após comentar sobre a questão feminina, a presidenta declara, atendendo às expectativas de seu público: “Vou zelar pela mais ampla liberdade religiosa e de culto.” Repare-se que ela não utiliza a palavra aborto em nenhum momento, mas diz lutar pela liberdade. O fato de esquivar-se de assuntos polêmicos também representa estratégia retórica, pois assim ela evita comentários e juízos de valor que possam prejudicar seu *ethos* de pessoa do bem.

Ao comentarmos sobre a questão da linguagem e do estilo utilizados pelas oradoras, não podemos deixar de ressaltar que o discurso de Laura Chinchilla se diferencia dos demais, pois apresenta estrutura e estilo próprios. Comentaremos sobre ele, à parte.

Quando observamos os discursos de Dilma e Kirchner, percebemos que eles carregam traços em comum. O primeiro deles é a linguagem objetiva e direta, visando à clareza, fator imprescindível quando se pretende convencer e persuadir. Apesar do discurso de posse apresentar a formalidade como característica principal, percebemos que, objetivando colocar-se ao alcance de seu auditório, Dilma faz uso de uma linguagem mais coloquial. Devemos ressaltar que seu auditório é heterogêneo, podendo ser composto tanto por políticos quanto por trabalhadores rurais, por exemplo. Sendo assim, fazia-se necessária uma adequação da linguagem a um auditório universal. Por isso, percebemos expressões coloquiais e clichês no pronunciamento de Dilma, como: “O que mais me deu confiança e esperança ao mesmo tempo foi a capacidade imensa do nosso povo, de agarrar uma oportunidade (...)”, “O Brasil é uma terra generosa e sempre devolverá em dobro (...)”. No discurso de posse a oradora utiliza expressões coloquiais como: “Não permitiremos, sob nenhuma hipótese, que esta praga volte a corroer nosso tecido econômico e a castigar as famílias mais pobres” e, também, “O pré-sal é nosso passaporte para o futuro”. Tanto no pronunciamento quanto no discurso de Dilma Rousseff podemos perceber também alguns deslizes em relação às regras gramaticais. Como exemplo, citamos o uso da palavra onde em situações inadequadas, tanto no pronunciamento, quanto no discurso de posse, e a enunciação da palavra decisível, que não consta do dicionário da Língua

Portuguesa. No entanto, percebemos, uma única vez, a tentativa por parte de Dilma de utilizar uma linguagem mais refinada de modo a seduzir e encantar seu auditório. Ela diz: “Sei, também, como é aparente a suavidade da seda verde-amarela da faixa presidencial”. Já no discurso de Kirchner, percebemos também uma linguagem clara e, principalmente, direta quando ela diz que sempre vai faltar a vitória enquanto houver um pobre na Pátria: “porque siempre va a faltar la victoria definitiva mientras haya un pobre en la Patria”. Além disso, a oradora também faz uso de clichê quando diz: “en vistas al Bicentenario, se pueda separar la paja del trigo y entonces los argentinos podamos todos volver a mirarnos a la cara”.

Outra questão muito importante percebida em todos os discursos, apesar de notarmos que no discurso da presidenta da Costa Rica este fato acontece em escala menor, é o fato de as oradoras comentarem, ao longo dos discursos, os feitos dos governos anteriores e, além disso, tecerem elogios. No pronunciamento de Dilma Rousseff esse procedimento está bastante presente, pois, como vimos, seu *ethos* projetivo representava ameaça a sua chance de ganhar as eleições. Era necessária a construção de um *ethos* efetivo que lhe permitisse se tornar a presidenta do Brasil, mas como dissemos anteriormente, Dilma era praticamente desconhecida da população brasileira quando se candidatou. A estratégia utilizada pela oradora foi a de se apoiar no *ethos* do ex-presidente Lula que, como percebemos através da análise, era um *ethos* com alto grau de aceitação do auditório. Por isso, ao longo do discurso, Dilma comenta sobre Lula e tece elogios em relação a sua pessoa e seu governo, pois assim, mostra ao auditório que esse será a continuidade do trabalho iniciado por ele. Mais interessante ainda é o tratamento que Dilma dá ao governo. Ela sempre utiliza o pronome nosso, transmitindo a ideia de que também faz parte de todas as conquistas realizadas anteriormente. Mais uma vez, ela confirma a ideia de que será a continuidade de Lula. Os excertos em que ela comenta sobre o governo anterior, no pronunciamento, são: “Minha convicção de assumir a meta de erradicar a miséria vem, não de uma certeza teórica, mas da experiência viva do nosso governo, o governo do presidente Lula, no qual uma imensa mobilidade social se realizou, tornando hoje possível um sonho que sempre pareceu impossível (...) e construirei modernos mecanismos de aperfeiçoamento econômico, como fez nosso governo, o governo do presidente Lula”. O excerto mais claro sobre a identificação do povo brasileiro com Lula é o

trecho em que há um canto em homenagem a sua pessoa: “Agradeço muito especialmente e com emoção ao presidente Lula. (palmas seguidas de canto do auditório: Olê olê olê olá Lula! Lula!)”. No discurso de posse da presidenta em questão podemos observar o mesmo procedimento. Dilma diz: “E sei que meu mandato deve incluir a tradução mais generosa desta ousadia do voto popular que, após levar à presidência um homem do povo, um trabalhador (...)”. Mais à frente, a oradora declara: “Venho para consolidar a obra transformadora do presidente Luis Inácio Lula da Silva, (palmas) com quem tive a mais vigorosa experiência política da minha vida (...) A maior homenagem que posso prestar a ele é ampliar e avançar as conquistas do seu governo.” Através desses excertos, percebemos que, além de elogiar o ex-presidente, ela confirma, a todo momento, a ideia de que dará continuidade às conquistas do governo anterior. Outros trechos em que ela fala do ex-presidente são: “Por isso, ao saudar os extraordinários avanços recentes, liderados pelo presidente Lula (...) ampliar as grandes conquistas obtidas pela nossa população no período do governo do presidente Lula.” Um fato interessante que devemos ressaltar é a mudança de atitude de Dilma, observada entre o pronunciamento e seu discurso de posse, em relação ao governo, pois observamos que no pronunciamento ela sempre diz “nosso governo” quando se refere ao governo do presidente Lula, mas, ao fim de seu discurso de posse, percebemos que a oradora começa a dizer “meu governo”. Isso acontece porque, no momento do discurso de posse, a oradora já havia alcançado seu objetivo de persuadir; através principalmente do *ethos* de Lula, Dilma teria vencido as eleições, mas agora não necessitaria continuar se apoiando no ex-presidente. Era preciso, sim, comentar sobre Lula para manter sua aceitação perante o auditório, mas seu *ethos* efetivo já havia sido criado; por isso, a partir daquele momento, a oradora poderia declarar “meu governo”. Também no discurso de Cristina Kirchner, podemos observar esse procedimento de comentar sobre o governo anterior e elogiar seus feitos nos seguintes excertos: “Este es un escenario diferente al de hace apenas cuatro años y medio, el 25 de Mayo de 2003. El Presidente, que está sentado a mi izquierda, junto a todos los argentinos cambió en estos cuatro años y medio ese escenario que teníamos aquel 25 de Mayo”. Neste trecho, Kirchner diz que o ex-presidente havia mudado muito o cenário que existia quando ele se candidatou. Logo após declara que suas convicções são as mesmas que as dele: “Lo hizo en nombre de sus

convicciones que son las mías y las de muchísimos argentinos que siempre creímos en el país y en sus hombres y en sus mujeres, en el pueblo y en la Nación”. Dessa maneira, a oradora já começa a mostrar que será a continuação do governo anterior, pois compartilha das mesmas convicções. No próximo trecho percebemos o mesmo procedimento: a oradora fala sobre o ex-presidente e vai construindo seu *ethos* através do *ethos* dele – “Usted, después de todo, nunca fue un posmoderno; en tiempos de la posmodernidad, usted es un Presidente de la modernidad y me parece que yo también.” Notamos também que, ao construir seu discurso, Kirchner transmite a ideia de já fazer parte do governo anterior, pois utiliza os verbos na primeira pessoa do plural, se referindo a ela e ao ex-presidente: “Acreditamos firmemente nos projetos políticos (...)”. Outro trecho em que ela demonstra já estar habituada ao cargo que irá ocupar é: “Pero quiero en esta tarde y en este lugar en el que estuve tantos años, reflexionar con ustedes acerca de lo que para mí son los cuatro capítulos fundamentales de este proceso que hemos iniciado el 25 de mayo de 2003 (...)Yo he pertenecido durante doce años a este Parlamento, he estado sentada en esas bancas como ustedes y con ustedes, como diputada y como senadora. Recuerdo madrugadas, fines de semanas enteros aquí sancionando el ajuste permanente”. A presidenta mostra que já trabalha neste campo há muito tempo, transmitindo um *ethos* de pessoa competente e, além disso, diz: “este processo que temos iniciado”, ao se referir a ela e ao ex-presidente. Mais um exemplo é: “El Presidente que está a mi izquierda lo hizo en la Casa Rosada, volvió a resituar la política como el instrumento válido para mejorar la calidad de vida de los ciudadanos”. No discurso de Laura Chinchilla, percebemos apenas um trecho em que ela comenta sobre o ex-presidente e elogia seus feitos: “Al Presidente, don Óscar Arias, le ratifico mi reconocimiento fervoroso, el de mi gobierno y el de nuestra gente por sus imborrables servicios a la patria, que abrieron una ancha senda de confianza y esperanza para el país.” Devemos esclarecer que ambas presidentas, Dilma e Kirchner, apoiam-se nas imagens dos presidentes anteriores no intuito de mostrar ao auditório que darão continuidade ao governo que eles iniciaram, mas é preciso ressaltar que, além dessas intenções, a presidenta brasileira necessitava criar uma imagem de si, ao contrário de Kirchner que já era conhecida do povo argentino, pois tinha sido senadora e deputada. Além disso, percebemos que, em seu discurso, Kirchner comenta sobre a questão feminina, mas ela é tratada de

forma mais sutil, diferente do discurso de Dilma que começa e termina sua fala comentando sobre a valorização da mulher. Isso se deve ao fato de Dilma ter enfrentado discriminação e preconceito durante sua campanha. Portanto, Dilma se apoia em Lula para criar uma imagem positiva que seja aceita pelo auditório e Kirchner se apoia no governo anterior, tido como dela também, para mostrar que dará continuidade às conquistas do ex-presidente.

Como ressaltamos anteriormente, o discurso da presidenta da Costa Rica se diferencia dos demais e, por isso, tratamos de suas peculiaridades de modo particular.

Depois de dar início ao seu discurso, da mesma forma que as outras presidentas também fizeram (se dirigindo a todos os presentes e buscando se aproximar de seu auditório), Laura Chinchilla começa a construir seu *ethos* de pessoa de bem. Primeiramente ela se mostra agradecida ao povo por escolhê-la como presidenta e depois se apresenta com humildade, qualidade essencial para o orador que visa a convencer e persuadir seu auditório. Além disso, já traz a ideia de inclusão e aceitação, quando comenta sobre a diversidade. Os excertos em que esse procedimento se faz presente são: “Me presento ante ustedes con el corazón henchido de agradecimiento por la responsabilidad que han depositado en mí. Me presento con la humildad de quien sabe que no podrá tener éxito en su tarea si no es capaz de convocar a ella a todas y todos los ciudadanos de buena Fe. Me presento con los brazos abiertos para estrechar en ellos a Costa Rica, con toda su gente, en toda su geografía, en toda su unidad y su espléndida diversidad.” Se pensarmos que a ordem dos argumentos já representa uma estratégia retórica, iremos perceber que os valores morais, como por exemplo, a inclusão e aceitação, são os pontos principais do discurso da presidenta costarriquense. Mais à frente ela reafirma valores de humildade e honestidade: “Al amado pueblo de Costa Rica y a quienes conviven con nosotros les reitero mi promesa de servirles con humildad, honestidad y firmeza.”

Depois de se mostrar uma pessoa de bem apoiada em valores morais e éticos, a oradora começa a fazer uso de uma linguagem não utilizada pelas outras oradoras analisadas nesta pesquisa. Antes de comentarmos sobre a linguagem, é necessário esclarecer que o discurso de posse de Laura Chinchilla foi proferido no Parque Metropolitano de La Sabana, fato que já cria uma atmosfera diferente, pois

os outros discursos foram proferidos em ambientes reservados para eventos políticos. A presidenta comenta sobre o lugar em que todos se encontram e a atmosfera criada é aquela que transmite harmonia e um sentimento de relaxamento. Ela diz: “Nos hemos congregado aquí, al aire libre y bajo el Sol, circundados de montañas, más allá de las cuales se enfilan cordilleras y llanuras para arribar, en una distancia de solo 119 kilómetros entre sí, a la inmensidad de dos océanos”. Não podemos deixar de comentar sobre o *pathos*, que são os sentimentos criados, pelo orador no auditório, de modo que a persuasão ocorra de forma mais sutil. É exatamente isso que a oradora pretende fazer: criar sentimentos positivos, que coloquem seu auditório em um estado de espírito favorável à persuasão. Ela o faz através da linguagem, pois nos próximos excertos ela comenta sobre as pessoas da sociedade utilizando uma linguagem que encanta aqueles que ouvem. Seu estilo romântico faz com que em seu discurso predomine a emoção, o sentimento; portanto, o subjetivismo, através da exaltação da paisagem e de seu povo. “Alrededor de nosotros, hechas una con la Tierra, las esferas que decoran este escenario nos recuerdan nuestras raíces ancestrales. Sembradas por los indios borucas en medio de nuestros bosques tropicales del sur, representan su búsqueda gozosa de armonía y de unidad, como plasmando, desde el alba de nuestro pueblo, un hilo conductor en nuestra historia. El boyero y la carreta, por su parte, nos recuerdan al labriego sencillo, portador de nuestras raíces rurales, que configuraron una sociedad de pequeños propietarios, forjadores de nuestra democracia. Nos acompañan también las mascaradas, donde se entremezclan y se igualan, a punta de barro y papel, los personajes de nuestra mitología popular con los habitantes de nuestras comunidades”.

Percebemos que seu discurso, a partir deste ponto, se baseará no tema da democracia voltado para os valores éticos e morais, chegando-se assim na questão da união e ajuda mútua.

No excerto, colocado a seguir, notamos que a oradora desenvolve seu discurso de forma diferente dos outros discursos já analisados até aqui. Ela fala sobre democracia de uma forma a chamar os cidadãos para uma vida regida pelos princípios éticos. “Los derechos individuales disociados del cumplimiento de los deberes resquebrajan la sociedad. La democracia sin responsabilidad ahoga la libertad. El disentimiento enriquecedor de la democracia, sin la contrapartida de la

responsabilidad, desemboca en el caos y en la ingobernabilidad. Las vías de hecho y la impunidad favorecen al agresor en el Estado, en la familia, en la escuela o en la calle.”

Mais à frente, ainda falando da democracia, Laura Chichilla já começa a mostrar ao seu auditório a responsabilidade que cada um tem perante a nação que se diz democrática. “La democracia es rechazo de la arbitrariedad y apertura a la legalidad. La democracia es derecho a deliberar, pero, al mismo tiempo, obligación de decidir. La democracia es derecho a objetar, pero también imperativo y campo abierto para participar y proponer. La democracia nos invita a disfrutar de lo que nos pertenece y hemos forjado mediante nuestro talento y nuestro trabajo, pero también nos impulsa a abrirnos con generosidad a los que tienen poco o carecen de todo. Es respetar y acompañar a quienes padecen limitaciones y que también merecen satisfacer sus ilusiones. Democracia es, en fin, creación sin tregua de oportunidades”. Na verdade, aqui já se faz presente o pedido à sociedade de união e ajuda mútua, pois ela afirma que a democracia dá direitos, mas também exige participação. “(...) y a proponer que nos unamos en un solo haz para realizarlas con entereza. (...) Mi gobierno se esforzará en ser de todas y de todos, en procura siempre del bien común, con respeto y mente abierta”. Uma questão interessante é que, a partir desse ponto do discurso, a oradora começa a utilizar os verbos na primeira pessoa do plural, transmitindo a ideia de que, a partir daquele momento, todos já estariam unidos a fim de um único objetivo: governar o país. A oradora diz: “Trabajaremos en equipo por una Costa Rica más segura y más tranquila (...) Lucharemos también arduamente por una nación más segura de sus valores (...) trabajaremos por una Costa Rica más educada y preparada (...) Trabajaremos por una Costa Rica más verde y más limpia”.

Ao encerrar seu discurso, percebemos que ela reafirma o tema tratado durante todo o discurso: valores éticos e morais. A oradora diz: Trabajaremos por una Costa Rica nutrida de los valores fundamentales de la solidaridad, de la responsabilidad, del apego a la verdad, de la transparencia y de las virtudes cívicas, capaz de rechazar con firmeza las falsas promesas del egoísmo, la arrogancia y la indiferencia. (...) Mi compromiso es con la vida y con lo mejor de la vida, con los valores éticos, nuestra mejor carta de triunfo ante problemas internos y los desafíos de la globalización. (...) Somos una nación de hermanas y de hermanos.

Notamos que os discursos das três presidentas apresentam vários pontos em comum, no que tange ao estudo do *ethos* retórico. No entanto, cada uma delas dá atenção a assuntos relevantes para sua sociedade. No caso de Dilma, a questão feminina era um dos assuntos mais importantes; para Laura Chinchilla, os valores éticos e morais foram os que nortearam todo seu discurso. Percebemos também, nos discursos da presidenta brasileira, a necessidade de criar seu *ethos* efetivo de pessoa de bem. No discurso de Kirchner, o desejo por manter sua imagem de presidenta que daria continuidade ao governo anterior que, de acordo com seu discurso, também era dela. No discurso de Laura Chinchilla, a necessidade de chamar os cidadãos da Costa Rica a viverem considerando os valores previstos pela democracia. Em relação à linguagem, percebemos que todas produziram discursos objetivos e que Laura Chinchilla utilizou um estilo diferente.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo analisar a constituição do *ethos* retórico de presidentas da América Latina.

Na época em que a pesquisa começou a ser desenvolvida, segundo semestre do ano de 2010, o Brasil estava vivenciando a experiência de poder ter, pela primeira vez na história do país, uma mulher ocupando o cargo de presidenta da República. Esse fato alimentou nosso interesse em analisar a constituição ética dos discursos de mulheres que ocupassem o mesmo cargo que Dilma Rousseff poderia vir a ocupar.

Após efetuarmos um levantamento dos líderes governamentais da atualidade, dois fatores nos serviram de guia para a seleção do *corpus*, quais sejam: o regime político adotado nos países e a proximidade geográfica dos países em relação ao Brasil. Dessa forma, delimitamos nossa pesquisa ao continente americano e selecionamos discursos de Dilma Rousseff, Cristina Fernández Kirchner e Laura Chinchilla Miranda.

Uma pesquisa bibliográfica foi feita de modo que conseguíssemos compilar conhecimentos acerca do *ethos* retórico. Para isso, estudamos autores que versam sobre o *ethos* dentro da teoria da Retórica e da Argumentação. Dentre eles: Michel Meyer, Olivier Reboul, Chaïm Perelman & Olbrechts-Tyteca, entre outros.

A retórica é tida como a arte de bem falar e o *ethos* é visto como a imagem, verdadeira ou não, que o orador constrói de si mesmo no intuito de convencer e persuadir. Dessa maneira, percebemos que o orador deve sempre se mostrar uma pessoa de bem perante o auditório, pois a persuasão só ocorrerá se o público que compõe o auditório se identificar com a imagem do orador que, mesmo sendo negativa para tal objetivo, pode ser modificada através do discurso construído por ele.

A primeira semelhança percebida em todos os discursos analisados é a tentativa das presidentas de se aproximarem de seus auditórios. Meyer (2007) afirma que a retórica é a negociação da diferença, ou distância, existente entre orador e auditório. Esse autor advoga que para persuadir e convencer é necessário

diminuir a distância existente entre um e outro e por isso, percebemos a intenção das oradoras de se aproximarem de seu público no intuito de convencer e persuadir mais facilmente.

A segunda semelhança notada é a questão dos elogios e agradados tecidos com o objetivo de se criar uma atmosfera harmoniosa, campo mais favorável à persuasão. Todas as presidentas elogiam o povo de seu país e alguns colegas de trabalho, mostrando-se pessoas humildes e de bem.

Outra estratégia também utilizada por todas elas é o fato de se mostrarem agradecidas ao auditório e falarem de Deus. Esses pequenos procedimentos vão corroborando a criação do *ethos* de pessoa de bem.

É importante ressaltar que as oradoras declaram necessitar da ajuda de todos os cidadãos da nação, pois o governo não é capaz de obter grandes realizações agindo sozinho. Com essas ideias, as presidentas transmitem aos seus auditórios o sentimento de união e, dessa forma, o público sente-se parte integrante do governo, podendo opinar e ajudar nas decisões que venham a ser tomadas. Essas estratégias vão fazendo com que o auditório fique receptivo à pessoa do orador, assim como às suas ideias.

Em relação aos assuntos tratados, percebemos que a maioria deles são comuns em todos os discursos, pois refletem a necessidade das oradoras de atenderem às expectativas de seus auditórios. Como todos eles se caracterizavam como universais, a tarefa de se adequar a auditórios heterogêneos faz com que as presidentas abordem assuntos múltiplos que possam atingir qualquer tipo de pessoa que esteja escutando o discurso ou assistindo a ele. Além disso, esses assuntos são temas padrões encontrados na maioria dos discursos feitos pelos políticos. No entanto, há temas que são característicos de cada discurso, pois refletem particularidades de cada sociedade. Nos discursos de Dilma Rousseff percebemos grande atenção à questão feminina e sua valorização, devido principalmente ao fato de Dilma ter enfrentado preconceito e repressão durante sua campanha eleitoral. No discurso de Laura Chinchilla observamos que o tópico mais discutido é a questão dos valores éticos e morais, pois seu discurso é todo desenvolvido de forma a transmitir um chamado à população para viverem em democracia. No discurso de Kirchner percebemos que a oradora comenta bastante sobre o governo anterior para

poder se colocar como parte integrante das conquistas e mostrar que possui as mesmas características que o ex-presidente, Néstor Kirchner.

Quando nos referimos à questão da linguagem e do estilo utilizados pelas oradoras, notamos que todas fazem uso da formalidade, pois o discurso de posse, ou mesmo qualquer outro discurso político, exige essa característica. No entanto, notamos que, algumas vezes, em detrimento da clareza, as presidentas utilizam uma linguagem mais coloquial, pois visam a se aproximar de seu auditório que é composto tanto por políticos quanto por pessoas simples da sociedade.

Ainda comentando sobre a linguagem e o estilo utilizados pelas oradoras, faz-se necessário ressaltar que o discurso de Laura Chinchilla se distancia um pouco do de Dilma e de Kirchner por apresentar características peculiares. O estilo da presidenta da Costa Rica é completamente romântico, pois se apoia na emoção e no sentimento para convencer e persuadir. Suas palavras bonitas e requintadas buscam fazer com que o auditório se sinta maravilhado, pois ao se sentirem assim, a aproximação e, conseqüentemente, o convencimento acontecem mais sutilmente. A presidenta utiliza elementos da natureza para, de forma subjetiva, comentar sobre valores éticos e morais.

Outra questão não menos importante é o fato de as oradoras, principalmente Dilma e Kirchner, necessitarem elogiar os governos anteriores, pois a população de seus países se identificava como os ex-presidentes. Dilma necessitava criar uma imagem positiva que a fizesse ganhar a eleição. Como não era completamente conhecida dos brasileiros, sua estratégia de construção do *ethos* de pessoa de bem foi a de se apoiar na imagem de Lula, pois o auditório já se identificava com ele. Kirchner também daria continuidade ao governo iniciado por seu marido, o ex-presidente Néstor Kirchner, e necessitava elogiar os feitos do mandato anterior de forma a angariar aceitação do auditório, que se identificava com o *ethos* do ex-presidente.

Em uma análise que não esgota todas as suas possibilidades, descobrimos serem essas as características principais e predominantes do *ethos* retórico de cada presidenta analisada.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Antônio Suárez. **A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção**. 5. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.

\_\_\_\_\_. Breves considerações sobre a arte de argumentar. In: FIGUEIREDO, M. F.; MENDONÇA, M. C.; ABRIATA, V. L. R. **Sentidos em movimento: identidade e argumentação**. Franca: Unifran, 2008. p. 61-85. (Coleção Mestrado em Linguística, 3).

AMOSSY, Ruth. O *ethos* na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos. In: AMOSSY, Ruth. (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2008. cap. 5, p. 119-144.

\_\_\_\_\_. Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. In: AMOSSY, Ruth. (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2008. Introdução. p. 9-28.

Biografia de Laura Chinchilla. Disponível em: <<http://laura-chinchilla.com/biography-laura-chinchilla-costa-rica-presidential-campaign/>>. Acesso em: 14 out. 2010.

CÂMARA, Naiá Sadi; ABRIATA, Vera Lúcia Rodella. A construção do ator Dilma Rousseff em textos jornalísticos. In: XVI Congreso Internacional de La Asociación de Lingüística y Filología de La América Latina (ALFAL), 2011, Alcalá de Henares. **Documentos para el XVI Congreso Internacional de La ALFAL**. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 2011.

CITELLI, Adilson. **Linguagem e persuasão**. 16. ed. São Paulo: Ática, 2005.

DELGADO, Maria Berenice Godinho. **Mais mulheres na direção da CUT**. Estudos Feministas. v. 4, n. 1, p. 138-147. 1996. p. 145.

FERREIRA, Luiz Antonio. **Leitura e persuasão: princípios de análise retórica**. São Paulo: Contexto, 2010.

FIDALGO, António. Definição de retórica e cultura grega. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/fidalgo-antonio-retorica-cultura-grega.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2010.

HADDAD, Galit. *Ethos* prévio e *ethos* discursivo: o exemplo de Romain Rolland. In: AMOSSY, Ruth. (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2008. cap. 6, p. 145-165.

KIRCHNER, Cristina Fernández. Discurso de La presidenta de La nación, Cristina Fernández Kirchner. Disponível em: <<http://www.presidencia.gov.ar/discursos/2940>>. Acesso em: 11 jul. 2011.

MEYER, Michel. **A retórica**. Tradução de Marly N. Peres. São Paulo: Ática, 2007. Mi Buenos Aires Querido. Disponível em: <<http://www.mibuenosairesquerido.com/Argentina4.htm>>. Acesso em: 15 out. 2010.

MIRANDA, Laura Chinchilla. Discurso de toma de posesión de Laura Chinchilla. Disponível em: <<http://www.nacion.com/2010-05-08/EIPais/UltimaHora/EIPais2365884.aspx>>. Acesso em: 11 jul. 2011.

Mulheres no poder. Disponível em: <<http://www.mulheresnoper.com.br/?tag=laura-chinchilla>>. Acesso em: 14 out. 2010.

Notícias UOL. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ultnot/especial/eleicoesar/ultnot/2007/10/28/ult5523u90.jhtm>>. Acesso em: 15 out. 2010.

PERELMAN, Chaïn.; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Polêmica sobre o aborto. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/para-abafar-polemica-do-aborto-dilma-vai-pregar-defesa-da-vida-na-tv>>. Acesso em: 28 jan. 2012

POLIS - **Enciclopédia verbo da sociedade e do estado**. São Paulo: Verbo, 1986.

REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Reeleição de Cristina Kirchner. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/cristina-kirchner-reeleita-com-maior-votacao-desde-redemocratizacao-da-argentina-2897680>>. Acesso em: 05 fev. 2012.

Revista Época on-line. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI120727-15227,00.html>>. Acesso em: 15 out. 2010.

Revista Espaço Acadêmico. Disponível em: <[http://www.espacoacademico.com.br/037/37cferreira.htm#\\_ftn4](http://www.espacoacademico.com.br/037/37cferreira.htm#_ftn4)>. Acesso em 18 out. 2011.

RIBEIRO, Gustavo. Mulheres no poder. **Veja**, São Paulo: Abril, ano 43, edição 2189. p. 70-75, nov. 2010.

ROUSSEFF, Dilma. Primeiro pronunciamento da presidente eleita Dilma Rousseff. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/823569-leia-integra-do-primeiro-pronunciamento-da-presidente-eleita-dilma-rousseff.shtml>>. Acesso em: 28 jul. 2010.

ROUSSEFF, Dilma. Discurso de posse de Dilma Rousseff no Congresso. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/853564-leia-integra-do-discurso-de-posse-de-dilma-rousseff-no-congresso.shtml>>. Acesso em: 11 jul. 2011.

Sexo forte. Disponível em: <[http://sexoforte.net/mulher/index.php?option=com\\_content&view=article&id=911:costa-rica-laura-chinchilla-eleita-presidente&catid=46:ordem-do-dia&Itemid=118](http://sexoforte.net/mulher/index.php?option=com_content&view=article&id=911:costa-rica-laura-chinchilla-eleita-presidente&catid=46:ordem-do-dia&Itemid=118)>. Acesso em: 15 out. 2010.

SILVA, E. A. B.; SARAIVA, I. Z.; ROCHA, M. C. **O Voto em Dilma Rousseff:** entre o apoio de Lula e o papel da mídia. Disponível em: <[http://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:MGme4rKbRGkJ:scholar.google.com/+O+voto+em+Dilma+Rousseff:+entre+o+apoio+de+Lula+e+o+papel+da+m%C3%ADdia&hl=pt-BR&as\\_sdt=0,5](http://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:MGme4rKbRGkJ:scholar.google.com/+O+voto+em+Dilma+Rousseff:+entre+o+apoio+de+Lula+e+o+papel+da+m%C3%ADdia&hl=pt-BR&as_sdt=0,5)>. Acesso em: 14 fev. 2012.

Site de Dilma Rousseff. Disponível em: <<http://www.dilma.com.br/biografia/>>. Acesso em: 13 jan. 2011.

Vídeo do discurso de posse de Cristina F. Kirchner. Disponível em: <[http://www.youtube.com/results?search\\_query=discurso+inaugural+de+cristina+kirchner&aq=o](http://www.youtube.com/results?search_query=discurso+inaugural+de+cristina+kirchner&aq=o)>. Acesso em: 11 jul. 2011.

Vídeo do discurso de posse de Dilma Rousseff. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=6XvO0imUdzI>>. Acesso em: 11 jul. 2011.

Vídeo do discurso de posse de Laura C. Miranda. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=Yw8NAdpAGcw>>. Acesso em: 11 jul. 2011.

Vídeo do pronunciamento de Dilma Rousseff do dia 31 de outubro de 2010. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=kFFXAVg2F7k>>. Acesso em: 19 nov. 2010.

Vote Brasil. Disponível em: <<http://www.votebrasil.com/noticia/brasil-mundo/laura-chinchilla-toma-posse-na-costa-rica>> Acesso em: 14 out. 2010.

Wikipédia. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Cristina\\_Fern%C3%A1ndez\\_de\\_Kirchner](http://pt.wikipedia.org/wiki/Cristina_Fern%C3%A1ndez_de_Kirchner)>. Acesso em: 17 out. 2010.

## ANEXOS

### ANEXO A

#### PRONUNCIAMENTO DE DILMA ROUSSEF NO DIA 31 DE OUTUBRO DE 2010

Primeiro eu queria agradecer aos que estão aqui presentes nessa noite que pra mim é uma noite, vocês imaginam, completamente especial, mas eu queria me dirigir a todos os brasileiros e as brasileiras, os meus amigos e minhas amigas de todo o Brasil. É uma imensa alegria estar aqui hoje. Eu recebi de milhões de brasileiros e de brasileiras a missão, talvez a missão mais importante da minha vida. Este fato, para além da minha pessoa, é uma demonstração do avanço democrático do nosso país: porque pela primeira vez uma mulher presidirá o Brasil. Já registro (palmas), já registro, portanto o meu primeiro compromisso após a eleição: honrar as mulheres brasileiras, para que este fato, até hoje inédito, se transforme num evento natural. E que ele possa se repetir e se ampliar nas empresas, nas instituições civis, nas entidades representativas de toda nossa sociedade. A igualdade de oportunidades entre homens e mulheres é um princípio essencial da democracia. (palmas) Eu gostaria muito que os pais e mães das meninas pudessem olhar hoje nos olhos delas, e dizer: SIM, a mulher pode! (palmas) A minha alegria é ainda maior pelo fato de que a presença de uma mulher na presidência da República se dá pelo caminho sagrado do voto, da decisão democrática do eleitor, do exercício mais elevado da cidadania. Por isso, registro aqui outro compromisso com meu país: Valorizar a democracia em toda sua dimensão, desde o direito de opinião e expressão até os direitos essenciais, básicos, da alimentação, do emprego, da renda, de moradia digna e da paz social. (palmas) Eu vou zelar pela mais ampla e irrestrita liberdade de imprensa. Vou zelar pela mais ampla liberdade religiosa e de culto. (palmas) Vou zelar pela observação criteriosa e permanente dos direitos humanos tão claramente consagrados na nossa própria constituição. (palmas) Zelarei, enfim, pela nossa Constituição, dever maior da presidência da República. Nessa longa jornada que me trouxe até aqui pude falar e visitar todas as nossas regiões. O que mais me deu confiança e esperança ao mesmo tempo foi a capacidade imensa do nosso povo, de agarrar uma oportunidade, por menor que seja, por mais singela que seja, e com ela construir um mundo melhor para si e para sua família. É simplesmente incrível a capacidade de criar e empreender do nosso povo. Por isso, reforço aqui meu compromisso fundamental que eu mantive e reiterarei ao longo dessa campanha: a erradicação da miséria e a criação de oportunidades para todos os brasileiros e para todas as brasileiras. (palmas) Ressalto, entretanto, que esta ambiciosa meta não será realizada apenas pela vontade do governo, ela é importante, mas esta meta é um chamado à nação, aos empresários, aos trabalhadores, às igrejas, às entidades civis, às universidades, à imprensa, aos governadores, aos prefeitos e a todas as pessoas de bem do nosso país. Não podemos descansar enquanto houver brasileiros com fome, enquanto houver famílias morando nas ruas, enquanto crianças pobres estiverem abandonadas à sua própria sorte e enquanto reinar o crack e as cracolândias. A erradicação da miséria nos próximos anos é, assim, uma meta que assumo, mas para a qual peço humildemente o apoio de todos que possam ajudar o país no trabalho de superar esse abismo que ainda nos separa de ser uma nação desenvolvida. (palmas) O Brasil é uma terra generosa e sempre devolverá em dobro cada semente que for plantada com mão amorosa e olhar para o futuro. Minha convicção de assumir a meta de erradicar a miséria vem, não de uma certeza teórica, mas da experiência viva do nosso governo, o governo do presidente Lula, no qual uma imensa mobilidade social se realizou, tornando hoje possível um sonho que sempre pareceu impossível. Reconheço, eu e meu vice, Michel Temer, hoje eleito, (palmas) reconhecemos que teremos um duro trabalho para qualificar o nosso desenvolvimento econômico. Essa nova era de prosperidade criada pela genialidade do nosso presidente e pela força do povo brasileiro e de nossos empreendedores e trabalhadores encontra seu momento de maior potencial numa época em que a economia das grandes nações se encontra abalada. No curto prazo, não contaremos com a pujança das economias desenvolvidas para impulsionar nosso crescimento. Por isso, se tornam ainda mais

importantes nossas próprias políticas, nosso próprio mercado, nossa própria poupança e nossas próprias decisões econômicas. (palmas) Eu estou longe de dizer, com isso, que pretendemos fechar o país ao mundo. Muito ao contrário, continuaremos propugnando pela ampla abertura das relações comerciais e pelo fim do protecionismo dos países ricos, que impede as nações pobres de realizar plenamente suas vocações, propugnando contra a guerra cambial que ocorre hoje no mundo. Mas é preciso reconhecer que teremos grandes responsabilidades num mundo que enfrenta ainda os desafios e os efeitos de uma crise financeira de grandes proporções e que se socorre de mecanismos nem sempre adequados, nem sempre equilibrados, para a retomada do crescimento. É preciso, no plano multilateral, estabelecer regras muito mais claras e mais cuidadosas para a retomada dos mercados de financiamento, limitando a alavancagem e a especulação desmedida, que aumentam a volatilidade dos capitais e das moedas. Atuaremos firmemente nos fóruns internacionais com este objetivo. Cuidaremos de nossa economia com toda responsabilidade. O povo brasileiro não aceita mais a inflação como solução irresponsável para eventuais desequilíbrios. O povo brasileiro não aceita que governos gastem acima do que seja sustentável. Por isso, faremos todos os esforços pela melhoria da qualidade do gasto público, pela simplificação e atenuação da tributação e pela qualificação dos serviços públicos. (palmas) Mas, mas recusamos as visões de ajustes que recaem sobre programas sociais, serviços essenciais à população e os necessários investimentos para o bem do país. (palmas) Sim, vamos buscar o desenvolvimento de longo prazo, a taxas elevadas, social e ambientalmente sustentáveis. Para isso zelaremos pela nossa poupança pública. Zelaremos pela meritocracia no funcionalismo e pela excelência do serviço público. Zelaremos pelo aperfeiçoamento de todos os mecanismos que liberem a capacidade empreendedora de nosso empresariado e de nosso povo. Valorizarei o Micro Empreendedor Individual, para formalizar milhões de negócios individuais ou familiares, ampliarei os limites do Supersimples (palmas) e construirei modernos mecanismos de aperfeiçoamento econômico, como fez nosso governo, o governo do presidente Lula, na construção civil, no setor elétrico, na lei de recuperação de empresas, entre vários outros. As agências reguladoras terão todo respaldo para atuar com determinação e autonomia, voltadas para a promoção da inovação, da saudável concorrência e da efetividade do controle dos setores regulados. Apresentaremos sempre com clareza nossos planos de ação governamental. Levaremos ao debate público as grandes questões nacionais e trataremos sempre com transparência nossas metas, nossos resultados, nossas dificuldades. Mas acima de tudo quero reafirmar nosso compromisso com a estabilidade da economia e das regras econômicas, dos contratos firmados e das conquistas estabelecidas. (palmas) Trataremos os recursos provenientes de nossas riquezas naturais sempre com pensamento de longo prazo. Por isso trabalharei no Congresso pela aprovação do Fundo Social do Pré-Sal do marco regulatório do modelo de partilha do Pré-Sal. (palmas) Por meio deles iremos realizar muitos de nossos objetivos sociais. Recusaremos o gasto efêmero que deixa para as futuras gerações apenas as dívidas e a desesperança. O Fundo Social do Pré-Sal é um mecanismo de poupança de longo prazo, para apoiar as atuais e futuras gerações. Ele é o mais importante fruto do novo modelo que propusemos, o modelo de partilha, para a exploração do pré-sal, que reserva à Nação e ao povo deste país, a parcela mais importante dessas riquezas. Definitivamente, não alienaremos nossas riquezas para deixar ao nosso povo só as migalhas. Me comprometi nesta campanha com a qualificação também da Educação e dos Serviços de Saúde. Me comprometi com a melhoria da segurança pública. Com o combate às drogas que infelicitam nossas famílias e comprometem nossas crianças e nossos jovens. Reafirmo aqui estes compromissos. Nomearei ministros e equipes de primeira qualidade para realizar esses objetivos. Mas acompanharei também pessoalmente estas áreas capitais para o desenvolvimento do país. A visão moderna do desenvolvimento econômico é aquela que valoriza o trabalhador e sua família, o cidadão e sua comunidade, oferecendo acesso a educação e saúde de qualidade. É aquela que convive com o meio ambiente sem agredi-lo e sem criar passivos maiores que as conquistas do próprio desenvolvimento. Não pretendo me estender aqui, neste primeiro pronunciamento ao país, mas quero registrar que todos os compromissos que assumi, vou perseguir de forma dedicada e carinhosa. Disse na campanha que os mais necessitados, as crianças, os jovens, as pessoas com deficiência, o trabalhador desempregado, o idoso teriam toda minha atenção. Reafirmo aqui este compromisso. (palmas) Eu e o Michel Temer fomos eleitos por uma coligação de dez partidos e com o apoio de lideranças de vários outros partidos. Vou com eles construir um governo onde a capacidade profissional, a liderança e a disposição de servir ao país será o critério fundamental. Vou valorizar os quadros profissionais da administração pública, independente de filiação partidária. (palmas) Dirijo-me também aos partidos de oposição e aos setores da sociedade que não estiveram conosco nesta caminhada. Estendo minha mão a eles (palmas). De minha parte não haverá discriminação, privilégios ou compadrio. (palmas) A partir da minha posse serei presidenta de todos os brasileiros e brasileiras, respeitando as diferenças de opinião, de crença e de orientação política. Nosso país



precisa ainda melhorar a conduta e a qualidade da política. Quero empenhar-me, junto com todos os partidos, por uma reforma política que eleve os valores republicanos, (palmas) avançando, avançando e fazendo avançar nossa jovem democracia. Ao mesmo tempo, afirmo com clareza que valorizarei a transparência na administração pública. Não haverá compromisso com o erro, o desvio e o malfeito. (palmas) Serei rígida na defesa do interesse público em todos os níveis de meu governo. Os órgãos de controle e de fiscalização trabalharão com meu respaldo, sem jamais perseguir adversários ou proteger amigos. (palmas) Deixei para o final os meus agradecimentos, pois quero destacá-los, quero dar à eles muita ênfase. Primeiro, o meu agradecimento ao povo brasileiro que me dedicou seu apoio. Serei eternamente grata pela oportunidade única de servir ao meu país no seu mais alto posto. Prometo devolver em dobro todo o carinho recebido, em todos os lugares em todas as regiões por que passei. Nenhuma região do meu país ficará pra trás ou será menosprezada ou considerada de segunda categoria. Mas agradeço respeitosamente também todos aqueles que votaram no primeiro e no segundo turno em outros candidatos ou candidatas. Eles também fizeram valer a festa da democracia e a eles também, meus agradecimentos. (palmas) Agradeço as lideranças partidárias que inclusive muitas delas estão aqui hoje, que me apoiaram e comandaram esta jornada, meus assessores, minhas equipes de trabalho e todos os que dedicaram meses inteiros a esse árduo trabalho. Agradeço a imprensa brasileira e estrangeira que aqui atua e cada um de seus profissionais pela cobertura do processo eleitoral. Não nego a vocês que, por vezes, algumas das coisas difundidas me deixaram triste. Mas quem, como eu, lutou pela democracia e pelo direito de livre opinião arriscando a vida; quem, como eu e tantos outros que não estão mais entre nós, dedicamos toda nossa juventude ao direito de expressão, nós somos naturalmente amantes da liberdade. (palmas) Por isso, não carregarei nenhum ressentimento. Disse, disse e repito que prefiro o barulho da imprensa livre ao silêncio das ditaduras. (palmas) As críticas, as críticas do jornalismo livre ajudam ao país e são essenciais aos governos democráticos, apontando erros e trazendo o necessário contraditório. Agradeço muito especialmente e com emoção ao presidente Lula. (palmas) (O auditório canta: Olé olé olé olá Lula Lula.....)Ter a honra de seu apoio, ter o privilégio de sua convivência, ter aprendido com sua imensa sabedoria, são coisas que se guarda para a vida toda. Conviver durante todos estes anos com ele (palmas) me deu a exata dimensão do governante justo e do líder apaixonado por seu país e por sua gente. A alegria que eu sinto hoje pela minha vitória se mistura com a emoção da sua despedida. Sei que um líder como Lula nunca estará longe de seu povo e de cada um de nós. (palmas) Baterei muito a sua porta e, tenho certeza e confiança, que a encontrarei sempre aberta. Sei que a distância de um cargo nada significa para um homem de tamanha grandeza e generosidade. (palmas) A tarefa de sucedê-lo é difícil e desafiadora. Mas saberei honrar este legado. Saberei consolidar e avançar sua obra. Aprendi com ele que quando se governa pensando no interesse público e nos mais necessitados uma imensa força brota do povo e nos ajuda a governar. (palmas) Uma força que leva o país para frente e ajuda a vencer os maiores desafios. Passada a eleição, agora, nós sabemos é hora de trabalho. Passado o debate de projetos agora é hora de união. União pela educação, união pelo desenvolvimento, união pelo país. Junto comigo foram eleitos novos governadores, novos senadores, novos deputados federais. Ao parabenizá-los, e a todos os deputados estaduais também eleitos no primeiro turno, convido a todos, independentemente de cor partidária, para uma ação determinada e para uma ação efetiva, para uma ação enérgica em prol do futuro de nosso país. Sempre com a convicção de que a Nação Brasileira será exatamente do tamanho, será exatamente com a grandeza daquilo que, juntos, nós todos fizermos por ela. Um abraço a cada um meus amigos e minhas amigas. (palmas)

## ANEXO B

### **DISCURSO DE POSSE DE DILMA ROUSSEFF DO DIA 01 DE JANEIRO DE 2011**

Meus queridos brasileiros e brasileiras, pela decisão soberana do povo, hoje será a primeira vez que a faixa presidencial cingirá o ombro de uma mulher (palmas). Sinto uma imensa honra por essa escolha do povo brasileiro e sei do significado histórico desta decisão. Sei, também, como é aparente a suavidade da seda verde-amarela da faixa presidencial, pois ela traz consigo uma enorme responsabilidade perante a nação. Para assumi-la, tenho comigo a força e o exemplo da mulher brasileira. Abro meu coração para receber, neste momento, uma centelha de sua imensa energia. E sei que meu mandato deve incluir a tradução mais generosa desta ousadia do voto popular que, após levar à presidência um homem do povo, um trabalhador, decide convocar uma mulher para dirigir os destinos do país. Venho para abrir portas para que muitas outras mulheres também possam, no futuro, ser presidentas, e para que (palmas), no dia de hoje, todas as mulheres brasileiras sintam o orgulho e a alegria de ser mulher. Não venho para enaltecer a minha biografia; mas para glorificar a vida de cada mulher brasileira. Meu compromisso supremo eu reitero é honrar as mulheres, proteger os mais frágeis e governar para todos! (palmas) Venho, antes de tudo, para dar continuidade ao maior processo de afirmação que este país já viveu nos tempos recentes. Venho para consolidar a obra transformadora do presidente Luis Inácio Lula da Silva, (palmas) com quem tive a mais vigorosa experiência política da minha vida e o privilégio de servir ao país, a seu lado, nestes últimos anos. De um presidente que mudou a forma de governar e levou o povo brasileiro a confiar ainda mais em si mesmo e no futuro do seu País. A maior homenagem que posso prestar a ele é ampliar e avançar as conquistas do seu governo. Reconhecer, acreditar e investir na força do povo foi a maior lição que o presidente Lula deixa para todos nós (palmas). Sob sua liderança, o povo brasileiro fez a travessia para uma outra margem da nossa história. Minha missão agora é de consolidar esta passagem e avançar no caminho de uma nação geradora das mais amplas oportunidades. Quero, neste momento, prestar minha homenagem a outro grande brasileiro, incansável lutador, companheiro que esteve ao lado do Presidente Lula nestes oito anos: nosso querido vice-presidente José Alencar (palmas). Que exemplo de coragem e de amor à vida nos dá este grande homem! E que parceria fizeram o presidente Lula e o vice-presidente José Alencar, pelo Brasil e pelo nosso povo! Eu e o vice-presidente Michel Temer nos sentimos responsáveis por seguir no caminho iniciado por eles (palmas). Um governo se alicerça no acúmulo de conquistas realizadas ao longo da história. Ele sempre será, ao seu tempo, mudança e continuidade. Por isso, ao saudar os extraordinários avanços recentes, liderados pelo presidente Lula, é justo lembrar que muitos, a seu tempo e a seu modo, deram grandes contribuições às conquistas do Brasil de hoje. Vivemos um dos melhores períodos da vida nacional: milhões de empregos estão sendo criados; nossa taxa de crescimento mais que dobrou e encerramos um longo período de dependência do Fundo Monetário Internacional, ao mesmo tempo em que superamos nossa dívida externa. Reduzimos, sobretudo, a nossa dívida social, a nossa histórica dívida social, resgatando milhões de brasileiros da tragédia da miséria e ajudando outros milhões a alcançarem a classe média. Mas, em um país com a complexidade do nosso, é preciso sempre querer mais, descobrir mais, inovar nos caminhos e buscar sempre novas soluções. Só assim poderemos garantir, aos que melhoraram de vida, que eles podem alcançar mais; e provar, aos que ainda lutam para sair da miséria, que eles podem, com a ajuda do governo e de toda sociedade, mudar de vida e de patamar. Que podemos ser, de fato, uma das nações mais desenvolvidas e menos desiguais do mundo - um país de classe média sólida e empreendedora. Uma democracia vibrante e moderna, plena de compromisso social, liberdade política e criatividade. Queridos brasileiros e queridas brasileiras, para enfrentar estes grandes desafios é preciso manter os fundamentos que nos garantiram chegar até aqui. Mas, igualmente, agregar novas ferramentas e novos valores. Na política é tarefa indeclinável e urgente uma reforma com mudanças na legislação para fazer avançar nossa jovem democracia, (palmas), fortalecer o sentido programático dos partidos e aperfeiçoar as instituições, restaurando valores e dando mais transparência ao conjunto da atividade pública. Para dar longevidade ao atual ciclo de crescimento é preciso garantir a estabilidade, especialmente a estabilidade de preços e seguir eliminando as travas que ainda inibem

o dinamismo de nossa economia, facilitando a produção e estimulando a capacidade empreendedora de nosso povo, da grande empresa até os pequenos negócios locais, do agronegócio à agricultura familiar. É, portanto, inadiável a implementação de um conjunto de medidas que modernize o sistema tributário, orientado pelo princípio da simplificação e da racionalidade (palmas). O uso intensivo da tecnologia da informação deve estar a serviço de um sistema de progressiva eficiência e elevado respeito ao contribuinte. Valorizar nosso parque industrial e ampliar sua força exportadora será meta permanente. A competitividade de nossa agricultura e da nossa pecuária, que faz do Brasil grande exportador de produtos de qualidade para todos os continentes, merecerá toda nossa atenção. Nos setores mais produtivos, a internacionalização de nossas empresas já é uma realidade. O apoio aos grandes exportadores não é incompatível com o incentivo, o desenvolvimento e apoio à agricultura familiar e ao microempreendedor. As pequenas empresas são responsáveis pela maior parcela dos empregos permanentes em nosso país (palmas). Merecerão políticas tributárias e de crédito perenes. Valorizar o desenvolvimento regional é outro imperativo de um país continental, sustentando a vibrante economia do nordeste, preservando, desenvolvendo e respeitando a biodiversidade da Amazônia no norte, dando condições à extraordinária produção agrícola do centro-oeste, a força industrial do sudeste e a pujança e o espírito de pioneirismo do sul. É preciso, antes de tudo, criar condições reais e efetivas capazes de aproveitar e potencializar, ainda mais e melhor, a imensa energia criativa e produtiva do povo brasileiro. No plano social, a inclusão só será plenamente alcançada com a universalização e a qualificação dos serviços essenciais. Este é um passo decisivo e irrevogável para consolidar e ampliar as grandes conquistas obtidas pela nossa população no período do governo do presidente Lula. É, portanto, tarefa indispensável uma ação renovada, efetiva e integrada dos governos federal, estaduais e municipais, em particular nas áreas da saúde, da educação e da segurança, o que é vontade expressa das famílias e da população brasileira. Queridas brasileiras e brasileiros, a luta mais obstinada do meu governo será pela erradicação da pobreza extrema (palmas) e a criação de oportunidades para todos. Uma expressiva mobilidade social ocorreu nos dois mandatos do Presidente Lula. Mas, ainda existe pobreza a envergonhar nosso país e a impedir nossa afirmação plena como povo desenvolvido. Não vou descansar enquanto houver brasileiros sem alimentos na mesa, enquanto houver famílias no desalento das ruas, enquanto houver crianças pobres abandonadas à própria sorte (palmas). O conagraçamento das famílias se dá no alimento, na paz e na alegria. E este é o sonho que vou perseguir! Esta não é tarefa isolada de um governo, mas um compromisso a ser abraçado por toda sociedade. Para isso peço com humildade o apoio das instituições públicas e privadas, de todos os partidos, das entidades empresariais e dos trabalhadores, das universidades, da juventude, de toda a imprensa e de das pessoas de bem. A superação da miséria exige prioridade na sustentação de um longo ciclo de crescimento. É com crescimento que serão gerados os empregos necessários para as atuais e as novas gerações. É com crescimento, associado a fortes programas sociais, que venceremos a desigualdade de renda e do desenvolvimento regional. Isso significa - reitero - manter a estabilidade econômica como valor. Já faz parte, aliás, da nossa cultura recente a convicção de que a inflação desorganiza a economia e degrada a renda do trabalhador. Não permitiremos, sob nenhuma hipótese, que esta praga volte a corroer nosso tecido econômico e a castigar as famílias mais pobres. Continuaremos fortalecendo nossas reservas externas para garantir o equilíbrio das contas externas e bloquear e impedir a vulnerabilidade externa. Atuaremos decididamente nos fóruns multilaterais na defesa de políticas econômicas saudáveis e equilibradas, protegendo o país da concorrência desleal e do fluxo indiscriminado de capitais especulativos. Não faremos a menor concessão ao protecionismo dos países ricos que sufoca qualquer possibilidade de superação da pobreza de tantas nações pela via do esforço de produção. Faremos um trabalho permanente e continuado para melhorar a qualidade do gasto público. O Brasil optou, ao longo de sua história, por construir um estado provedor de serviços básicos e de previdência social pública. Isso significa custos elevados para toda a sociedade, mas significa também a garantia do alento da aposentadoria para todos e serviços de saúde e educação universais. Portanto, a melhoria dos serviços públicos é também um imperativo de qualificação dos gastos governamentais. Outro fator importante da qualidade da despesa é o aumento dos níveis de investimento em relação aos gastos de custeio. O investimento público é essencial como indutor do investimento privado e como instrumento de desenvolvimento regional. Através do Programa de Aceleração do Crescimento e do Programa Minha Casa Minha Vida, manteremos o investimento sob estrito e cuidadoso acompanhamento da Presidência da República e dos ministérios. O PAC continuará sendo um instrumento de coesão da ação governamental e coordenação voluntária dos investimentos estruturais dos estados e municípios. Será também vetor de incentivo ao investimento privado, valorizando todas as iniciativas de constituição de fundos privados de longo prazo. Por sua vez, os investimentos previstos para a Copa do Mundo e para as Olimpíadas serão concebidos de maneira a dar ganhos permanentes de qualidade de vida, em todas

as regiões envolvidas. Este princípio vai reger também nossa política de transporte aéreo. É preciso, sem dúvida, melhorar e ampliar nossos aeroportos para a Copa e as Olimpíadas. Mas é mais que necessário melhorá-los já, para arcar com o crescente uso deste meio de transporte por parcelas cada vez mais amplas da população brasileira. Queridas brasileiras e queridos brasileiros, junto com a erradicação da miséria, será prioridade do meu governo a luta pela qualidade da educação, da saúde e da segurança. Nas últimas décadas, o Brasil universalizou o ensino fundamental. Porém, é preciso melhorar sua qualidade e aumentar as vagas no ensino infantil e no ensino médio. Para isso, vamos ajudar decididamente os municípios a ampliar a oferta de creches e de pré escolas. No ensino médio, além do aumento do investimento público vamos estender a vitoriosa experiência do PROUNI para o ensino médio profissionalizante, acelerando a oferta de milhares de vagas (palmas) para que nossos jovens recebam uma formação educacional e profissional de qualidade. Mas só existirá ensino de qualidade se o professor e a professora forem tratados como as verdadeiras autoridades da educação, (palmas) com formação continuada, remuneração adequada e sólido compromisso dos professores da sociedade com a educação das crianças e dos jovens. Somente com avanço na qualidade de ensino poderemos formar jovens preparados, de fato, para nos conduzir à sociedade da tecnologia e do conhecimento. Queridas brasileiras e queridos brasileiros, consolidar o Sistema Único de Saúde será outra grande prioridade do meu governo (palmas). Para isso, vou acompanhar pessoalmente o desenvolvimento desse setor tão essencial para o povo brasileiro. O SUS deve ter como meta a solução real do problema que atinge a pessoa que o procura, com uso de todos os instrumentos de diagnóstico e tratamento disponíveis, tornando os medicamentos acessíveis a todos, além de fortalecer as políticas de prevenção e promoção da saúde. Vou usar a força do governo federal para acompanhar a qualidade do serviço prestado e o respeito ao usuário. Vamos estabelecer parcerias com o setor privado na área da saúde, assegurando a reciprocidade quando da utilização dos serviços do SUS. A formação e a presença de profissionais de saúde adequadamente distribuídos em todas as regiões do país será outra meta essencial ao bom funcionamento do sistema. Queridas brasileiras e queridos brasileiros, a ação integrada de todos os níveis de governo e a participação da sociedade é o caminho para a redução da violência que constrange a sociedade e as famílias brasileiras. Meu governo fará um trabalho permanente para garantir a presença do Estado em todas as regiões mais sensíveis à ação da criminalidade e das drogas, em forte parceria com Estados e Municípios. O estado do Rio de Janeiro mostrou o quanto é importante, na solução dos conflitos, a ação coordenada das forças de segurança dos três níveis de governo, incluindo - quando necessário - a participação decisiva das Forças Armadas. O êxito desta experiência deve nos estimular a unir as forças de segurança no combate, sem tréguas, ao crime organizado, que sofisticou a cada dia seu poder de fogo e suas técnicas de aliciamento de jovens. Buscaremos também uma maior capacitação federal na área de inteligência e no controle das fronteiras, com uso de modernas tecnologias e treinamento profissional permanente. Reitero meu compromisso de agir no combate as drogas, em especial ao avanço do crack, que desintegra nossa juventude e infelicitiza as nossas famílias. O pré-sal é nosso passaporte para o futuro, mas só o será plenamente, queridas brasileiras e queridos brasileiros, se produzirmos uma síntese equilibrada de avanço tecnológico, avanço social e cuidado ambiental. A sua própria descoberta é resultado do avanço tecnológico brasileiro e de uma moderna política de investimentos em pesquisa e inovação. Seu desenvolvimento será fator de valorização da empresa nacional e seus investimentos serão geradores de milhares de novos empregos. O grande agente desta política foi e é a Petrobrás, símbolo histórico da soberania brasileira na produção energética e do petróleo. O meu governo terá a responsabilidade de transformar a enorme riqueza obtida no Pré Sal em poupança de longo prazo, capaz de fornecer às atuais e às futuras gerações a melhor parcela dessa riqueza, transformada, ao longo do tempo, em investimentos efetivos na qualidade dos serviços públicos, na redução da pobreza e na valorização do meio ambiente. Recusaremos o gasto apressado, que reserva às futuras gerações apenas as dívidas e a desesperança. Queridos e queridas brasileiras e brasileiros, muita coisa melhorou em nosso país, mas estamos vivendo apenas o início de uma nova era. O despertar de um novo Brasil. Recorro a um poeta da minha terra natal, ele diz: "o que tem de ser, tem muita força, tem uma força enorme". Pela primeira vez o Brasil se vê diante da oportunidade real de se tornar, de ser, uma nação desenvolvida. Uma nação com a marca inerente também da cultura e do estilo brasileiros - o amor, a generosidade, a criatividade e a tolerância. Uma nação em que a preservação das reservas naturais e das suas imensas florestas, associada à rica biodiversidade e a matriz energética mais limpa do mundo, permitem um projeto inédito de país desenvolvido com forte componente ambiental. O mundo vive num ritmo cada vez mais acelerado de revolução tecnológica. Ela se processa tanto na decifração de códigos desvendadores da vida quanto na explosão da comunicação e da informática. Temos avançado na pesquisa e na tecnologia, mas precisamos avançar muito mais. Meu governo apoiará fortemente o desenvolvimento científico e tecnológico para o domínio do conhecimento e a

para inovação como um instrumento fundamental de produtividade e competitividade do nosso país. Mas o caminho para uma nação desenvolvida não está somente no campo econômico ou no campo do desenvolvimento econômico puro e simplesmente. Ele pressupõe o avanço social e a valorização da diversidade cultural. A cultura é a alma de um povo, essência de sua identidade. Vamos investir em cultura, ampliando a produção e o consumo em todas as regiões (palmas) de nossos bens culturais e expandindo a exportação da nossa música, cinema e literatura, signos vivos de nossa presença no mundo. Em suma: temos que combater a miséria, que é a forma mais trágica de atraso, e, ao mesmo tempo, avançar investindo fortemente nas áreas mais modernas e sofisticadas da invenção tecnológica, da criação intelectual e da produção artística e cultural. Justiça social, moralidade, conhecimento, invenção e criatividade, devem ser, mais que nunca, conceitos vivos no dia-a-dia da nossa nação (palmas). Queridas e queridos brasileiros e brasileiras, considero uma missão sagrada do Brasil a de mostrar ao mundo que é possível um país crescer aceleradamente, sem destruir o meio-ambiente (palmas). Somos e seremos os campeões mundiais de energia limpa, um país que sempre saberá crescer de forma saudável e equilibrada. O etanol, as fontes de energia hídricas terão grande incentivo, assim como as fontes alternativas: a biomassa, aço, a eólica e a solar. O Brasil continuará também priorizando a preservação das reservas naturais e de suas imensas florestas. Nossa política ambiental favorecerá nossa ação nos fóruns multilaterais. Mas o Brasil não condicionará sua ação ambiental ao sucesso e ao cumprimento, por terceiros, de acordos internacionais. Defender o equilíbrio ambiental do planeta é um dos nossos compromissos nacionais mais universais. Meus queridos brasileiros e brasileiras, nossa política externa estará baseada nos valores clássicos da tradição diplomática brasileira: promoção da paz, respeito ao princípio de não-intervenção, defesa dos Direitos Humanos e fortalecimento do multilateralismo. O meu governo continuará engajado na luta contra a fome e a miséria no mundo. Seguiremos aprofundando o relacionamento com nossos vizinhos sul-americanos; com nossos irmãos da América Latina e do Caribe; com nossos irmãos africanos e com os povos do Oriente Médio e dos países asiáticos. Preservaremos e aprofundaremos o relacionamento com os Estados Unidos e com a União Européia. Vamos dar grande atenção aos países emergentes. O Brasil reitera, com veemência e firmeza, a decisão de associar seu desenvolvimento econômico, social e político ao de nosso continente. Podemos transformar nossa região em componente essencial do mundo multipolar que se anuncia, dando consistência cada vez maior ao Mercosul e à Unasul. Vamos contribuir para a estabilidade financeira internacional, com uma intervenção qualificada nos fóruns multilaterais. Nossa tradição de defesa da paz não nos permite qualquer indiferença frente à existência de enormes arsenais atômicos, à proliferação nuclear, ao terrorismo e ao crime organizado transnacional. Nossa ação política externa continuará propugnando pela reforma dos organismos de governança mundial, em especial as Nações Unidas e seu Conselho de Segurança. Queridas brasileiras e queridos brasileiros, disse, ao início deste discurso, que eu governarei para todos os brasileiros e brasileiras. E vou fazê-lo. Mas é importante lembrar que o destino de um país não se resume à ação de seu governo. Ele é o resultado do trabalho e da ação transformadora de todos os brasileiros e brasileiras. O Brasil do futuro será exatamente do tamanho daquilo que, juntos, fizermos por ele hoje. Do tamanho da participação de todos e de cada um: dos movimentos sociais, dos que labutam no campo, dos profissionais liberais, dos trabalhadores e dos pequenos empreendedores, dos intelectuais, dos servidores públicos, dos empresários, das mulheres, dos negros, dos índios e dos jovens, de todos aqueles que lutam para superar distintas formas de discriminação. Quero estar ao lado dos que trabalham pelo bem do Brasil na solidão amazônica, no semi-árido nordestino e em todos os seus rincões, na imensidão do cerrado, na vastidão dos pampas. Quero estar ao lado dos que vivem nos aglomerados metropolitanos, na vastidão das florestas; no interior ou no litoral, nas capitais e nas fronteiras do Brasil. Quero convocar todos a participar do esforço de transformação do nosso país. Respeitada a autonomia dos poderes e o princípio federativo, quero contar com o Legislativo e o Judiciário, e com a parceria de governadores e prefeitos para continuarmos desenvolvendo nosso País, aperfeiçoando nossas instituições e fortalecendo nossa democracia. Reafirmo meu compromisso inegociável com a garantia plena das liberdades individuais; da liberdade de culto e de religião; da liberdade de imprensa e de opinião (palmas). Reafirmo o que disse ao longo da campanha que prefiro o barulho da imprensa livre ao silêncio das ditaduras. Quem, como eu e tantos outros da minha geração, lutamos contra o arbítrio e a censura e a ditadura, somos naturalmente amantes da mais plena democracia e da defesa intransigente dos direitos humanos, no nosso País e como bandeira sagrada de todos os povos. O ser humano não é só realização prática, mas sonho; não é só cautela racional, mas coragem, invenção e ousadia. E esses são os elementos fundamentais para a afirmação coletiva da nossa nação. Eu e meu vice-presidente Michel Temer fomos eleitos por uma ampla coligação partidária. Estamos construindo com eles um governo onde capacidade profissional, liderança e a disposição de servir ao país serão os critérios fundamentais.

Mais uma vez estendo minha mão aos partidos de oposição e as parcelas da sociedade que não estiveram conosco na recente jornada eleitoral. Não haverá de minha parte discriminação, privilégios ou compadrio. A partir deste momento sou a presidenta de todos os brasileiros, (palmas – vibração: Dilma, Dilma, Dilma) sob a égide dos valores republicanos. Serei rígida na defesa do interesse público. Não haverá compromisso com o desvio e o malfeito. A corrupção será combatida permanentemente, e os órgãos de controle e investigação terão todo o meu respaldo para aturem com firmeza e autonomia. Queridas brasileiras e queridos brasileiros, chegamos ao final desse longo discurso. Queria dizer a vocês que eu dediquei toda a minha vida a causa do Brasil. Entreguei minha juventude ao sonho de um país justo e democrático. Suportei as adversidades mais extremas infligidas a todos que ousamos enfrentar o arbítrio. Não tenho qualquer arrependimento, tampouco não tenho ressentimento ou rancor (palmas). Muitos da minha geração, que tombaram pelo caminho, não podem compartilhar a alegria deste momento. Divido com eles esta conquista, e rendo-lhes minha homenagem. Esta, as vezes, dura caminhada me fez valorizar e amar muito mais a vida e me deu sobretudo coragem para enfrentar desafios ainda maiores. Recorro mais uma vez ao poeta da minha terra: "O correr da vida, diz ele, embrulha tudo. A vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem" (palmas). É com esta coragem que vou governar o Brasil. Mas mulher não é só coragem. É carinho também. Carinho que dedico a minha filha e ao meu neto. Carinho com que abraço a minha mãe que me acompanha e me abençoa. É com este mesmo carinho que quero cuidar do meu povo, e a ele dedicar os próximos anos da minha vida. Que Deus abençoe o Brasil! Que Deus abençoe a todos nós! E que tenhamos paz no mundo! (palmas)

## ANEXO C

### **DISCURSO DE POSSE DE CRISTINA FERNÁNDEZ DE KIRCHNER DO DIA 10 DE DEZEMBRO DE 2007**

Muchas gracias. ¡Viva, viva la Patria, sí! Señores Jefes de Estado presentes; señores Jefes de Delegaciones; señores gobernadores; autoridades civiles, militares, eclesiásticas; pueblo de la Patria y Honorable Asamblea Legislativa: vengo esta tarde a dar cumplimiento al artículo 93 de la Constitución Nacional. Luego de haberse realizado elecciones el 28 de octubre, la fórmula que encabecé junto al ingeniero Julio Cobos, obtuvo más del 45 por ciento de los votos válidos emitidos y, por lo tanto, no corresponde, tal cual ha proclamado esta misma Asamblea Legislativa convocar a una segunda vuelta. En esos términos y en los términos del artículo 97, vengo a tomar posesión del cargo de Presidenta de la República Argentina, el honor más grande que puede tener una argentino o una argentina, ser elegida por sus compatriotas para representarlos. Este es un escenario diferente al de hace apenas cuatro años y medio, el 25 de Mayo de 2003. El Presidente, que está sentado a mi izquierda, junto a todos los argentinos cambió en estos cuatro años y medio ese escenario que teníamos aquel 25 de Mayo. Lo hizo en nombre de sus convicciones que son las mías y las de muchísimos argentinos que siempre creímos en el país y en sus hombres y en sus mujeres, en el pueblo y en la Nación, palabras que tal vez en tiempos de la globalización no suenen bien o suenen raro al menos, pero a poco de conocer a los países con más desarrollo económico y social e indagar en las claves de su crecimiento y de su desarrollo, uno puede encontrar en la defensa irrestricta de sus propios intereses, como Estados y sociedades, la clave de ese avance, la clave de ese desarrollo. Por eso, pueblo y nación en tiempos de globalización siguen más vigentes que nunca, representar los intereses de los argentinos. Puede tal vez parecer una paradoja, pero la diferencia de 22,25 puntos porcentuales que nuestra fuerza obtuvo con la que salió en segundo término, son casi los mismos 22,24 puntos que usted, Presidente, obtuvo por todo concepto en las elecciones de abril de 2003. Usted, sentado en este mismo lugar, con más desocupados que votos, se propuso dar término a dos mandatos constitucionales: el que había sido iniciado el 10 de diciembre de 1999 por imperio de la voluntad popular y el que se había iniciado un 2 de enero por voluntad de esta misma Asamblea Legislativa, luego de los trágicos sucesos del 2001. Ninguno de los dos mandatos constitucionales pudo cumplir los tiempos de la Constitución y usted pudo junto a todos los argentinos, revertir aquella sensación de frustración, de fracaso, de no poder que millones de argentinos sentíamos en esos días que corrían. Lo hizo en nombre de un proyecto político. Usted, después de todo, nunca fue un posmoderno; en tiempos de la posmodernidad, usted es un Presidente de la modernidad y me parece que yo también. Creemos firmemente en los proyectos políticos; creemos que es posible superar la individualidades que muchas veces con una frase pretendidamente escandalizadora pretenden ocupar, claro, lugares que demandan mucho más lugar si son ideas. Siempre digo, una idea, una propuesta alternativa, seria, viable, realizable lleva mucho más que dos minutos de televisión o cinco centímetros en las columnas de los diarios. Las ideas, los proyectos es lo que triunfaron este 28 de Octubre. Yo no me engaño, nunca he creído en los triunfos personales e individuales, descreo profundamente de ellos, porque creo en las construcciones colectivas y la sociedad. Este último 28 de octubre precisamente convalidó, ratificó una construcción política, social y económica diferente, lo hicimos con todos los argentinos. En el día de hoy, yo no quiero compartir con ustedes cifras o datos o venir a contar las cosas que hemos hecho en estos cuatro años y medio que han sido tan importantes, la renegociación, el pago del Fondo, la lucha sin tregua contra la desocupación, la indigencia, la pobreza en la que vamos obteniendo batallas y triunfos importantes, no el definitivo, porque siempre va a faltar la victoria definitiva mientras haya un pobre en la Patria. Esto lo tenemos muy claro. Pero quiero en esta tarde y en este lugar en el que estuve tantos años, reflexionar con ustedes acerca de lo que para mí son los cuatro capítulos fundamentales de este proceso que hemos iniciado el 25 de mayo de 2003 y que tiene en las instituciones, en la sociedad, en un modelo económico de acumulación con matriz diversificada e inclusión social y en nuestra inserción en el mundo, los cuatro ítems fundamentales: las instituciones. Yo he pertenecido durante doce años a este Parlamento, he estado sentada en esas bancas como

ustedes y con ustedes, como diputada y como senadora. Recuerdo madrugadas, fines de semanas enteros aquí sancionando el ajuste permanente; "lo pide el Fondo si no se acaba todo" era la frase que más escuchábamos en aquellos días. De allí de la política del ajuste permanente que caracterizó la década de los '90 pasamos al otro Parlamento, al que aplaudía el default. De la hazaña del ajuste a la hazaña de no pagar. Creo que, amigos y amigas senadores y diputados de todas las bancadas, hemos logrado recuperar el equilibrio, el rol constitucional que nos asigna precisamente nuestra Carta Magna, volver a ser unos los representantes del oficialismo, los otros los representantes de la oposición; cada uno cumpliendo el mandato popular que le ha conferido la ciudadanía pero volviendo a tener en el rol de senadores y diputados la libertad que no nos imponían desde el Fondo y que tal vez, desde el advenimiento de la democracia no habíamos tenido, porque si en los '90 tuvimos la presión permanente sobre el Parlamento de los organismos multilaterales y también, de otros argentinos que creían que ese era el camino, porque ellos solos no podían, se hubieran encontrado otros argentinos que le hubieran dicho que no. En los años '80 también, arrancados a este mismo Parlamento, las leyes de Obediencia Debida y Punto Final, el poder militar o el partido militar que terminaba en las postrimerías del siglo XX al luego poder económico característico de los '90 y de la globalización. Creo sinceramente que hemos recorrido un largo camino en estos años de democracia y espero profundizar este rol del Congreso, donde podamos discutir y debatir sin adjetivaciones, sin agravios, con propuestas alternativas y viables, con memoria histórica de dónde viene cada uno, qué hizo cada uno y qué representó cada uno que es lo que nos da legitimidad para poder plantear una propuesta. Quiero decirles que tengo grandes esperanzas, porque creo que estamos reconstruyendo el sistema de decisión que priva la Constitución para todos sus poderes. El Presidente que está a mi izquierda lo hizo en la Casa Rosada, volvió a resituar la política como el instrumento válido para mejorar la calidad de vida de los ciudadanos y para torcer un destino que parecía incierto, que parecía casi maldito por momentos. Curiosamente fue desde la política donde por primera vez en la República Argentina se empezó a gobernar sin déficit fiscal. Fue desde la política donde por primera vez se comenzó un proceso de desendeudamiento del país. Fue desde la política donde decidimos cancelar nuestras deudas con el Fondo Monetario Internacional, precisamente para tener nuestro modelo de acumulación con autonomía razonable en un mundo globalizado. Fue precisamente entonces desde la política y desde la Casa Rosada donde pudimos evidenciar que los argentinos podíamos porque empezábamos a creer en nosotros mismos. Y también de estos dos poderes, del Ejecutivo y del Poder Legislativo, saldamos una deuda que teníamos con los argentinos: dar una Corte Suprema de Justicia a los argentinos que no los avergonzara, honorable. Falta aún que también abordemos el resto del Poder Judicial en la reforma que necesariamente deberemos darle, para que la gente, la sociedad, los argentinos vuelvan a sentir a la Justicia como un valor reparador y equilibrador y que también será imprescindible en la reconstrucción del valor "seguridad" para todos los ciudadanos en momentos donde muchas veces resultan incomprensibles muchas decisiones que causan estupor en la ciudadanía que no alcanza a comprender en virtud de qué códigos, de qué principios o de qué leyes, se producen determinadas decisiones judiciales. Quiero que cuando discutamos estos temas lo hagamos en la misma manera de lo que decía hace unos instantes, todavía tengo presente la discusión que tuvimos durante el año 2005 cuando aprobamos la iniciativa de reforma del Consejo de la Magistratura que comenzó a tener vigencia hace ya más de un año. Recuerdo los argumentos de muchos opositores y de los medios de comunicación, que no son lo mismo pero a veces se parecen bastante. (APLAUSOS) Y quiero decirles que aquellas profecías que se desgranaron en radio, en televisión, en río de tinta acerca de que íbamos a manipular la Justicia o perseguir a los jueces probos, resultó desestimada, no por otros discursos, sino por la realidad, por la práctica concreta de un nuevo Consejo de la Magistratura que por primera vez es presidido por un académico que precisamente no es de nuestro partido, y que además, a iniciativa de una consejera oficialista y con la aprobación de todos sus miembros, por primera vez los argentinos vamos a conocer las declaraciones juradas de los hombres y mujeres que deciden sobre nuestra vida, libertad y patrimonio. No es una cuestión menor, también espero que podamos colocar a todos los argentinos en pie de igualdad tributaria, de modo tal que no haya ningún argentino que no pague impuestos. Muchas veces cuando uno escucha algunas declaraciones precisamente de aquellos hombres que deben aplicar la ley y la Constitución, pero por sobre todas las cosas la garantía de la igualdad, porque si algo debe caracterizar el ejercicio de la democracia es la igualdad ante la ley, no solamente la libertad, es la libertad y la igualdad, la una sin la otra no funcionan. Y entonces cuando uno muchas veces escucha algunas declaraciones en cuanto a que esto no es posible, comprende muchas veces la desazón que envuelve a los ciudadanos y a las ciudadanas de a pie, como a mí me gusta llamarles. Y en esta tarea de reconstruir institucionalidad, sistema democrático constitucional, creo que también ambos poderes del Estado, el Poder Ejecutivo, el Poder Legislativo y también la Corte Suprema de Justicia, los tres poderes del Estado, hemos finalmente derribado el muro de la



impunidad y decretada la anulación de las leyes de Obediencia Debida, Punto Final e Indultos, hemos aportado a la construcción del sistema democrático. Yo espero que en estos cuatro años de mi mandato, estos juicios que han demorado más de treinta años en ser iniciados, puedan ser terminados. Tenemos la obligación desde el Ejecutivo, desde el Parlamento, desde la propia Corte Suprema de Justicia y de los Tribunales, de adoptar y diseñar los instrumentos que garantizando todos los derechos y garantías que otros argentinos no tuvieron, permitan finalmente enjuiciar y castigar a quienes fueron responsables del mayor genocidio de nuestra historia. Se lo debemos a quienes fueron las víctimas; se lo debemos a sus familiares, a las Abuelas, a las Madres, se lo debemos a los sobrevivientes que no pueden seguir estando sometidos a la tortura del relato permanente de la tragedia. Y se lo debemos también a las Fuerzas Armadas, para que de una vez y para siempre, en vistas al Bicentenario, se pueda separar la paja del trigo y entonces los argentinos podamos todos volver a mirarnos a la cara. Creo también que no solo las instituciones del Estado en sus tres poderes deben abordar la reconstrucción de este nuestro país, creo que también otros estamentos de la sociedad, empresariales, dirigenciales, medios de comunicación deben saber que el hecho de no integrar el espacio público gubernamental, no los exime también de la tarea y de la responsabilidad que a cada uno de aquellos argentinos que tiene un poco más de poder, bastante más poder -diría yo- que el resto de los ciudadanos, tienen también obligación moral de construir un país distinto. Nos debemos también un relato diferente de nosotros mismos los argentinos, no autocumplencia, no de ocultamiento, pero sí el necesario reconocimiento a los logros obtenidos y, en todo caso, a marcar lo que falta, pero reconocer lo que se ha logrado. También creo que la sociedad es parte importante. No se puede cambiar un país únicamente con un buen gobierno en sus tres poderes. Para cambiar un país hace falta un buen gobierno y una buena sociedad, donde cada uno de los ciudadanos sepa que todos los días cuando toma decisiones, está también construyendo el modelo de sociedad en la que quiere vivir. Debemos interpelarnos cada uno de nosotros, más allá de los lugares que ocupemos, como ciudadanos qué hacemos todos los días para ser un poco mejores y entonces vivir en un país mejor. Esto no significa diluir responsabilidades, sino simplemente que cada uno se haga cargo de la que le corresponde en la construcción de una sociedad diferente. Pero instituciones y sociedad solo se reconocen cuando pueden lograr objetivos de mejorar la calidad de vida de la gente. Quiero poner entonces, en este nuevo modelo económico de matriz diversificada, de acumulación con inclusión social que se ha puesto en marcha la clave para los tiempos que vienen; un modelo que, reconoce en el trabajo, en la producción, en la industria, en la exportación, en el campo, la fuerza motriz que ha permitido que millones de argentinos vuelvan a recuperar no solo el trabajo, sino además las esperanzas y las ilusiones de que una vida mejor es posible. Creo que debemos superar ese tabú histórico que siempre hubo entre todos los argentinos de que si el modelo era la industria, de que si el modelo era el campo. Creo que podemos y lo estamos demostrando que en un modelo de acumulación campo e industria tienen sinergia. Siempre digo, me encantaría vivir en un país donde los mayores ingresos tal vez los produjera la industria. Seguramente estaríamos viviendo en los grandes países desarrollados, donde la industria siempre ha subsidiado al campo. Pero este es el modelo que se eligió muchas veces en el siglo pasado y de lo que se trata entonces es de consensuar esencialmente la profundización de este modelo que nos ha permitido mejorar sustancialmente la calidad de vida de los argentinos. Y aquí hay roles importantes que cumplir, el acuerdo al que hemos hecho mención permanente durante toda nuestra campaña y que no es un acuerdo de precios y salarios. Yo no he venido a ser Presidenta de la República para convertirme en gendarme de la rentabilidad de los empresarios; que se olviden. Tampoco he venido a ser Presidenta para convertirme en parte de alguna interna sindical o política. Tampoco, tampoco. El acuerdo del que hablo es el acuerdo de las grandes metas, de los grandes objetivos, cuantificables, verificables y luego iremos por sector y por actividad analizando cuál es más competitivo, cuál nos puede dar mejor ventaja, dónde se necesita inversión, dónde innovación tecnológica. Tampoco es casual la decisión de haber elevado a rango de ministerio a la investigación y la tecnología. Creo que allí está la clave o una de las claves para que la competitividad no solamente sea por el tipo de cambio, sino también por la innovación y la investigación. Esto lleva tiempo, esfuerzo, perseverar en los objetivos. Nadie puede hacer las cosas en dos o tres años. Se trata entonces de poder sentar las bases de acumulación para que luego las elecciones democráticas que marca la Constitución no signifiquen que cada cuatro años los argentinos cambiamos de modelo económico y en una política pendular terminamos frustrando todo. Nadie puede vivir cada cuatro años cambiando absolutamente todo. Siempre hay que cambiar las cosas que se han hecho mal o hacer las que no se han podido hacer, pero rescatando y profundizando las que se hicieron bien. Este tipo de discusión, este tipo de debate es, el que creo, nos debemos todos los argentinos. En los roles también está el del Estado, el de un Estado que ha decidido colocar a la educación como el otro eje fundamental de transformación y de agregar competitividad. El Presidente que está a mi izquierda y yo somos hijos de la escuela

pública y de la universidad pública y gratuita. No es casualidad, no somos hijos de personas con mucho dinero, somos hijos de trabajadores y él es Presidente y yo soy Presidenta; somos eso, producto de la educación pública. Pero también quiero decir que aquella educación pública no es la de hoy. Quiero decirlo con valentía porque lo siento. Yo me eduqué en una escuela donde había clases todos los días, donde los maestros sabían más que los alumnos, donde nosotros teníamos que estudiar todo el día para poder aprobar y pasar, porque creíamos en el esfuerzo, porque creíamos en el sacrificio. Lo recuerdo como si fuera hoy, seguramente mi madre aquí también me recuerda, horas sentada estudiando. Porque no hay financiamiento estatal que valga. Podemos destinar no seis puntos del Producto Bruto, podemos destinar diez, pero si no hay capacitación y formación docente, si los alumnos no estudian, si la familia no se hace cargo, en fin si todos no trabajamos y nos esforzamos y cooperamos en lograr el bien común, va a ser muy difícil no solamente lograr una mejor calidad de educación sino también seguramente un mejor país. Y a eso los convoco a todos, a los padres, a los alumnos, a los docentes, a una escuela pública diferente. Debemos encontrar aquellos que siempre hemos defendido a la educación pública, porque además, hoy, cuando se producen brechas de equidad en la sociedad son precisamente los sectores más vulnerables, los más pobres los que van a la escuela pública. Los que tienen plata pueden mandar a sus hijos a una universidad privada o a un colegio privado. Los que no tienen nada los mandan cuando pueden a la escuela pública, entonces todos los que formamos y formamos parte de la escuela pública debemos encontrar formas dignas de lucha por los derechos que cada uno tiene pero esencialmente defendiendo con inteligencia a la escuela pública. Porque muchas veces con grandes objetivos, grandes discursos y grandes ideales hemos llegado a grandes fracasos. Mi generación de eso puede dar cátedra. Quiero entonces convocar precisamente para esta tarea que nos debemos todos los argentinos. Un Estado también que coloque a la infraestructura económica y social como otro de los ejes de la inversión y del desarrollo de la actividad económica, como lo hemos hecho en estos últimos cuatro años y medio donde estamos transformando el país. Pueden dar fe de ello los gobernadores que hoy nos acompañan, de todos los partidos políticos y el Presidente que está sentado a mi izquierda. Es casualidad no más que esté sentado a mi izquierda porque yo lo he repetido varias veces, no sea que se lo crea. Creo que esta gestión ha dado muestra suficiente de que no se ha reparado cuál era el origen partidario o ideológico del gobernador o del intendente. Creemos profundamente en la transformación, en el hacer y en el trabajar y hemos fructificado uniéndonos a hombres y mujeres de distinta pertenencia partidaria con un solo objetivo: cumplir con el mandato popular. No nos votan para que nos peleemos entre nosotros. Nos votan para que trabajemos por ellos, los ciudadanos y las ciudadanas. Esto creo, es lo que también tenemos que hacer para mejorar la movilidad social ascendente que ha sido precisamente lo que ha caracterizado a este país dándonos una poderosa clase media y que permite que hijos de trabajadores puedan llegar a la Primera Magistratura del país. Ese es el país que tenemos que reconstruir los argentinos, reconociéndonos -es cierto- en nuevos instrumentos y en nuevas políticas, porque vivimos también en un mundo diferente y de esto finalmente es de lo que quiero hablar, de nuestra inserción en el mundo. Ayer, en el Salón Blanco de la Casa de Gobierno tuve la fotografía que creo que es la fotografía de nuestra historia, de nuestros orígenes, de nuestros intereses. Allí, el Presidente del Brasil que hoy nos acompaña, el Presidente de Ecuador, el Presidente de Paraguay, el Presidente de Bolivia, el Presidente de Venezuela junto a nuestro Presidente firmaban el Acta Fundacional de lo que espero sea un instrumento para la transformación económica y social de nuestros pueblos. Esta es nuestra Casa la América latina que también tiene nombre de mujer y que no significa que nos neguemos al mundo, el MERCOSUR, nuestro espacio al que esperamos que se incorpore a la brevedad Venezuela para cerrar la ecuación energética de América latina, porque alimentos y energía serán la clave de un futuro que ya está aquí en la puerta, que no es tan lejano. Quiero también agradecer la presencia del Presidente de la República Oriental del Uruguay, el doctor Tabaré Vázquez Quiero decirle con toda la sinceridad que siempre he tenido en toda mi práctica política, que no va a tener de esta Presidenta un solo gesto que profundice las diferencias que tenemos, pero también con la misma sinceridad quiero decirle que esta situación que hoy atravesamos no nos es imputable. Porque más allá de medidas que muchas veces podemos no compartir, lo cierto es que nosotros nos hemos presentado en la Corte Internacional de La Haya porque se ha violado el Tratado del Río Uruguay al instalar las pasteras. Este y no otro es el conflicto; resituar el conflicto requiere también un ejercicio de sinceridad por parte de todos nosotros que no significa ahondar la diferencia; simplemente saber cuál es la diferencia para darle gobernabilidad a esa conflictividad hasta tanto resuelva como corresponde a los Estados de derecho el Tribunal Jurídico Internacional que ambos pactamos en el caso de controversias. Esta es hoy la situación pero sepan compatriotas del Uruguay, de la Patria Grande, que lo sentimos los argentinos y lo vamos a sentir siempre nuestros hermanos. Que de esto no haya ninguna duda. Quiero también hacerme eco del llamado al Presidente de la

República Argentina por parte del señor Presidente de la República de Francia, Nicolás Sarkozy, para que colaboremos en la negociación o en lo que podamos hacer en cuanto a lograr la liberación de la ciudadana franco-colombiana Ingrid Betancourt cuya madre hoy también nos acompaña aquí. Quiero comprometer el esfuerzo de nuestra diplomacia, el esfuerzo de nuestro país y también solicitar a Dios ilumine al señor Presidente de la hermana y querida República de Colombia para poder alumbrar a una solución que exige el derecho humanitario internacional, sin que esto signifique inmiscuirnos de ningún modo en cuestiones internas de otro país. Pero creo que hay un derecho humanitario internacional que amerita que pongamos todo el esfuerzo, toda la voluntad posible para no llegar demasiado tarde. Allí estará la Argentina ayudando en todo lo que sea posible para lograr una solución. Finalmente, queremos en este mundo global también fijar nuestra posición en cuanto a una necesidad imperiosa, la reconstrucción del multilateralismo. Un mundo unilateral es un mundo más inseguro, más injusto. Hemos vivido los argentinos dos veces, en 1992 y 1994, los ataques del terrorismo global. La lucha en la que estamos comprometidos contra ese terrorismo tampoco nos debe llevar a justificar que por temor al terrorismo global incurramos en la violación global de los derechos humanos. No creo en esa ecuación. No lo creo por convicción y no lo creo por estrategia política en la lucha contra el terrorismo. Creo que, por el contrario, es una estrategia que abona y que es absolutamente funcional a los objetivos que ellos pretenden lograr. Por eso creo que es no solamente de gente sensible ante la condición humana, sino inteligente adoptar metodologías que precisamente no conlleven ningún tipo de violación a los derechos humanos. Quiero también reafirmar, una vez más, nuestro reclamo irrenunciable e indeclinable a la soberanía sobre nuestras Islas Malvinas y llamamos al país ocupante, que en todos los foros internacionales luce como adelantado y respetuoso, que hay una situación de enclave colonial aquí denunciada ante Naciones Unidas y que es hora de volver a cumplir el mandato de esas mismas Naciones Unidas de las que todos formamos parte. Creo entonces que la reconstrucción de la multilateralidad es un poco más seguro, porque bueno es decirlo las cosas han cambiado de tal modo que no solamente la multilateralidad sino la equidad serán las que permitirán vivir en un mundo más seguro. Para terminar, quiero convocar a todos los hombres y mujeres de mi país, a los jóvenes, a los ciudadanos, a las ciudadanas, a las que nos votaron y a los que no lo hicieron, porque en definitiva hoy estamos representando los intereses de todos, quiero hacerlo también desde mis convicciones, ustedes lo saben, como quien se va, como el Presidente formamos parte y muchos de ustedes también de los que están aquí sentados, que no somos marceanos ni Kirchner ni yo, somos miembros de una generación que creyó en ideales y en convicciones y que ni aún, ante el fracaso y la muerte perdimos las ilusiones y las fuerzas para cambiar al mundo. Tal vez, estemos un poco más modestos y humildes. En aquellos años soñábamos con cambiar el mundo, ahora nos conformamos con cambiar este nuestro país, nuestra casa. Sé que faltan muchas cosas, sé que tendremos que corregir otras. Estoy convencida de que lo vamos a poder hacer con el esfuerzo y el trabajo de todos los argentinos. También -porque saben, que la sinceridad es uno de mis datos proverbiales- sé que tal vez me cueste más porque soy mujer, porque siempre se puede ser obrera, se puede ser profesional o empresaria, pero siempre nos va a costar más. Estoy absolutamente convencida. Pero creo tener la fuerza para poder hacerlo y además el ejemplo, el ejemplo no solamente de Eva que no pudo, no pudo, tal vez ella lo merecía más que yo, el ejemplo de unas mujeres que con pañuelo blanco se atrevieron donde nadie se atrevía y lo hicieron. Ese era el ejemplo de ellas, de las Madres y de las Abuelas, de las Madres y de las Abuelas de la Patria. Ese era el ejemplo de ellas y también de nuestros próceres, de Mariano Moreno, de San Martín y de Belgrano. Quiera Dios y me ilumine para que me equivoque lo menos posible, que me ayude a escuchar, que me ayude a decidir. Lo voy a hacer como siempre he hecho todas las cosas que he emprendido en mi vida: con mis convicciones, con mis ideas y, por sobre todas las cosas, con mi inmenso y eterno compromiso con la Patria. Muchas gracias.

## ANEXO D

### **DISCURSO DE POSE DE LAURA CHINCHILA DE MIRANDA DO DIA 8 DE MAIO DE 2010**

Señores Jefes de Estado que nos honran con su presencia, Señoras y señores miembros de los Supremos Poderes de Costa Rica, Señores representantes oficiales, Oficiales de Gobiernos amigos, Queridas y queridos costarricenses: me presento ante ustedes con el corazón henchido de agradecimiento por la responsabilidad que han depositado en mí. Me presento con la humildad de quien sabe que no podrá tener éxito en su tarea si no es capaz de convocar a ella a todas y todos los ciudadanos de buena fe. Me presento con los brazos abiertos para estrechar en ellos a Costa Rica, con toda su gente, en toda su geografía, en toda su unidad y su espléndida diversidad. Nos hemos congregado aquí, al aire libre y bajo el Sol, circundados de montañas, más allá de las cuales se enfilan cordilleras y llanuras para arribar, en una distancia de solo 119 kilómetros entre sí, a la inmensidad de dos océanos. Las montañas nos elevan al infinito, como invocación de trascendencia, y la majestad de los océanos nos señalan la senda de la universalidad y de la hermandad. Un compatriota, Franklin Chang, veterano de siete viajes espaciales, conjuga en Guanacaste, frente al océano Pacífico, ambas dimensiones. Nuestro astronauta sueña y refina con un grupo de científicos y trabajadores el motor de plasma para ascender, con la celeridad del espíritu, hacia el espacio sideral, testimonio singular, como el de muchos otros compatriotas, de excelencia y de superación. Alrededor de nosotros, hechas una con la Tierra, las esferas que decoran este escenario nos recuerdan nuestras raíces ancestrales. Sembradas por los indios borucas en medio de nuestros bosques tropicales del sur, representan su búsqueda gozosa de armonía y de unidad, como plasmando, desde el alba de nuestro pueblo, un hilo conductor en nuestra historia. El boyero y la carreta, por su parte, nos recuerdan al labriego sencillo, portador de nuestras raíces rurales, que configuraron una sociedad de pequeños propietarios, forjadores de nuestra democracia. Nos acompañan también las mascaradas, donde se entremezclan y se igualan, a punta de barro y papel, los personajes de nuestra mitología popular con los habitantes de nuestras comunidades. En el marco de esta geografía y de este simbolismo celebramos la renovación del rito democrático en la democracia más antigua de América Latina, que ya en el siglo diecinueve convirtió la educación, costeadada por el Estado, en un derecho universal, que en ese mismo siglo eliminó la pena de muerte en un gesto de exaltación a la vida, y que hace 61 años, al abolir el ejército, le declaró la paz al mundo. Al amado pueblo de Costa Rica y a quienes conviven con nosotros les reitero mi promesa de servirles con humildad, honestidad y firmeza. Al Presidente, don Óscar Arias, le ratifico mi reconocimiento fervoroso, el de mi gobierno y el de nuestra gente por sus imborrables servicios a la patria, que abrieron una ancha senda de confianza y esperanza para el país. Comparto mi fe democrática y mis ilusiones por Costa Rica con los candidatos presidenciales en la justa electoral pasada. Su presencia en este acto es signo de mejores días para Costa Rica. Saludo agradecida y emocionada a nuestros distinguidos visitantes, representantes de gobiernos e instituciones internacionales, a quienes les renovamos nuestra amistad y les tendemos nuestra mano amiga. Acabo de jurar a Dios y prometer a la Patria que observaré y defenderé la Constitución y las leyes de la República, y que cumpliré fielmente los deberes de mi cargo. Este es mi legado, por él debo rendir cuentas y por él quiero que me juzguen. Esta no es una opción política. Es la consecuencia ineludible de un juramento solemne en el que resaltan, en el orden práctico, el Estado de derecho y la potencia del sentido del deber personal. El juramento constitucional me obliga a dar testimonio de su cumplimiento, tanto por mí, pero también, y por extensión, por todas y todos los habitantes. Esta responsabilidad compartida es nuestra mayor riqueza social y económica, pues ninguna estructura al margen de la responsabilidad puede garantizar el desarrollo. Hago hincapié en este compromiso constitucional porque contiene los valores más altos del ser humano y de la democracia, que a toda costa debemos mantener y fortalecer, por representar criterios capaces de orientarnos sobre los

problemas del país y del mundo. Vivimos un período de hondas mutaciones y múltiples desafíos que nos obligan a opciones legales y morales: desde el frenesí del armamentismo hasta el hambre y la desnutrición; desde el amparo de la bioética hasta el desarraigo de la familia, desde la agresión incontenible contra las mujeres y los niños hasta la violación de la vida privada; desde la desigualdad y la exclusión hasta la inhumana ostentación del poder económico; desde la fractura de la alianza entre el ser humano y la naturaleza hasta el avance avasallador de la criminalidad y el narcotráfico. La lista es amplia. Uno de sus capítulos más aleccionadores ha sido la reciente crisis económica, urdida y causada por el antivalor de la ambición. Aunque se ha acrecentado la sensibilidad por los derechos humanos y la irradiación de los valores éticos, la confusión conceptual y la lentitud de la reacción ensombrece aún el panorama de la vida. Los derechos individuales disociados del cumplimiento de los deberes resquebrajan la sociedad. La democracia sin responsabilidad ahoga la libertad. El disentimiento enriquecedor de la democracia, sin la contrapartida de la responsabilidad, desemboca en el caos y en la ingobernabilidad. Las vías de hecho y la impunidad favorecen al agresor en el Estado, en la familia, en la escuela o en la calle. La democracia es rechazo de la arbitrariedad y apertura a la legalidad. La democracia es derecho a deliberar, pero, al mismo tiempo, obligación de decidir. La democracia es derecho a objetar, pero también imperativo y campo abierto para participar y proponer. La democracia nos invita a disfrutar de lo que nos pertenece y hemos forjado mediante nuestro talento y nuestro trabajo, pero también nos impulsa a abrirnos con generosidad a los que tienen poco o carecen de todo. Es respetar y acompañar a quienes padecen limitaciones y que también merecen satisfacer sus ilusiones. Democracia es, en fin, creación sin tregua de oportunidades. Hoy vengo a reafirmar mis convicciones frente a estas desafiantes y justas dimensiones de la democracia y a proponer que nos unamos en un solo haz para realizarlas con entereza. Me presento ante ustedes enriquecida por las ideas que han hecho grande a nuestra patria, inspirada en los mejores valores y estimulada por una propuesta y una visión de país que las y los costarricenses consideraron merecedora de sus votos y que habremos de cristalizar en soluciones concretas con los más diversos sectores de nuestro país. Las elecciones son apenas un instante, crucial pero pasajero, en la vida de la nación. La tarea de construir la patria con la que soñamos es, en cambio, una obligación permanente. Pasadas las elecciones, se han creado y abierto espacios para conversar y desembocar en acuerdos concretos de bien común. Este es el momento para construir una política en la que el liderazgo no consista en dictar una clase o articular una arenga, sino en compartir coincidencias y articular acuerdos. Costa Rica es la patria que compartimos y nuestro hogar común. En esta casa que nos abriga, nadie debe pretender el monopolio de la verdad. Constituye, más bien, un imperativo ético escuchar, poner oído atento y deliberar. Esta premisa orientará la acción de mi gobierno. Guiado por ella, abriré las puertas a todas y todos los costarricenses; no sólo a los partidos políticos y a los gremios sociales o empresariales, sino también a los ciudadanos que a menudo nadie representa. Mi gobierno se esforzará en ser de todas y de todos, en procura siempre del bien común, con respeto y mente abierta. Me presento ante ustedes con la seguridad de que la tarea que emprenderemos en los próximos cuatro años habrá de acercarnos aún más al destino que nos hemos fijado como nación ya casi bicentenaria. Honraremos así la visión y el tesón heroico de nuestros antepasados, al construir, en pocos años, en medio de su pobreza, una nación de leyes y de valores. Por eso estamos aquí; por eso estamos compartiendo esta fiesta de la democracia. Trabajaremos en equipo por una Costa Rica más segura y más tranquila, con mayor y mejor presencia policial, con una más depurada cultura de legalidad para que los niños, las niñas y los jóvenes disfruten, sin temor, de los bienes de la libertad. Lucharemos también arduamente por una nación más segura de sus valores, de su sentido de responsabilidad, llena de confianza en su capacidad para alcanzar las más altas metas que nos hemos propuesto y que merecemos. Mediante acciones eficaces, ordenadas y debidamente coordinadas, trabajaremos por una Costa Rica más educada y preparada, más sana, con más y mejores viviendas, con opciones de cuidado para sus niños, niñas y adultos mayores, y que haga del combate a la pobreza su mayor compromiso. Trabajaremos por una Costa Rica más próspera y competitiva, generadora de riqueza, comprometida con las micro, pequeñas y medianas empresas, y con empleos más productivos y mejor remunerados. Una Costa Rica en que debemos buscar el éxito individual que surge del esfuerzo, del talento, del rigor y de la imaginación, siempre que los logros de unos no conspiran contra los derechos y legítimos intereses de los otros. Trabajaremos por una Costa Rica más verde y más limpia, por una economía pujante, respetuosa de sus recursos naturales y capaz de producir la energía que consume de fuentes cien por ciento renovables. Una Costa Rica próspera y verde: lo próspero, compartido por todos; lo verde, protegido por todos. Trabajaremos por una Costa Rica más innovadora, más inteligente y más emprendedora con una nueva economía impulsada por la biotecnología, la agricultura orgánica, la industria audiovisual, las infocomunicaciones y la industria aeroespacial, entre otras. Una Costa Rica donde el conocimiento y el desarrollo tecnológico tengan

como fin último la dignificación y no la degradación del ser humano. Una Costa Rica, por ello, que deberá potenciar el valor de su gente. Trabajaré por una Costa Rica capaz de mantener su liderazgo moral en el mundo gracias a la defensa de la paz, la libertad y los derechos humanos. Proyectando con más fuerza su firme determinación de luchar por la sostenibilidad de nuestro planeta, y compartiendo sin prejuicios ni vanidades las luchas comunes que deberemos librar de la mano de nuestras hermanas repúblicas centroamericanas. Trabajaremos por una Costa Rica nutrida de los valores fundamentales de la solidaridad, de la responsabilidad, del apego a la verdad, de la transparencia y de las virtudes cívicas, capaz de rechazar con firmeza las falsas promesas del egoísmo, la arrogancia y la indiferencia. Esos esfuerzos y esas metas, que asumo hoy junto con un equipo de mujeres y hombres igualmente comprometidos con estos valores, serán vitales para enfrentar nuestros retos como sociedad. Desafíos y esperanzas. Retos e ilusiones. Historia y futuro. Solidez para afianzarnos y disposición para avanzar con presteza y entusiasmo. Realismo y visión y, sobre todo, arraigo en lo mejor de nuestra historia para labrar el porvenir. Así, así me presento ante ustedes, queridas y queridos compatriotas, convencida de mis propósitos, ideales y limitaciones personales, pero segura de la calidad de mis colaboradores y del apoyo del pueblo de Costa Rica, que merece lo mejor de nosotros. Mi compromiso es con la vida y con lo mejor de la vida, con los valores éticos, nuestra mejor carta de triunfo ante problemas internos y los desafíos de la globalización. Su vivencia plena, en el seno de las familias, en las aulas, en las empresas, en la calle, en los estadios, en los laboratorios, en todas nuestras actividades, les dará sentido a nuestro desarrollo y a nuestras vidas. Inspirada en estos valores, comparto con ustedes la historia reciente de un niño costarricense. Sus padres Gustavo y Alejandra me han permitido narrar la misma. Se trata de Gustavo González. Él fue presa del cáncer; fue uno de esos niños por los que se desviven nuestras familias y nuestro maravilloso Hospital Nacional de Niños. A los nueve años falleció, tras un combate intenso, por tres años, de él y de sus padres, por la vida. Una de sus diversiones, pasatiempos o hobbies consistía en armar legos que, iba colocando, uno a uno, uno encima o al lado de otro, para completar las figuras de su imaginación. Disfrutaba con intensidad todo lo que hacía, solo le faltó, según sus últimas palabras, “mojarse en media calle bajo la lluvia”. Una vez una maestra le preguntó: “¿Tenés algún hobby o diversión especial?” “Sí, maestra”, le respondió el niño: “Mi hobby es vivir”. Nuestro compromiso, costarricenses, es vivir así, con este coraje, con esta ilusión, con este sentido del tiempo y de la dignidad personal. Somos una nación de hermanas y de hermanos. Y la fecunda labor de todos hará que en nuestra tierra y en nuestros mares; que en cada uno de nuestros cantones y en cada uno de nuestros corazones; es decir, en toda Costa Rica, vivan por siempre el trabajo y la paz. Muchas gracias y que Dios y la Virgen de Los Angeles nos ilumine y bendiga.